



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

MAIARA SOUSA SOARES

**PROCESSOS REFERENCIAIS POR NOME PRÓPRIO COMO ESTRATÉGIAS
ARGUMENTATIVAS**

FORTALEZA

2018

MAIARA SOUSA SOARES

PROCESSOS REFERENCIAIS POR NOME PRÓPRIO COMO ESTRATÉGIAS
ARGUMENTATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Linguística.
Área de Concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S655p Soares, Maiara Sousa.
Processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas / Maiara Sousa Soares. – 2018.
118 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

1. Processos referenciais. 2. Nome próprio. 3. Estratégia Argumentativa. I. Título.

CDD 410

MAIARA SOUSA SOARES

PROCESSOS REFERENCIAIS POR NOME PRÓPRIO COMO ESTRATÉGIAS
ARGUMENTATIVAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestra em Linguística.
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 19/04/2018

BANCA EXAMINADORA

Mônica Magalhães Cavalcante

Profª. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Mariza Angélica Paiva Brito

Profª. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Valdinar Custódio Filho

Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

À minha mãe, Maria Luiza, meu maior amor,
e ao meu bisavô Chico (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

A Deus e à Nossa Senhora de Fátima, por todas as graças recebidas até este momento. Deus me fez forte diante de tudo e me fez acreditar que eu sou maior do que pareço. Eu sou capaz. À Nossa Senhora de Fátima, agradeço pela interseção e por me acalmar nos momentos difíceis, na vida acadêmica e na vida pessoal.

Aos meus pais, à minha mãe Maria Luiza, por sempre me apoiar em todos os meus sonhos, desde a graduação. Não foi fácil, mas nós chegamos aqui. Obrigada por sempre acreditar na minha capacidade de crescimento, por me ajudar e por fazer mundos e fundos para que eu não desistisse, em meio às nossas condições, dos estudos. Não seria possível sem seu amor incondicional, seu cuidado e seu carinho. Te amo.

Aos meus irmãos, em especial, o caçula Natan, por me trazerem sorrisos e momentos de descontração nos raros fins de semana que estive em casa nos últimos dois anos, ou melhor, nos últimos anos desde meu ingresso na UFC.

À minha orientadora Mônica Cavalcante, por ter me acolhido no Prottexto, em 2012, quando eu mesma não sabia aonde mais me encaixar. Agradeço mais ainda por ter me acolhido em seu coração como uma filha. A senhora muda vidas, a minha mudou. Obrigada por tudo.

À minha amiga Mayara Martins, minha irmã do coração, por sempre me passar tranquilidade, paz, por dividir cafés e tapiocas nas tardes de estudos, por ser sempre uma energia boa em minha vida. Muito obrigada por ser este “tu”.

Ao meu amigo Araújo, pelo ombro amigo, pelo apoio e pela confiança em mim.

Às minhas amigas da vida, do trabalho e das saídas, Jucilene, Aninha, Mariana, Isabelle, Jéssica, Beatriz, Naiara, Rakel pelo apoio, pelas risadas e pelas tentativas incansáveis de ser fitness durante o mestrado. Obrigada por todo o incentivo nesta etapa. Também agradeço pelos abraços de Alisson, Isadora, Shirlene e Gleice.

Ao grupo de pesquisa Prottexto, em especial, Mariza e Valdinar pelos momentos de discussão e de brincadeiras, tornando a tarefa de pesquisar e dissertar divertida e feliz.

Aos meus professores da educação básica, em especial, Eliane, Aureliano, Beto, Átila, entre outros, por terem creditado fé em mim desde os anos iniciais de minha formação.

Aos meus professores da Graduação e Pós-Graduação pela contribuição valiosa nos meus estudos.

À minha casa, minha Universidade Federal do Ceará.

Ao CNPq, pela bolsa concedida durante os dois de mestrado na Universidade.

Texto

*Modelo posto, tela branca, artista atento.
Aquarela e pincel nas mãos?
Não! As palavras dão cor.*

*Reproduzirá sob a perspectiva do poeta,
[imagens várias,
Resultado abstrato, concreto...
A cor das palavras mostra nuances várias,
[Sob olhares vários*

*Que se vê nas cores aparentemente fixas?
Vemos a extensão do que nos é permitido
[ver.
A cor do texto nunca será a mesma depois
de cada olhar*

*Delírios de cores que nos apresentam os
[textos.
Abramos os olhos!*

Ioláudo Castro (in memoriam)

RESUMO

Esta dissertação objetiva analisar como os processos referenciais por nome próprio compõem estratégias argumentativas para a condução persuasiva de textos. Conforme Cavalcante (2017), a escolha de determinados processos referenciais orienta a argumentação do texto. Por essa razão, propusemos analisar, sob uma perspectiva sociocognitiva e discursiva da referenciação, os processos de introdução e retomada anafórica dos referentes que são, respectivamente, apresentados e recategorizados com a colaboração do uso de nomes próprios. Defendemos que, sob a ótica da Linguística Textual, o nome próprio pode ser analisado como um objeto de discurso negociado entre os interlocutores na dinâmica da enunciação (MONDADA; DUBOIS, 2003; CAVALCANTE, 2011). A metodologia é de base qualitativa e método hipotético-dedutivo; as ocorrências que compõem os dados analisados compreenderam 20 textos de gêneros discursivos diversos, como artigo de opinião, crônica jornalística, *post do Facebook* e *post do Twitter*, charges, sobre a temática do cenário político brasileiro do ano de 2016, sendo apresentados na dissertação 10 exemplos. Na pesquisa, foram testadas as seguintes hipóteses: a) a introdução referencial com nome próprio – com a presença de amálgama - expressa um ponto de vista que pode ser confirmado ao longo do texto (SILVA, 2013) e, nas retomadas recategorizadoras com antropônimo, conforme Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2016), pode acrescentar e confirmar informações (CUSTÓDIO FILHO, 2011 e CAVALCANTE; BRITO, 2016), construindo efeitos de humor e sátira nos gêneros em análise; b) uma modificação de natureza formal na expressão referencial por nome próprio, como amálgama (MONTEIRO, 2002), gera efeitos persuasivos, os quais estão a serviço da construção de um ponto de vista e da orientação argumentativa do texto. Nesses casos, os processos referenciais por nome próprio são evidências de estereótipos culturais. Após as análises, constatamos a relevância da consideração dos processos referenciais com nome próprio em virtude de sua importância para a apresentação do referente e para as retomadas recategorizadoras, pelo uso estratégico de modificações morfológicas nessas expressões, com a finalidade de persuadir o interlocutor com acréscimos e confirmações dos objetos de discurso. Dessa forma, o apelo a nomes próprios, tanto em introduções referenciais quanto em anáforas diretas e indiretas, contribui para a dimensão argumentativa do texto, pois, por meio de associações a estereótipos, influencia os modos de ver e sentir do interlocutor.

Palavras-chave: Processos referenciais. Nome próprio. Estratégia argumentativa.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze how the referential processes by proper names compose argumentative strategies to the persuasive conduction of texts. According to Cavalcante (2017), the choice of certain referential processes orients the text argumentation. For this reason, we intended to analyze, under a sociocognitive and discursive perspective of referentiality, the introduction and anaphoric retakes processes of the referent that are, respectively, presented and recategorized with the collaboration of proper names. We support that, under the Textual Linguistics optics, the proper name can be analyzed as an object of discourse negotiated between interlocutors during the dynamic of enunciation (MONDADA; DUBOIS, 2003; CAVALCANTE, 2011). The methodology consists in a qualitative basis and hypothetical-deductive method; the occurrences that compose the analyzed data embrace 20 texts from several discursive genres, such as opinion articles, journalistic chronicles, Facebook and Twitter posts, charges, about the Brazilian political scenario in 2016. In the research, were tested the following hypothesis: a) the referential introduction with proper names – under the presence of amalgam – expresses a point of view that can be confirmed along the text (SILVA, 2013) and, in the recategorized retakes with anthroponymy, according to Custódio Filho (2011) and Cavalcante and Brito (2016), can add and reassure information (CUSTÓDIO FILHO, 2011 and CAVALCANTE; BRITO, 2016), building humor and satire effects on the analyzed genres; b) a formal modification in the referential expression by proper name, as amalgam (MONTEIRO, 2002), generates persuasive effects, which are at the service of a point of view and argumentative orientation in the text. In these cases, the referential processes by proper names can be evidences of cultural stereotypes. Upon the analyzes, we established the relevance of referential processes with proper names due to their importance to the referent presentation and to the recategorized retakes, by the strategic usage of morphologic modifications on these expressions, towards persuading the interlocutor with additions and confirmations of the object of discourse. Therefore, the appeal to proper names, in referential introductions as much as in direct and indirect anaphors, contributes to the text argumentative dimension, since, through the association to stereotypes, influences the ways of seeing and feeling of the interlocutor.

Key-words: Referential processes. Proper names. Argumentative Strategy.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE NOME PRÓPRIO	19
2.1 A referência e os nomes próprios para a filosofia da linguagem.....	19
2.2 A linguística dos nomes próprios.....	23
2.2.1 <i>Abordagem morfológica dos nomes próprios</i>	23
2.2.2 <i>Abordagem gramatical dos nomes próprios</i>	24
2.2.3 <i>Abordagem semântica e cognitiva dos nomes próprios</i>	27
2.2.4 <i>Abordagem textual e discursiva dos nomes próprios</i>	34
3 OS FUNDAMENTOS DA REFERENCIAÇÃO NA LINGUÍSTICA DE TEXTO	45
3.1 Do objeto do <i>mundo</i> ao objeto de <i>discurso</i>	45
3.2 Os processos referenciais	49
3.2.1 <i>A introdução referencial</i>	49
3.2.2 <i>As anáforas</i>	52
3.2.2.1 <i>As anáforas diretas</i>	53
3.2.2.2 <i>As anáforas indiretas</i>	54
3.2.2.3 <i>O processo de encapsulamento</i>	55
3.2.2.3.1 <i>A introdução referencial encapsuladora</i>	56
3.2.2.3.2 <i>A anáfora encapsuladora</i>	57
3.3 O fenômeno da recategorização	58
3.4 A orientação argumentativa do texto: o nome próprio como estratégia argumentativa.....	67
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS	73
4.1 Caracterização da pesquisa	73
4.2 Procedimentos de análise e coleta	74
4.2.1 <i>Delimitação do universo</i>	74
4.2.2 <i>Categorias de análise</i>	76
4.2.3 <i>Procedimentos de coleta</i>	78
4.2.4 <i>Procedimentos de análise</i>	78
4.3 Análise dos dados	78

<i>4.3.1 Modos de apresentação e de recategorização dos referentes por nomes próprios</i>	79
<i>4.3.2 Processo de formação de nomes próprios: amálgamas e trocadilhos</i>	96
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	102
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS.....	109

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um levantamento realizado pelo Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgado no ano de 2016, cuja pesquisa foi denominada *Nomes do Brasil*¹, apontou uma diversidade de nomes próprios no país a partir de um catálogo com mais de 130 mil nomes diferentes. Essa pesquisa revela que as escolhas dos nomes dos brasileiros estão associadas a aspectos eminentemente sociais e culturais, ligados a crenças e experiências de vida dos indivíduos. Não precisamos ir tão longe para comprovar que nomes de famosos, artistas, atores e cantores influenciaram a escolha de um nome próprio. A exemplo disso, cito a escolha de meu próprio nome, Maiara, ou Mayara grafado com y. Tal escolha se deu, segundo minha mãe, por influência, da atriz Mayara Magri, que atuava na novela *Salvador da Pátria*, exibida em 1989. Buscamos esse nome próprio na plataforma *Nomes do Brasil* e encontramos 112.610 casos, sendo a maior estimativa registrada na década de 90, com um total de 66.494, o que, de certo modo, se relaciona à presença da atriz na novela e a influência desse fato no meio social.

Ainda de acordo com esses dados divulgados pelo IBGE, o nome próprio Cauã, por exemplo, teve uma ascensão nos anos 2000; provavelmente, isso ocorreu em virtude do nome próprio do ator Cauã Reymond, que atuava na novela *Malhação*, entre outras. Casos como esse exemplificam e evidenciam como as telenovelas e outras manifestações artísticas influenciaram e influenciam, culturalmente, de diversos modos, seus telespectadores, inclusive, escolha dos nomes de seus filhos.

Outro aspecto que percebemos está voltado a crenças religiosas relacionadas à escolha desses antropônimos, tendo em vista que algumas famílias usam como critério de escolha dos nomes um traço de religiosidade, por exemplo, no que se refere a nomes bíblicos e presentes na tradição católica, como Maria, José, Antônio e Francisco. Em crenças populares e regionais, acredita-se que nascer com o cordão umbilical enroscado, *laçado*, no pescoço significa que a criança deve receber o nome de Antônio para que seja protegida e não venha a morrer por enforcamento. Essa dados demonstram como a cultura popular direciona escolhas de nomes próprios no meio social. Aproximando esse aspecto de um olhar para o texto, podemos, nesta dissertação, perceber outros nuances particulares, tendo em vista que determinados nomes próprios ganham caráter histórico na sociedade por estarem associados a figuras emblemáticas na mídia, na política, entre outros círculos sociais.

¹ O Censo 2010 está disponível no seguinte link: <<http://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#!/search>>

Nossa pesquisa, todavia, não envolve um estudo de levantamento quantitativo e geográfico acerca dos nomes próprios, assim como também não pretende se limitar a uma discussão eminentemente sociológica. Mas o contexto sociocultural ao qual recorreremos se faz relevante, já que nosso interesse, numa perspectiva da Linguística Textual, é explorar como determinados nomes próprios atuam na composição das estratégias argumentativas de um texto nos processos referenciais, observando suas ocorrências nos processos referenciais em contextos sócio-historicamente situados.

Além desses aspectos socioculturais, o interesse por esta temática surgiu durante o I Simpósio de Linguística Textual, realizado em novembro de 2015, no qual, em uma das mesas de trabalho, foi apresentado por Bassetto (2015), numa perspectiva sociocognitiva e interacional da Linguística Textual, um trabalho acerca dos modos de funcionamento do nome próprio como um recurso linguístico relevante à estratégia de construção da referência em gêneros variados. A partir dessa pesquisa, passamos a observar como o uso de nomes próprios em diversos gêneros pode ser eficaz na condução argumentativa de um texto.

Bassetto (2015), ao conceber o nome próprio como uma estratégia de progressão referencial, estabeleceu três grandes funções, mais pragmáticas, dos nomes próprios no processo de referenciação: a) função designativa, que diz respeito ao uso “prototípico” do nome próprio; b) função atributiva, que se desdobra em duas subfunções - uma *com atributo construído discursivamente*, que dá curso à construção dos referentes, seja por descrições definidas, seja por nomes próprios, e outra *com atributo cristalizado*, a qual está ligada à ativação de conhecimentos compartilhados a partir do uso de um nome próprio. Além disso, a autora observou que os nomes próprios podem promover a introdução e a progressão do referente em determinadas instâncias.

A partir da tese de Bassetto, começamos a desenvolver nossa pesquisa, buscando refletir sobre como os nomes próprios participam dos processos referenciais, sem nos prendermos a uma classificação de funções designativas ou atributivas manifestadas por nomes próprios em contextos sintáticos de nomeação ou de predicação. Na perspectiva da Linguística Textual em que nos inserimos, não é a expressão referencial sozinha que evidencia a categorização ou a recategorização de referentes, mas uma relação mais abstrata entre objetos de discurso que constituem uma rede referencial (MATOS, 2017). Outra contribuição de nossa pesquisa é pensar os processos referenciais por nome próprio, quer seja por introduções referenciais, quer seja por retomadas recategorizadoras como estratégias para um projeto de dizer e, conseqüentemente, para a condução argumentativa de gêneros discursivos diversos, tendo em vista que, na tese de Bassetto (2015), não há uma atenção às

etapas de construção da referência, por meio do processo de apresentação e retomada dos objetos de discurso.

Desse modo, nosso principal objetivo nesta dissertação não é classificar funções dos nomes próprios, mas analisar os processos referenciais por nomes próprios destinando particular atenção ao modo como o interlocutor apresenta o referente por meio do nome próprio e/ou como ele o retoma recategorizando-o com a ajuda do nome próprio ou de uma alusão a ele. Assim, o que nos interessa é a participação dos nomes próprios nas etapas de construção da referência, uma vez que a escolha de certos processos referenciais está a serviço da persuasão (CAVALCANTE, 2017). Dessa forma, enfatizamos que os processos referenciais por nome próprio podem ser relevantes para a orientação argumentativa que se almeja negociar numa situação de comunicação, uma vez que revela efeitos argumentativos e pragmáticos na orientação argumentativa do texto.

Destacamos também, nesta pesquisa, um artigo de Kryslschin (2016), publicado na revista EID&A, no qual a autora analisa o nome próprio histórico como meio argumentativo em discursos epidícticos de arte, tendo em vista que, por um conjunto de memórias fixas e conhecimentos partilhados, o nome próprio histórico, (NPrh), fornece argumento de autoridade e estatuto de arte às obras. Apesar de adotar um conceito de referente de Gary-Prieur (1991) e Jonasson (1994), para as quais o nome próprio necessariamente apresenta um referente inicial, espécie de “definição extralinguística, um nome de batismo”, e um conteúdo, o qual é construído na interação, a discussão feita por Kryslschin se preocupa com o nível do discurso na tentativa de aplicar o conceito de heterogeneidade constitutiva e mostrada de Authier-Revuz (1985) à sociologia da arte. O objetivo da autora é mostrar que as representações de uma palavra evoluem de um locutor a outro, principalmente, os nomes próprios históricos de pintores e obras citados nos discursos de arte. Dessa forma, a convocação desses nomes nos discursos de arte enaltece um referente e dá argumento de autoridade à obra descrita nos livros de ouro e nos textos de exposição. Esse estudo nos interessa devido à análise do uso de nome próprio histórico como meio argumentativo, comprovando que seu uso é estratégico, pois auxilia na argumentação dos textos.

Desse modo, a partir dessas investigações mais contemporâneas, nossa preocupação é explorar o uso desse recurso linguístico na unidade textual, assumindo uma perspectiva *sociocognitiva e discursiva* da referenciação, distanciando-nos de uma perspectiva em grande medida pragmática proposta por Basseto (2015). Nosso trabalho se mostra necessário por não haver pesquisas que explorem os processos referenciais por nome próprio, introduções e anáforas, diretas e indiretas, desde o modo como os referentes se manifestam no cotexto por

nome próprio à participação dos nomes próprios nas etapas de construção da referência, introduções e retomadas recategorizadoras (CUSTÓDIO FILHO, 2011; CAVALCANTE; BRITO, 2016). Também propusemos uma análise da amálgama (MONTEIRO, 2002), em nomes próprios de expressões referenciais, pelos quais é possível gerar efeitos persuasivos a partir do arranjo de referentes no texto.

Nosso trabalho também possibilita um espaço de discussão sobre os nomes próprios dentro da Linguística Textual, tomando o referente como um objeto de discurso, aspecto que se distancia do ponto de vista das principais perspectivas teóricas acerca do nome próprio, que se inserem no campo da filosofia da linguagem ou no campo da linguística com viés apenas semântico e cognitivo.

Para essa tarefa, a concepção de referente que defendemos não se define por condições de verdade e correspondência de uma palavra a um objeto materializado no mundo. Isso nos afasta da noção clássica de referente definido como objeto do mundo numa visão extensionalista da linguagem, Mill (1843); Frege (1958); Russell (1978); assim como Searle (1969); Strawson (1971); Kripke (1982) se notabilizaram quanto às reflexões sobre o nome próprio, principalmente quanto a sua função de denotar um referente individual no mundo e às descrições definidas que se relacionam aos portadores desses nomes.

O ato de referir, para a Linguística Textual, conforme Mondada e Dubois (2003), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), assim como por Marcuschi e Koch (1998), Koch (2002), Cavalcante (2011; 2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), é abstrato e dinâmico. Desse modo, segundo os autores, o referente, ou o objeto de discurso, é uma representação mental que passa por um jogo de instabilidades e estabilidades e que se atualiza na interação entre os interlocutores.

No campo da Linguística, os estudos que apresentam um ponto de vista acerca do nome próprio são pouco notórios e seguem uma abordagem semântico-cognitiva e mais pragmática. Dentre eles, destacam-se Lyons (1977), que propõe duas funções para o nome próprio: uma referencial, ou de denotação, e outra vocativa; posteriormente, Gary-Prieur (1991) e Jonasson (1994), que propõem categorias semânticas para o nome próprio em diferentes contextos de análise, como denominativa, metafórica, metonímica, exemplar, e de manifestação², mas estas não foram aplicadas a uma análise textual. Não pretendemos, em nossas hipóteses, utilizar todas essas classificações semânticas, senão apenas as que envolvem relações metafóricas e metonímicas dos nomes próprios, pela relevância que podem ter para a

² Essas categorias serão descritas e exemplificadas no capítulo 2 destinado às abordagens teóricas acerca do nome próprio.

demonstração de que os antropônimos ajudam a promover recategorizações de um referente. Vale destacar que esses tipos não se configuram como uma categoria teórica em nossa metodologia.

Quanto à descrição dos nomes próprios pela gramática tradicional, verificamos que Cegala (2004), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2013) limitam-se a categorizar e distinguir os substantivos em nomes próprios e nomes comuns, sem especificar propriedades sintáticas ou semânticas de uso do nome próprio na língua. Isso comprova a afirmação de Gary-Prieur (1991, p. 12) de que a linguística destinou poucas linhas para a definição de nome próprio, deixando-o *à margem dos estudos da língua*.

No que diz respeito à visão funcionalista desse fenômeno, Neves (2011), em *Gramática de usos do português*, explora usos diversos do substantivo próprio. A autora apresenta propriedades semânticas de artigos, pronomes possessivos antepostos e de modificadores antepostos e pospostos ao nome próprio. Para nós, Neves (2011) faz uma descrição minuciosa desses usos, considerando aspectos formais e funcionais quanto a formas pragmáticas do nome próprio, especialmente quando este passa à condição de nome comum ao designar, nesses usos, não só um indivíduo em particular, mas, por exemplo, um atributo que representa uma classe de indivíduos com certas características comuns associadas culturalmente.

Portanto, após o levantamento teórico, percebemos que há poucos trabalhos que exploram essa temática, principalmente no espaço da Linguística Textual. Essa foi a razão que nos impulsionou à realização dessa pesquisa sobre processos referenciais por nomes próprios como estratégia argumentativa. Isso tornou desafiadora a concretização dessa investigação, uma vez que não há uma proposta descritiva, assim como categorias teóricas, que contemple inteiramente nossas questões de pesquisa e que nos permita analisar os processos referenciais por nome próprio para explicar como auxiliam na condução argumentativa de um texto.

Recentes pesquisas do grupo Protexto têm sustentado também um pressuposto, presente em Adam (1992), de que todo texto é motivado por uma orientação argumentativa, uma vez que o texto, mesmo quando não defende uma tese, um ponto de vista, pelo menos, de algum modo, visa influenciar o outro a operar mudanças no seu modo de pensar e agir. Por essa razão, o conceito de orientação argumentativa de Adam (1992), que subjaz ao pressuposto pragmático de que todo texto é argumentativo; e as concepções de Amossy (2017), para quem a argumentação é inerente ao discurso são pressupostos que podem apoiar nossa análise. Além disso, também assumimos o pressuposto de Cavalcante (2017) para a qual todo texto é argumentativo, uma vez que, em todos, há um sujeito que, embora sofra

coerções sociais, culturais e plenamente ideológicas, tem sempre uma intenção de levar o interlocutor a uma mudança de ação. Para tanto, o locutor aciona e arranja determinadas estratégias que possam ter êxito em suas práticas discursivas, dentre elas: a escolha de determinado gênero discursivo, da organização sequencial, das marcas de heterogeneidades, dos recursos intertextuais, como a alusão, de certos tipos de processos referenciais, como as introduções referenciais e as retomadas recategorizadoras. Nosso trabalho contribui para a análise deste último tipo de investimento textual na argumentação: a recorrência aos processos referenciais com nome próprio.

Dessa forma, o objetivo geral é analisar os processos referenciais por nome próprio, introduções e anáforas diretas e indiretas, explicando como esses tipos de processos referenciais pode figurar como estratégias na dimensão argumentativa dos textos; e, em função dos efeitos persuasivos destes, elaboramos os seguintes objetivos específicos que nortearam nossa pesquisa e foram assim discriminados:

a) descrever como os processos referenciais por nome próprio aparecem nas etapas de construção da referência (apresentação de referentes e retomadas recategorizadoras por acréscimos, por correções e por confirmações), propostas por Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2016).

b) examinar que efeitos persuasivos as modificações morfossemânticas, conforme Monteiro (2002), como amálgama, podem exercer nos processos referenciais.

Desse modo, nossa principal questão de pesquisa é: “como os processos referenciais por nome próprio compõem estratégias argumentativas?”

Essa questão central se desdobrou em duas questões correspondentes aos nossos objetivos específicos: a) como se dá a evolução dos referentes introduzidos e retomados por nomes próprios nas etapas de apresentação e de recategorização da construção referencial nos textos analisados e como essas etapas auxiliam na condução argumentativa do texto?; b) que efeitos persuasivos as marcas morfossemânticas, como amálgamas, podem exercer nos textos em análise?

A partir desses questionamentos, testamos as seguintes hipóteses:

a) a apresentação do referente por uma expressão referencial por nome próprio – com a presença de amálgama ou marca de plural próprio – orienta um ponto de vista que pode ser confirmado ao longo do texto; as anáforas por apelo ao nome próprio acrescentam e confirmam informações do texto, recategorizando os referentes nas sucessivas retomadas recategorizadoras, podendo, em alguns casos, evidenciar estereótipos culturais.

b) uma modificação morfossemântica, como a amálgama, manifesta, no modo de expressão do referente no cotexto, efeitos persuasivos, como humor, sátira, ou/e crítica, que servem de estratégia para a construção de um ponto de vista e para a orientação argumentativa do texto.

Com base em Marconi e Lakatos (2003), podemos dizer que esta pesquisa, de natureza qualitativa, se enquadra, em um primeiro momento, no método hipotético-indutivo, em virtude da observação dos fenômenos e das causas de suas manifestações nos dados coletados. Em seguida, utilizamos o método hipotético-dedutivo, em virtude da testagem das hipóteses que elaboramos para suprir a seguinte questão de pesquisa: “como os processos referenciais por nome próprio compõem estratégias argumentativas?” Essa questão nos levou à elaboração de conjunturas a serem testadas no corpus coletado a partir das nossas categorias de análise no capítulo de metodologia e análise de dados.³

Nossas hipóteses estão voltadas especificamente para as formas de apresentação dos objetos de discurso, para os processos referenciais e para as suas formas de recategorização, observando os efeitos persuasivos dos nomes próprios na orientação argumentativa do texto. Apoiamo-nos no pressuposto de que o referente se reconstrói a partir das práticas sociais, cognitivas e linguísticas, num jogo de estabilidades e instabilidades. (MONDADA; DUBOIS, 2003; APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995). Para os autores, o referente não pode ser dado aprioristicamente: ele é sempre reelaborado, unicamente, a cada situação enunciativa. Esses pressupostos também são revalidados por Marcuschi e Koch (1998), Koch (2002), Marcuschi (2007; 2008), Cavalcante (2011), Cavalcante (2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), para os quais a noção de objeto de discurso é dinâmica e mediada pela interação entre os interlocutores.

Quantos aos processos referenciais, Cavalcante (2013) os organizou em introduções em anáforas diretas, indiretas e encapsuladoras, e dêixis (pessoal, espacial e temporal, textual, de memória, dentre outras). Em nossos objetivos, não vamos nos aprofundar no processo de encapsulamento anafórico, uma vez que os nomes próprios, a nosso ver, não podem resumir porções textuais difusas no texto; nem pretendemos nesta pesquisa observar os nomes próprios como dêiticos.

Quanto à recategorização, seguimos, em parte, a definição de Apothèloz e Reichler-Béguelin (1995), os quais apresentam o fenômeno numa perspectiva mais formal

³ A caracterização da pesquisa, as categorias de análise, bem como os procedimentos de coleta e a análise de dados, estão descritas no capítulo 4 desta dissertação.

principalmente considerando uma recategorização mais explícita pela expressão lexical. Não nos prendemos a essa definição, porém sabemos do caráter mais formal de nossa pesquisa ao considerar relevante o modo como os referentes são manifestados no contexto por expressões referenciais por nome próprio, mas não consideramos que a recategorização se dá somente numa substituição por uma nova forma de nomear.

Concordamos com conceito mais contemporâneo de recategorização de Cavalcante e Brito (2016), para as quais a recategorização é um fenômeno intrínseco às anáforas, uma vez que o referente tende, naturalmente, a se atualizar por acréscimos, correções e não confirmações realizadas pelas retomadas anafóricas. Esse ponto de vista é relevante às nossas hipóteses, uma vez que as expressões referenciais por nome próprio são pistas que norteiam o constante esforço de estabilizar a referência.

Considerando esses objetivos de pesquisa, retomamos Cavalcante (2011, p. 19), para quem o uso de recursos estilísticos, ao desconstruir e ao reconstruir vocábulos, aliado a práticas sociais, como conhecimentos e escolha de determinados gêneros discursivos, colabora para construção da coerência no projeto de dizer dos participantes na situação enunciativa. Concordamos também com a autora ao afirmar que os referentes se manifestam, com certa frequência, por formas como sintagmas nominais definidos e indefinidos, pronomes (dêiticos) e nomes próprios na língua; dessa forma, acrescentamos, em nossa pesquisa, uma atenção especial ao nome próprio como uma pista da superfície textual relevante à construção da referência. Assim, defendemos que, dentre os recursos usados como estratégias argumentativas, a forma como os nomes próprios compõe estratégia argumentativa no texto é relevante para as tentativas de influenciar o modo de ver e sentir do interlocutor, tendo em vista que há uma carga cultural relativa aos nomes próprios em um dado contexto.

Nossa dissertação, além das considerações iniciais e das considerações finais, comporta três capítulos.

No capítulo 2, pretendemos traçar um percurso teórico que evidencia o ponto de vista sobre a categoria do nome próprio nos estudos da filosofia da linguagem e nas abordagens da linguística, como uma abordagem morfológica, gramatical (tradicional e funcionalista), semântico-cognitiva e textual e discursiva a fim de discutir e demonstrar como essas reflexões foram relevantes às pesquisas realizadas sobre esse objeto e de que forma se relacionam ou não com as nossas questões de pesquisa.

No capítulo 3, apresentamos a perspectiva sociocognitiva e discursiva da referenciação, na qual nos situamos, descrevendo os processos referenciais por introduções e anáforas, bem como o fenômeno da recategorização relevante aos nossos objetivos e hipóteses

de pesquisa. Destinamos também, neste capítulo, uma seção para tratar o que entendemos por orientação argumentativa do texto e estratégias argumentativas, tendo em vista a construção desses conceitos no âmbito da Linguística Textual. Relacionamos a nosso ponto de vista ao fato de o nome próprio compor as estratégias de condução argumentativa no texto.

O capítulo 4 apresenta os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa e a análise dos dados. Configura-se, nesta etapa, a demonstração das hipóteses sobre os processos referenciais por nome próprio a partir da análise de excertos de textos coletados no ano de 2016, apontando de que maneira os processos referenciais por nome próprio se evidenciam como estratégias argumentativas.

2 ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE O NOME PRÓPRIO

Este capítulo 2 destina-se a fazer uma apresentação do ponto de vista de teóricos da filosofia da linguagem e da linguística que particularizaram, de alguma forma, o nome próprio em seus estudos. Inicialmente, há uma recapitulação das principais pesquisas sobre o nome próprio no âmbito da filosofia da linguagem, tendo em vista que é a área do conhecimento na qual há diversas pesquisas quanto a esse objeto, sendo relevantes algumas considerações para a nossa pesquisa; em seguida, descrevemos o ponto de vista sobre o nome próprio presente na linguística numa abordagem morfológica, gramatical (tradicional e funcionalista) e textual e discursiva, as quais consideramos relevantes às nossas questões.

2.1 A referência e os nomes próprios para a filosofia da linguagem

Sabe-se que, desde Platão, há uma inquietação quanto ao modo de referir as coisas por meio da linguagem e de sua relação com a realidade. Segundo as concepções platonianas, a referência, naquela época, era concebida como uma correspondência entre as palavras e as coisas do mundo. A teoria da *referência* até aqui se preocupava em relacionar os estados de coisas às suas formas de representação na linguagem numa relação de espelhamento, buscando firmar, com base no valor de verdade, uma forma que correspondesse a algo existente no real. Essa ideia que ligava o conceito de referente a uma entidade física, palpável, e não construída sociocognitiva e discursivamente, desconsiderada, de forma mais incisiva, pela noção de referência empreendida pela Linguística Textual.

Sendo de interesse deste capítulo construir um panorama sobre o ponto de vista dos principais trabalhos acerca do nome próprio, fizemos um percurso pela filosofia da linguagem, uma vez que o nome próprio é um objeto de estudo caro a essa área do conhecimento. Cronologicamente, Mill (1843), Frege (1892), Russell (1950), Searle (1969), Strawson (1971) e Kripke (1972), propuseram reflexões acerca dos nomes próprios em diferentes vertentes teóricas⁴. Apresentamos, a seguir, essas diferentes correntes sobre o nome próprio, as quais se originam nas teorias onomásticas da filosofia.

A teoria clássica proposta por Mill (1843) discute os conceitos de denotação e conotação. Mill, ao dispor os nomes em conotativos e denotativos, classifica os nomes próprios como nomes denotativos, pois afirma que os nomes próprios nada podem conotar,

⁴ Essas obras mencionadas foram dispostas num quadro elaborado por Amaral (2008, p. 38) cujo título é *Obras representativas das teorias sobre os nomes próprios publicadas entre 1843 e 1981*.

sendo vistos como somente os nomes das próprias coisas. Para Mill (1979, p. 101), obra publicada em 1843, os nomes próprios

não são conotativos; denotam os indivíduos a quem dão o nome, mas não afirmam nem implicam qualquer atributo como pertencente a esses indivíduos. Quando chamamos uma criança de Paulo ou um cachorro de César, esses nomes são simples sinais usados para indicar esses indivíduos como sujeitos possíveis de um discurso.

Nessa perspectiva, um nome próprio não poderia exercer uma função de atributo sobre algum indivíduo. Esse teórico ressalta que os nomes próprios seriam sinais para indicar os sujeitos de um discurso (uso), ou seja, exerceriam a função de elementos dêiticos no enunciado, não apresentando significação e não caracterizando os objetos de nenhuma forma.

Um nome próprio não é mais do que uma marca sem significação que juntamos em nossas mentes à ideia do objeto, a fim de que sempre que a marca encontrar nossos olhos ou ocorra aos nossos pensamentos, possamos pensar naquele objeto individual. Não sendo ligado à coisa em si, o nome próprio não nos torna capazes, como o giz, de distinguir o objeto quando o vemos, mas serve-nos para distingui-lo quando é mencionado. (1979, p. 103)

Para Mill (1979), o nome próprio é como uma *marca* que se associa a uma ideia mental que é acionada a um objeto individual quando mencionamos um determinado nome próprio. Essas reflexões foram relevantes à semântica, tendo em vista que sua teoria causal dos nomes propõe uma análise acerca dos termos não conotativos e conotativos na língua, fazendo uma reflexão sobre a relação entre realidade e mente mediada pela linguagem humana.

Tais postulados são o primeiro passo para o desenvolvimento de estudos sobre os nomes próprios, logo isso intriga diversos representantes da filosofia da linguagem como Frege, Russell e Kripke, cujas teorias são descritas, neste capítulo, especificamente sobre o nome próprio. Frege desenvolve conceitos acerca do sentido e da referência, e sua hipótese é que um nome necessariamente precisa apresentar uma referência (leia-se: denotação) para satisfazer sua função semântica numa determinada sentença, podendo esta ser falsa ou verdadeira. Porém, segundo o filósofo, um nome só poderá referir se apresentar sentido.

O sentido de um nome próprio é apreendido por todos que estejam suficientemente familiarizados com a linguagem ou com a totalidade de designações a que o nome próprio pertence; isto, porém, só de maneira parcial elucida a referência do nome, caso ele tenha uma. Para um conhecimento total da referência, exigir-se-ia que fôssemos capazes de dizer,

de imediato, para cada sentido dado, se pertence ou não a essa referência. Isto, porém, nunca conseguiremos fazer. (FREGE, 2009, p. 132)

Nessa perspectiva, a referência assume uma representação do mundo, que pode ser satisfeita numa condição de verdade.

Para Russell, os nomes próprios seriam uma espécie de abreviação das descrições definidas, as quais podem ser definidas como uma espécie de comentário descritivo sobre um nome próprio. A exemplo disso, o nome próprio Michel Temer seria uma abreviação da descrição definida “o atual presidente da República”. Para a teoria de Russell, essas sentenças seriam descrições definidas que atribuiriam um valor de verdade que deveria ser comprovado com a constatação da existência do objeto denotado pela descrição definida.

Já Searle (1969) compreende que o nome próprio equivale a um determinado número de descrições, sendo estas de conhecimento do falante e do ouvinte. O teórico, ao refletir sobre a existência de sentido ou não do nome próprio, concluiu que descrições identificadoras poderiam corresponder a uma definição dos nomes próprios. O filósofo não considera a existência de sentido para o nome próprio, mas acredita que os nomes próprios estão ligados a características do objeto ao qual se referem. Nesse sentido, relacionamos essas considerações de Searle (1969) ao conceito de estereótipo da análise de discurso⁵, definição elegida por nós nessa pesquisa, principalmente, porque essa definição considera representações coletivas e compartilhadas por sujeitos em língua; por essa razão, pautamos esse conceito e o associamos ao nome próprio.

Adiante, Searle enfatiza sua posição sobre os sentidos dos nomes próprios.

Minha resposta, então, para a questão, “Os nomes próprios têm sentidos?” – se com isso se pergunta se os nomes próprios são usados para descrever ou especificar características dos objetos – é “Não”. Mas se se pergunta com isso se os nomes próprios estão logicamente conectados com características do objeto que eles referem, a resposta é “Sim, de maneira não estrita”. (SEARLE, 1969, p. 172 *apud* AMARAL, 2008, p. 29)

Semelhante a Searle (1969), Strawson (1985) afirma que os nomes próprios se associam a um conjunto de descrições acerca do portador do nome, sendo essa teoria conhecida como *feixe de descrições*, que funcionam como propriedades que são associadas aos nomes próprios pelos indivíduos. Ainda que não trabalhem com a noção de referência da filosofia da linguagem, aceitamos a ideia de que os nomes próprios podem conter valores

⁵ Para a análise de discurso, o estereótipo pode ser definido como representações coletivas compartilhadas por sujeitos de uma mesma língua ou cultura. (AMOSSY, R.; HERCHBERG PIERROT, 2001; MUSSALIM; FONSECA-SILVA, 2011)

semânticos pragmaticamente convencionados, de modo a funcionarem, em textos variados, como construções metafóricas, principalmente por defendermos que os nomes próprios se relacionam a estereótipos culturais.

Kripke, em *Naming and Necessity* em 1982, e sua versão em espanhol em 1995, considera que o nome próprio não apresentaria sentido e não poderia ser considerado como atributo de seu referente, o que comprova uma crítica às teorias de Frege e Russell. Outra contribuição de sua teoria seria o uso do termo *designador*. Para Kripke, os nomes próprios seriam denominados *designadores rígidos*, fazendo referência ao mesmo indivíduo em quaisquer mundos possíveis; já as descrições definidas, para ele, seriam designadores não rígidos, pois mudariam de referência de acordo com os diferentes mundos possíveis.

Entenderei aqui por um nome de um nome, isto é, o nome de uma pessoa, uma cidade, um país, e assim por diante. [...] Nós usaremos o termo "nome" de modo que não inclua as descrições definidas deste tipo, mas somente aquelas coisas que na linguagem comum seriam chamadas de nomes. Se queremos um termo comum que abrange tanto os nomes como as descrições, podemos usar o termo "designador" (KRIPKE, 1995, p. 29).⁶

Kripke é considerado um dos teóricos representativos da teoria causal da referência, conceitos oriundos da teoria clássica dos nomes fundada por Mill (1843). Não temos como objetivo estabelecer relações com as teorias de nome próprio propostas pelos filósofos da linguagem, nem utilizar categorias descritas por esses estudos, pois estes teóricos tratam o nome próprio como uma correspondência da expressão com abstrações de entidades reais. O nome designaria, assim, uma representação concreta de um objeto do mundo cujo valor de verdade deveria ser comprovado.

Nossa visão de referência não corresponde à de *denotação*, nem aceita o referente como entidade do mundo real, mas, sim, como uma construção abstraída da negociação entre os participantes da enunciação, que exercem papéis sociais. Dessa forma, fizemos uma análise do nome próprio como expressão referencial que manifesta referentes construídos sociocognitivamente e discursivamente, o que nos afasta de uma concepção referencialista proposta pela filosofia da linguagem.

Dessas perspectivas teóricas, assumimos que o nome próprio se associa a descrições convencionadas culturalmente, as quais estão ligadas a conhecimentos compartilhados acerca

⁶ Na tradução para o espanhol: "Entenderé aquí por un nombre un nombre propio, esto es, el nombre de una persona, de una ciudad, de un país, etcétera. (...) Usaremos el término "nombre" de manera que no incluya las descripciones definidas de esa clase, sino solamente aquellas cosas que en el lenguaje ordinario serían llamadas nombres propios. Si queremos un término común que abarque tanto los nombres como las descripciones, podemos usar el término "designador" (KRIPKE, 1995, p. 29).

de um determinado indivíduo, principalmente quando este é uma figura pública, como políticos, artistas, músicos. São esses conhecimentos compartilhados que vêm à tona quando esses nomes próprios emergem no contexto como expressões referenciais em textos. Ressaltamos que essas inferências não se limitam a um conjunto delimitado de descrições, como afirma Searle, mas aos conhecimentos que possam satisfazer os sentidos buscados pelos projetos de dizer dos interlocutores. Isso demonstra que os referentes introduzidos por nomes próprios guardam particularidades no modo que se manifestam na referência, aspectos investigados nessa pesquisa.

2.2 A linguística dos nomes próprios

Nesta seção, recorreremos a algumas abordagens e pontos de vista de áreas da linguística sobre os estudos do nome próprio; entre elas, destacamos uma abordagem morfológica - tendo em vista nosso interesse pelo modo de apresentação das expressões referenciais no contexto, especialmente quanto ao processo de formação de palavras por *amálgama*, descrito por Monteiro (2002); gramatical no nível tradicional, quanto ao conceito mais normativo sobre os nomes próprios, principalmente, no que diz respeito ao caráter mais classificatório e formal por gramáticos como Cegalla (2008), Cunha e Cintra (2008); e no nível funcionalista, por Neves (2004), quanto a propriedades mais funcionais nos usos; textual e discursiva, uma vez que, como apontamos a seguir, esses posicionamentos se relacionam, em parte, com as nossas questões de pesquisa.

2.2.1 Abordagem morfológica dos nomes próprios

Segundo Monteiro (2002, p. 205), a gramática adota duas divisões para os nomes próprios: nomes personativos, ou seja, os antropônimos, e nomes locativos, os topônimos. Ainda menciona grupos de nomes, como zoônimos (nomes de animais); astrônimos (nomes de astros); teônimos (nomes de seres sobrenaturais); oniônimos (nomes de marcas ou produtos industrializados), entre outros. O autor chama atenção para o caráter individual, o que impossibilitaria uma flexão de plural. Ressalta ainda a possibilidade de se tornarem nomes comuns ao receberem flexão de número, por exemplo, “marias”.

Monteiro (2002) descreve os principais processos de formação de nomes próprios personativos, são eles: *derivação imprópria*, quando certos nomes próprios se originam de nomes comuns, por exemplo Margarida, Rosa; *sufixação*, quando surgem nomes próprios a

partir do diminutivo de outros nomes próprios, por exemplo, Antonieta; *composição*, quando há associação de dois nomes próprios, como Maria José, João Mateus; *braquissomia*, quando há uma redução, comum na formação de hipocorísticos (apelidos), como Alexandre –Alex; *acrossomia*, quando há uma combinação entre nomes próprios, geralmente são criados a partir dos nomes dos pais, por exemplo, Silvanir (Sílvio e Nair); *anagrama*, quando há inversão das letras de um nome, por exemplo, Lavis- Silval; *empréstimos*, quando um nome popular estrangeiro passa a pertencer à onomástica brasileira, por exemplo, Yuri, Washington.

Monteiro (2002, p. 209) recorre à definição de Borba (1971), para o qual o hipocorístico é “o processo apelativo usado na linguagem familiar para traduzir carinho (BORBA, 1971)”. Desse modo, o hipocorístico é uma mudança no primeiro nome visando a exprimir afetividade e/ou, em alguns casos, ironia.

São comuns no processo de formação de hipocorísticos a braquessemia, a acrossomia, a duplicação e a sufixação. O autor chama atenção para a interferência das analogias, já que estas são responsáveis pela criação de diferentes formações. Monteiro (2002, p. 214) enfatiza que “o relacionamento paradigmático com homônimos possibilita a captação de efeitos conotativos inesperados, elasticando-se com isso a órbita semântica dos hipocorísticos”. O autor salienta o papel de alguns sufixos, uma vez que traduzem carinho, afeto, intimidade.

O autor afirma que há particularidade na sufixação de hipocorísticos; dentre elas há uma que “[...] consiste na formação de nomes que possuem conotações depreciativas ou que se associam semanticamente a outros vocábulos por motivações de ordem fonológica”. Ainda salienta que são numerosos os sufixos que podem intensificar o grau de afetividade, por exemplo, -ico; -inho; -oto; -ito.

Essas considerações nos interessam, uma vez que uma de nossas hipóteses prevê que mudanças morfossemânticas na estrutura formal das expressões referenciais são relevantes à construção dos objetos de discurso, pois podem exercer efeitos persuasivos nos referentes introduzidos e retomados no processo de recategorização.

2.2.2 Abordagem gramatical dos nomes próprios

Nas gramáticas normativas, o nome próprio apresenta-se como um subtipo da classe gramatical dos substantivos, distinguindo-se dos nomes comuns; a exemplo disso, apresentamos as concepções de Cegalla (2008), Cunha & Cintra (2008) e Bechara (2009), a fim de demonstrar como esses gramáticos definem o nome próprio e qual sua relevância linguística. Cunha e Cintra (2008) são bastante objetivos e apresentam o substantivo próprio

como algo que cumpre a função de nomear seres. Cegalla (2008) define os nomes próprios como um substantivo próprio que designa um ser em particular. O gramático, por outro lado, ainda ressalta casos em que os nomes próprios podem se tornar nomes comuns, como “judas (traidor) [...] um ícaro (aviador) [...]” (p. 130, 2008).

Bechara (2009), assim como Cegalla (2008), afirma que há certos personagens históricos e literários que herdam os atributos e desgastam o valor individual do nome próprio, passando a nome comum, além de representar valores sociais, demonstrando, assim, que os gramáticos não eram alheios às características fixas mencionadas nas abordagens anteriores.

Na gramática funcionalista, Neves (2011) aponta que a nomeação é característica dos substantivos antes mesmo que sejam mencionados numa situação enunciativa:

De fato, consideramos que, independentemente de sua ocorrência no enunciado, os substantivos são nomes (designações) de entidades cognitivas e/ou culturais (como homem, livro, inteligência) que possuem certas propriedades categorizadas no mundo extralinguístico. (2011, p. 68)

Quanto ao nome próprio, Neves afirma que este faz designação individual de elementos a quem se refere e identifica um referente único. A autora classifica o substantivo próprio em nomes de pessoa (antropônimos), lugares (topônimos), datas, festividades, marcas, livros, revistas, entre outros.

Neves (2011, p. 106) ressalta que o substantivo próprio pode ser usado como substantivo comum ao deixar de ser um substantivo próprio de uma pessoa determinada. Isso ocorre com nome de pessoas famosas ou populares passando a designar “uma classe ou um exemplar de uma classe de indivíduos de determinada característica.” Neves (2011, p. 106) aponta as seguintes sentenças como exemplo:

(1)

Dizem que um Pelé, um Airton Senna, uma Maria Ester Bueno e um Êder Jofre nascem de cem em cem anos (FSP)

Um país para dar certo depende mais dos Dungas ou dos Romários (FSP)

Nesses usos, os nomes próprios “Pelé”, “Airton Senna”, “Maria Ester Bueno” e “Êder Jofre”, assim como “Dungas” e “Romários”, são utilizados de forma semelhantes à categoria exemplar de Jonasson (1994), na qual os nomes próprios servem como exemplos das pessoas às quais se referem e representam propriedades análogas numa comunidade discursiva, o que se relaciona ao conceito de estereótipo empreendido nesta pesquisa. Outro caso seria o de

fazer uso de atributos próprios de uma personagem histórica como a autora demonstra no seguinte exemplo:

- (2) Mas o ator não se perturbou, respondendo “Eu sou o Jesus Cristo deste circo” (eu sou o soberano/ autoridade desse circo)

Nesse caso, o nome próprio “Jesus Cristo” é usado numa posição predicativa, o que revela sua proximidade com a categoria metafórica de Jonasson (1994), a ser descrita a seguir, na qual há uma predicação de reinado, soberania, autoridade, mártir, que se aproxima da figura de “Jesus Cristo”. Neves (2011, p. 107) descreve também os nomes próprios quando são usados para designar sua obra.

- (3) Acho que o Rosa tem lido muito Nelson Rodrigues (RO)

Logo fico sabendo ser o dono do quarto e por conseguinte da cama e do Picasso na parede (relação metonímica – tela de autoria do Picasso)

Esses usos dos nomes próprios “Nelson Rodrigues” e “Picasso” apontam uma relação metonímica entre os criadores e as suas criações. O exemplo (9) afirma que o Guimarães Rosa (**o Rosa**) lê as obras de Nelson Rodrigues, inferências possíveis pela metonímia presente na sentença. No exemplo (9), o nome próprio **Picasso** estabelece uma relação metonímica com a própria tela ou quadro. Essas relações foram investigadas por Kleiber (1991), o qual propôs um tipo de denominação metonímica – categoria semântica dos nomes próprios.

Outra discussão relevante feita por Neves (2011) diz respeito à categoria de plural dos nomes próprios. Para a funcionalista, o nome próprio é usado para quantificar os substantivos próprios e também para apontar pessoas com qualidades semelhantes. A exemplo disso:

- (4) E há Paulos demais por este mundo (EL)

Sempre há lugar para Madalenas arrependidas (EL)

Os nomes próprios “Paulo” e “Madalena” grafados com letra maiúscula representam diversos indivíduos com esse nome próprio. No primeiro caso, há uma referência a diversas pessoas com o nome Paulo pelo mundo; no segundo caso, o nome próprio Madalena vem acompanhada de desinência de plural e do modificador “arrependidas”, esse uso faz alusão à personagem bíblica que se arrependeu de seus pecados, evidenciando um estereótipo.

Dentre as características apontadas, a autora admite que, “nesses casos, os nomes de pessoa tanto ocorrem com inicial maiúscula quanto com inicial minúscula. O emprego de inicial minúscula acentua o emprego do substantivo como designador de um atributo ou um conjunto de atributos da pessoa”. (NEVES, 2011, p, 111). Não concordamos com essa distinção, tendo em vista que não nos interessa a passagem de um nome próprio a nome comum, mas as relações abstratas, muitas metafóricas, que se dão na apresentação e nas retomadas recategorizadoras dos objetos de discurso no texto.

2.2.3 Abordagem semântica e cognitiva dos nomes próprios

Numa perspectiva linguística, o nome próprio foi investigado numa visão semântica por Lyons (1977) e, posteriormente, por Kleiber (1991), bem como por Gary-Prieur (1991) e Jonasson (1994)⁷. A seguir, apresentamos as reflexões de Lyons (1977) sobre a semântica dos nomes próprios e as categorias pragmático-semânticas de Kleiber (1991) e Jonasson (1994).

Lyons (1977) faz um panorama pelos estudos filosóficos sobre nome próprio e propõe pensá-lo a partir de duas funções: referencial e vocativa. Esta segunda seria o ato de chamar atenção de um indivíduo pelo nome, ou seja, o ato de enunciar um nome próprio na intenção de convocar alguém. O autor salienta que os termos nomear e denominar, assim como atribuir tendem a apresentar diversas ambiguidades. Com isso, utiliza o termo *nominação* e estabelece duas categorias: *nominação didática* e *nominação performativa*. Quanto à *nominação didática*, entende-se como o ato de “ensinar a alguém, formal ou informalmente, que um nome particular está associado por uma convenção preexistente a uma pessoa, objecto ou lugar particular” (LYONS, 1977, p. 179). Lyons ainda salienta que o ato de nos apresentarmos é realizado pela *nominação didática*. No caso da *nominação performativa*, compreende-se que ela pressupõe algumas condições de realização. De acordo com Lyons (1977, p. 179), “Cada tipo de *nominação performativa* é governado por determinadas condições de conveniência: não se pode assumir esse papel quando e como muito bem entendermos. Isto é suficientemente claro no caso de uma circunstância de baptismo”.

⁷ As categorias semânticas (emprego denominativo; exemplar; francionado, manifestação; metafórico; metonímico) foram descritas por Gary-Prieur (1989); Jonasson (1990) e Kleiber (1991). Esses autores descreveram e discutiram esses tipos de interpretação em diversas obras publicadas na década de 90, dentre essas obras, destacam-se os seguintes títulos: *Grammaire du nom propre* de Gary-Prieur (1994) e *Le nom Propre: Constructions et interprétations* de Jonasson (1994).

Como afirma o teórico, a nomenclatura performativa ainda pode figurar em situações informais como na atribuição de *alcunhas*, além de nomes distintos na infância e na idade adulta, tendo em vista que o nome está atrelado ao indivíduo e, segundo Lyons (1977, p. 179), está “sujeito a tabus de vários tipos”. Essa nomenclatura performativa é a situação descrita pelo autor que interessa a esta pesquisa pelas relações que vamos estabelecer entre os antropônimos e o contexto sociocognitivo e discursivo no qual são empregados.

Lyons (1977) postula que os nomes próprios teriam um caráter denotativo estabelecendo uma relação de arbitrariedade entre o nome próprio e o seu portador. De acordo com o autor, o nome próprio estabeleceria uma “referência” e não um sentido, além de não poderem predicar, afirmativa da qual discordamos, visto que, como já foi analisado em Bassetto (2015), é frequente o uso do nome próprio como um predicativo, um atributo de um referente.

Os nomes próprios, quando empregues como expressões referenciais, identificam os seus referentes, não descrevendo-os em termos de uma propriedade (ou propriedades) relevante que o nome denota, mas utilizando a associação única e arbitrária entre um nome próprio e o seu portador. (LYONS, 1977, p. 176)

Ainda considera que não é nítida a distinção entre nomes comuns e nomes próprios na aprendizagem da linguagem, tendo em vista que, para o autor, “numa dada cultura ou sociedade, os nomes podem adquirir associações mais ou menos definidas [...]” (1977, p. 180). Essas convenções culturais, conforme descreve Lyons, levariam os nomes próprios a nomes comuns.

Dessa forma, considera-se que os nomes próprios tendem a se convencionar culturalmente numa dada comunidade de língua, o que permite considerar que os referentes introduzidos por nome próprio aludem a conhecimentos compartilhados e principalmente culturais.

Quando o portador do nome é um lugar ou pessoa histórica, política ou culturalmente proeminente, é possível que as conotações que lhe são associadas sejam relativamente constantes entre os membros de uma comunidade linguística dada que partilhem a mesma cultura. (1977, p. 181).

Dada carga semântica atribuída a certos nomes próprios, como afirma o teórico, pode gerar conotações comuns e conhecidas por um coletivo de indivíduos. Essas atribuições são construídas pelo grau de popularidade do portador do nome, por exemplo, figuras públicas, como políticos e artistas. Esse grau de representação coletiva fixa e uma espécie de modelo

cultural que está presente nos diversos discursos e textos se relaciona à definição de estereótipo de Amossy (2010).

Segundo Lyons (1977), há pelo menos três tipos de *expressões referenciais singulares definidas*, sendo uma delas os nomes próprios. Descreve ainda duas funções dos nomes próprios: função referencial, que seria o ato de referenciar por uma expressão referencial que possa fazer o locutor alcançar no contexto o referente em questão; e função vocativa, cujo papel é chamar atenção do locutor ou enunciá-lo pelo nome. Não nos interessa, nesta pesquisa, a função vocativa do nome próprio, pois não pretendemos, neste estudo, analisar a natureza dêitica do nome próprio, apesar de percebermos que, em certas ocorrências, o nome próprio é utilizado para projetar o locutor, em seu próprio dizer. Como vocativo, pode aparecer, como afirma Lyons (1977), para evocar, por exemplo, “João, entre na sala”. Outra função do nome próprio, segundo Lyons (1977), é a função “referencial” que corresponde, segundo nosso olhar, em certa medida, ao que Bassetto (2015) chama de função designadora. A principal contribuição de Lyons acerca da semântica dos nomes próprios, para os nossos interesses, é demonstrar que, culturalmente, os indivíduos associam diferentes características e atributos a um nome próprio, de tal modo que podem se tornar constantes e comumente aceitas numa comunidade linguística.

Dessa forma, Lyons considera que “o significado simbólico tantos dos nomes próprios como de outras palavras é governado por convenções específicas de uma dada cultura.” (1977, p. 182). Nesse ponto, concordamos com Lyons e defendemos a essencialidade de pensar as particularidades dos referentes antroponímicos acionados cotextualmente por expressões referenciais com nomes próprios, uma vez que o objeto de discurso é construído e recategorizado numa negociação que necessariamente estabelece relações com conhecimentos compartilhados de uma dada cultura.

Inspirado nos pensamentos de Lyons (1977), Kleiber (1991), ao elaborar uma proposta de *predicados de denominação*, divide os nomes próprios em *não modificados* e *modificados*. Sua preocupação residia em afirmar que o nome próprio seria um signo linguístico e comportaria significante e significado. Para Kleiber, o nome próprio não modificado consistiria no emprego de nomes próprios com função de nomear e identificar um indivíduo; e o nome próprio modificado seria mais predicativo, descritivo e caracterizador, não exercendo somente uma função identificadora e individual (função referencial). Podemos relacionar a classificação de nome próprio *não modificado* de Kleiber à definição de função referencial, proposta por Lyons (1977), e de função designativa de Bassetto (2015). O estudo de Kleiber (1991) foca nos nomes próprios modificados, já que seu objetivo era analisar os determinantes

como modificadores do *NPr*. Essa classificação foi retomada por outros autores, como Gary-Prieur (1991) e Jonasson (1994).

Influenciada por Kleiber (1991), Jonasson (1994), numa perspectiva cognitiva, parte das definições acerca da classificação de nome próprio não modificado/modificado e mantém essa divisão, destinando suas análises ao nome próprio modificado. Para a autora, há quatro tipos de interpretação para os nomes próprios modificados, são eles: o tipo denominativo, o tipo metafórico, o tipo exemplar e o tipo manifestação. Essas categorias permitiram demonstrar que as diferenças de uso do nome próprio podem ser explicadas no funcionamento da língua. Assim, a partir dessas considerações, apresentamos alguns exemplos da própria autora e outros exemplos coletados por nós para explanar esses tipos de interpretação do nome próprio.⁸

Segundo Jonasson (1994, p.182), emprego *denominativo* consiste na propriedade de ser chamado por determinado nome próprio. Nesse tipo de interpretação, o nome próprio não pode se referir ao portador, logo seria desfeita a relação direta entre o nome próprio e seu portador. Conforme a autora exemplifica abaixo:

(5)

- a. Um Meyer está vindo me ver esta manhã
- b. Todas as Emiles de nossa casa amam o Silvaner.
- c. Há três Alfredos na cidade.
- d. Esta noite é a festa dos Alfredos.

(JONASSON, 1994, p. 182, tradução livre)⁹

Nas sentenças, podemos ver que essa categoria demonstra, na língua, que o funcionamento do nome próprio representa a propriedade de ser chamado por determinado nome. Além disso, há usos do nome próprio para se referir a diversas pessoas com esse nome. Outros usos, como “Não conheço nenhum João aqui”, também se aproximam dos exemplos

⁸ Os exemplos, mais atuais, acrescentados aos exemplos propostos pela autora têm como finalidade deixar mais clara ao leitor a função de cada categoria semântico-pragmática proposta por Jonasson (1994).

⁹ a. Un Meyer est venu me voir ce matin
 b. Il a trois Alfred dans le village
 c. Tous les Emile chez nous aime le Silvaner
 d. Ce soir, c'est la fête des Alfred
 (JONASSON, 1994, p. 182)

acima, ou seja, nesses casos, o uso não está se referindo diretamente ao portador do nome, mas ao fato de não conhecer um indivíduo cujo nome é João.

O emprego *metafórico*, para a autora, seria o uso de um nome próprio como predicativo em virtude de suas características já convencionadas social e culturalmente. Jonasson (1994, p. 214, tradução nossa) ressalta que “o nome próprio é em geral precedido de um determinante, e muitas vezes acompanhado por vários tipos de complementos”.¹⁰ Dentre os exemplos para essa categoria, Jonasson (1994, p. 217, tradução nossa), apresenta a seguinte sentença:

(6) Ele é o novo Don Juan e suas conquistas são incontáveis.¹¹

Na sentença (b), a autora ressalta que certas propriedades de Don Juan predicam sobre o referente “ele”. Dessa maneira, Don Juan seria um nome próprio metafórico, pois se refere a predicativos de conquistador, galanteador, entre outros. Nesse ponto, a autora faz uma diferenciação entre referente discursivo e referente original. Para que fique clara essa distinção, o referente discursivo equivaleria ao referente construído na sentença “Ele é o novo Don Juan e suas conquistas são incontáveis.” e o referente original seria o personagem Don Juan de origem espanhola, conhecido por seduzir as moças de sua época.

Dessa afirmação, concordamos com a noção de referente discursivo, pois, dentro das concepções de referente para a Linguística Textual, o referente é construído somente discursivamente a partir da negociação compartilhada entre os interlocutores. Todavia, quanto ao referente original, a Linguística Textual não considera que o referente seja pré-existente, o que não anula essa noção, já que a expressão referencial com nome próprio guarda suas particularidades no processo de referenciação e, muitas vezes, é o elemento contextual que indicia um estereótipo cultural.

Recorremos a outro exemplo para o emprego metafórico, vejamos o trecho da notícia abaixo:

(7)

Marta, Cristiane e Bia: o trio apaixonante que ofusca Neymar
[...]

¹⁰ “Le Npr métaphorique est en general précédé d’un déterminant, et souvent accompagné de divers types de compléments.” (JONASSON, 1994, p. 214)

¹¹ (182) b. Il est le nouveau Don Juan et ses conquêtes sont innombrables [= Romain Gary] (Pawlovitchh, P., L’homme que l’on croyait, p. 49)

“E o que falar de Marta? A cinco vezes vencedora do prêmio de Melhor Jogadora do Mundo pela FIFA (2006 a 2010) e a ‘Pelé de saias’, como a definiu O Rei Pelé, é vista como a rainha do futebol.

Disponível:< <http://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/marta-cristiane-e-bia-o-trio-apaixonante-que-ofusca-neymar/>>. Acesso em: 01 mar. 2017)

Neste texto, o sintagma nominal “a Pelé de saias” possui um nome próprio modificado como núcleo e seria classificado como emprego metafórico, já que o nome próprio metafórico em evidência é “Pelé de saias”, apontando atributos como fato de ser o melhor jogador do mundo, considerado o rei do futebol brasileiro. Essas características foram atribuídas à jogadora da seleção feminina Marta numa relação metafórica. Conforme Jonasson (1994), nesse caso, há dois tipos de referentes: um discursivo, que seria o referente construído numa sentença como o exemplo acima, “Pelé de Saias”, e outro original, que, no caso, seria o jogador Pelé.

Esse tipo de interpretação metafórica se aproxima da função atributiva de atributo cristalizado proposta pela tese Bassetto (2015), uma vez que Pelé teria atributos já socialmente convencionados por uma comunidade linguística. Essas relações semânticas descritas por essa categoria são essenciais para o fenômeno da recategorização na linguística textual, já que o processo de manutenção e progressão dos referentes se dá por diversas pistas contextuais, incluindo, assim, as relações metonímicas, metafóricas e comparativas.

A terceira categoria é o emprego *exemplar*, que incide em destacar um indivíduo entre os demais que possuam aquele nome próprio/ sobrenome; esse nome passa a representar indivíduos que apresentem características semelhantes entre si, traços que podem torná-los estereótipos numa comunidade linguística. Para exemplificar essa categoria, Jonasson (1994, p. 229, tradução nossa) destaca o seguinte exemplo:

(8)

e. É sempre mais fácil condenar um Brasillach do que Jean Jardim ¹²

Os nomes próprios “Brasillach” e “Jean Jardim”, segundo Jonasson (1994), são usados como *exemplar* em virtude de ser um sobrenome popular, na França, e conter uma natureza histórica, cuja índole é respeitada socialmente, sendo bem conhecido por uma comunidade linguística. Nesse exemplo, podemos entender que os que pertencem à família “Brasillach” tendem a sofrer represálias, serem condenados sem regalias ou direitos, enquanto que os que

¹² (189) Il est toujours plus facile de condamner un Brasillach qu'un Jean Jardim (NO 1144: 41)

pertencem à família “Jean Jardim” seriam indivíduos beneficiados com maiores direitos frente a uma situação de condenação. Por isso, seria um nome próprio pertencente ao tipo de interpretação exemplar. Para que a definição dessa categoria se torne mais clara ao leitor, acrescentamos outro exemplo abaixo:

(9)

“Sou um Bolsonaro mais light”, diz o filho de Jair

O deputado estadual testa a força do sobrenome do pai na eleição para prefeito do Rio de Janeiro

O sobrenome Bolsonaro desperta as mais variadas reações. A marca da família que se vangloria por quase sempre ir na direção contrária do “politicamente correto” foi inaugurada por Jair Bolsonaro, deputado federal mais votado do Rio de Janeiro.

[...]

Disponível:< <http://veja.abril.com.br/politica/sou-um-bolsonaro-mais-light-diz-o-filho-de-jair/>>. Acesso em: 01 mar. 2017

Na coluna jornalística acima, Flávio Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, se diz um “um Bolsonaro mais light”. Desse modo, o nome próprio/sobrenome representa uma família, e, nesse caso, exerce um tipo de interpretação exemplar. Nesse trecho, Flávio Bolsonaro considera, ao mencionar o seu próprio sobrenome, que sua postura é menos radicalista do que de seu pai Jair Bolsonaro. Observamos também que, nas linhas seguintes, informações como “O sobrenome Bolsonaro desperta as mais variadas reações” indiciam inferências como as reações sociais sobre aqueles que fazem parte da família com esse sobrenome em questão, o que aponta uma relação metadiscursiva, ou seja, uma reflexão sobre o próprio dizer. Como afirmamos, não pretendemos aplicar esses tipos de interpretação, todavia se faz necessário, em nossas ocorrências, relacionar essas categorias, já nosso interesse pelos nomes próprios nos processos referenciais é mais argumentativo dentro da unidade textual.

O emprego por *manifestação* se refere a um recorte sobre uma fase do portador do nome próprio com o intuito de fazer menção a características do indivíduo por determinantes como artigos e adjetivos que modificam o nome próprio em sintagma nominal. Essa categoria, apesar de não ser descrita de forma detalhada pela autora, pode ser entendida como uma particularização de facetas de um dado indivíduo por meio do nome próprio com determinantes e modificadores com valor distintivo, ou seja, busca, pelos nomes próprios, enfatizar uma mudança social/ comportamental de um indivíduo. Para ilustrar essa categoria, Jonasson (1994, p. 171, tradução nossa) apresentou a seguinte sentença:

- (10) O que é certo, em todo caso, é que Celine antisemita é um Celine sorridente.¹³

Ainda recorremos ao exemplo de Bassetto (2015, p. 91), “o Lula metalúrgico era bem diferente do Lula presidente”; nesse exemplo, podemos observar facetas distintas do referente, uma em que Lula exercia a profissão de metalúrgico e outra em que era presidente da república. Entendemos que esse uso do nome próprio, numa perspectiva textual, instaure dois (ou mais) referentes que se relacionam contextualmente devido aos conhecimentos compartilhados sobre o referente “Lula”.

Kleiber (1994) retoma a classificação de usos dos nomes próprios modificados e propõe uma modificação na proposta de Jonasson (1994), dividindo em cinco tipos de interpretação, são elas: denominativo; fracionado, que se aproxima da categoria de manifestação de Jonasson (1994); exemplar; metafórico; e metonímico. Segundo o autor, esse último tipo de interpretação se evidencia em usos como “Li Machado de Assis” ou “Estudei Kafka”, nos quais há uma relação semântica metonímica de proximidade entre palavras, nesse caso, entre o autor, um nome próprio, e a sua obra.

Esses tipos de interpretação, descritas por Jonasson (1994) e Kleiber (1994), não apresentam uma preocupação em fazer uma análise numa perspectiva textual e argumentativa desses usos, sendo essas categorias mais uma análise semântico-pragmática dos nomes próprios em sentenças descontextualizadas.

2.2.4 Abordagem textual e discursiva dos nomes próprios

Nesta subseção, propusemos descrever aspectos textuais e discursivos quanto às discussões contemporâneas acerca do funcionamento dos nomes próprios. Elegemos três trabalhos que contextualizaram, de alguma forma, o uso de nomes próprios no nível discursivo e textual. Assim, recorremos a Cavalcante (2003), a qual aponta uma função das expressões definidas (descrições definidas dos nomes próprios); posteriormente, Bassetto (2015) acerca dos modos de funcionamento do nome próprio como estratégia de progressão

¹³ d. Ce qui est sûr, en tout cas, c'est que le Celine antisémite est un Celine souriant. (NO) (JONASSON, 1994, p. 171)

referencial; e Krilyschin (2016) sobre o uso do nome próprio histórico (Nprh) como meio argumentativo nos discursos de arte.

No artigo de Cavalcante (2003), ao mencionar os subtipos de anáforas correferenciais recategorizadoras, a autora faz uma rápida menção aos nomes próprios ao exemplificar a relação das expressões referenciais com nomes próprios às expressões definidas.

b) por expressão definida

SOBE

CARLOS ALBERTO PARREIRA

* *O treinador tetracampeão do mundo* voltou ao comando da seleção brasileira.

PAULO LACERDA

* *O delegado que ajudou a desvendar o esquema de corrupção de PC Farias* foi escolhido para dirigir a Polícia Federal. (Notas - Veja, 15/01/03)

Esta seleção de atributos, nas expressões definidas em grifo, pode ter fins diversos: acrescentar informações que particularizam o referente, ou destacar pontos de vista do enunciador sobre a entidade referida, ou as duas estratégias ao mesmo tempo. Observe-se que, nesta coluna *sobe/desce*, da revista *Veja*, geralmente **se apresenta o nome próprio de quem está sendo focalizado**, para logo depois **retomar o referente recategorizando-o por um SN de função simultaneamente referencial e atributiva** [...]. (2003, p. 110-111, grifo nosso)

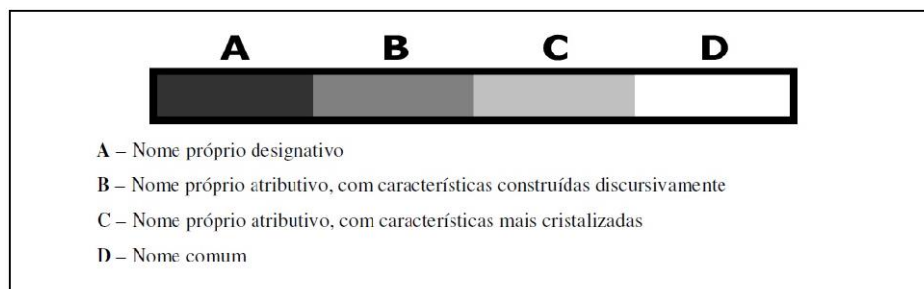
A autora aponta como os atributos presentes nas expressões definidas podem acrescentar informações sobre o objeto de discurso introduzido por um nome próprio, como especificações e características que o individualizam, e podem até evidenciar posicionamentos argumentativos. Nessa primeira análise de Cavalcante (2003), há uma atenção para as descrições definidas como caracterizadoras dos referentes antropônimos, não destinando atenção apenas a atributos semânticos. Como destacamos no exemplo da autora, nesse espaço da revista *Veja*, há o nome próprio, que funciona como introdução referencial, e, em seguida, uma descrição definida, que possibilita a recategorização do objeto de discurso introduzido pelo nome próprio anteriormente. A autora afirma que há necessariamente uma função referencial e atributiva nesse caso. Essas reflexões de Cavalcante (2003) demarcam nosso lugar de fala acerca dos nomes próprios, uma vez que nossa análise se dá pela noção de referente como objeto de discurso, dinâmico e negociado a partir das relações intersubjetivas e, principalmente, dos conhecimentos culturais dos interlocutores.

Nesse sentido, assumindo uma perspectiva sociocognitiva e interacional, Bassetto (2015) reflete em sua tese sobre papel do nome próprio como estratégia de progressão referencial em funções mais designativas ou atributivas em gêneros discursivos variados. Seu trabalho refletiu mais apropriadamente sobre o funcionamento dos nomes próprios no processo de referenciação, demonstrando em que medida um nome é usado de forma

designativa e atributiva e de que forma colabora para a construção dos referentes nas interações verbais. Para isso, a autora estabeleceu três funções gerais a respeito da funcionalidade de nomes próprios, considerando não somente sua função designativa, mas também atributiva:

O funcionamento do nome próprio depende do contexto de uso, como se pretende demonstrar a partir das análises realizadas na sequência, com base nos modos de funcionamento do nome próprio distribuídos no *continuum* – (a) nome próprio designativo; (b) nome próprio atributivo com características construídas discursivamente; e (c) nome próprio atributivo com características mais cristalizadas. (2015, p. 102)

Bassetto (2015) enfatiza a relevância do contexto de uso para mensurar o modo de funcionamento dos nomes próprios, observando esses nomes próprios numa gradação. Ao pensar essas funções dos nomes próprios numa linearidade gradativa, a autora constrói uma representação abstrata de um *continuum*, demonstrando que essas formas de funcionamento não são categóricas, podendo se sobrepor. Para ilustrar seu pensamento sobre essa gradação, Bassetto (2015, p. 100) propõe o seguinte quadro:



Nesse *continuum*, a autora descreve a função designativa do nome próprio como o primeiro modo de funcionamento (a) e o mais explorado por alguns nomes da filosofia da linguagem e pelas teorias linguísticas. Reflexões de algumas perspectivas filosóficas, como Mill (1843) e Kripke (1972), apontam a função designativa como característica principal do nome próprio, aproximando-se da abordagem das gramáticas prescritivas como Cegalla (2004), Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2013). Nessa forma, o nome próprio está em seu modo prototípico e exerce a função de denominar o referente no contexto. A autora afirma que esse uso seria mais *neutro* para a teoria da referenciação, já que, nesse caso, o nome próprio, na expressão referencial, não apresentaria propriedades do referente.

Para Bassetto (2015), a função designativa é mais comum em textos jornalísticos, pois tende a lidar com figuras de destaque na sociedade, como nos seguintes fragmentos analisados pela autora:

(11)

1. Até agora, a mais espetacular operação da Polícia Federal atirou contra o banqueiro Daniel Dantas. Mas atingiu também o *presidente do Supremo*, Gilmar Mendes, que está levando as sobras com o levantamento de sua polêmica passagem no judiciário nacional.

[...]

2. Lembro a estupefação causada por Luís Carlos Prestes quando da primeira eleição após a ditadura do Estado Novo. Na luta entre o bem e o mal, representada pelas candidaturas do marechal Dutra (PSD) e do brigadeiro Eduardo Gomes (UDN), o líder comunista declarou que não via nenhuma diferença entre os dois. (TDP)

3. "É a banda Cê no Circo de novo." Assim Caetano Veloso declarou aberta sua mais nova turnê, na noite desta quinta-feira (21), para um Circo Voador lotado e muitíssimo animado, no Rio. (CVP) [grifo da autora] (BASSETTO, 2015, p. 103)

Segundo a autora (2015, p. 104), a função designativa pode se apresentar como um aposto ou como uma nomeação simples. No exemplo (1), trecho enumerados pela própria autora, o nome próprio sublinhado "Gilmar Mendes" é empregado como aposto para a descrição definida "o presidente do Supremo", servindo para auxiliar a identificação do referente pelo locutor e evitando possíveis erros de interpretação. Já nos exemplos (2) e (3), os nomes próprios "Luís Carlos Prestes" e "Caetano Veloso" não apresentam modificadores e são usados em sua forma prototípica, exercendo uma função designativa. Nesse modo de funcionamento, o interlocutor deve acessar pelo nome próprio a figura pública em seu conhecimento de mundo. Assim, o referente é ativado, sem que seja preciso maiores explicações e sem apresentar atributos que possam modificar o referente.

A função designativa garante ao locutor clareza na construção do referente, uma vez que evidencia a especificidade e a individualidade ligada ao nome próprio, garantindo um status ao referente a partir do propósito comunicativo.

Acerca dessas funções, a autora pondera sobre possíveis gradações entre um uso designativo (a) e atributivo com atributo construído discursivamente e cristalizado (b; c), não sendo essas categorias fixas, uma vez que o funcionamento do nome próprio está atrelado a aspectos socioculturais e há casos que esses modos de funcionamento ocorrem simultaneamente. Dessa maneira, Bassetto (2015, p. 115), ao analisar o referente "Papa Francisco", no exemplo (12), observa como esse objeto de discurso é construído no texto em

duas visões: ora explicitado como referente Papa Francisco, ora referente Jorge Mario Bergoglio”. Observamos a análise do exemplo a seguir:

(12)

Papa Francisco foi o primeiro pontífice a dar uma audiência à imprensa.
O primeiro papa latino-americano, Jorge Mario Bergoglio, também foi o primeiro dar uma audiência à imprensa, dias após sua eleição. Durante o encontro no Vaticano, o papa disse que escolheu o nome Francisco - de São Francisco de Assis – inspirado pelo cardeal brasileiro Cláudio Hummes e porque quer "uma igreja pobre e para os pobres". (CBI) [grifos da autora]

Nesse exemplo (12), a autora explica que o referente é introduzido pelo nome próprio “Papa Francisco”, sendo Francisco um predicado nominal que especifica papa; após isso, é apresentado como “O primeiro papa latino-americano”, destacando sua origem, seguido por um aposto explicativo “Jorge Mario Bergoglio”, cuja função é designativa. Em seguida, retoma como “o papa”, o qual justifica a escolha do nome próprio “Francisco” para o papado relacionando-o a um conhecimento cultural de que São Francisco de Assis foi misericordioso e dedicado aos pobres. O texto trata do primeiro pronunciamento do papa e da justificativa da escolha do nome “Francisco. Basseto enfatiza a intenção de mostrar que o nome próprio “Bergoglio” seria empregado numa fase anterior ao título de papa, já o nome próprio “Francisco” seria próprio à fase do papado. Isso se relaciona à categoria de manifestação descrita por Jonasson (1994), que explica possíveis fases do portador do nome próprio, as quais seriam, nesse exemplo, o Jorge Mario Bergoglio, antes do anúncio do papado, e o Papa Francisco, nome escolhido para o exercício do sacerdócio/santidade.

Nesse caso, a autora ressalta a possibilidade de o referente “Papa Francisco” estar no que ela considera como *continuum* entre (a) nome próprio designativo e (b) nome próprio atributivo com características construídas discursivamente. Assim, nessa gradação, o nome próprio pode ser, em algumas situações enunciativas, designativo e também atributivo em função de um propósito comunicativo. Mas, nesses casos, a autora descreve em seu quadro teórico e considera que o nome próprio atributivo com atributos construídos discursivamente estaria mais próximo do nome próprio designativo. É relevante salientar que os atributos que são “construídos discursivamente” são um pressuposto da definição de referente, pois este é necessariamente construído no texto em função de uma negociação compartilhada. Essa função não elimina o caráter designativo do nome próprio, todavia, mesmo em função designativa, o nome próprio apresenta um caráter intertextual, pois, para alcançar o referente, há alusões necessárias à construção dos sentidos.

Voltando para as relações entre os modos de funcionamento propostos por Bassetto (2015), há empregos distintos quanto à função atributiva: a de atributo construído discursivamente e a de atributo cristalizado como já foi anteriormente descrito. Trataremos, primeiramente, da função atributiva com atributo construído discursivamente. Entre os textos analisados pela autora, destacamos o exemplo abaixo que pertence à crônica do livro *Lula é minha anta* de Diogo Mainardi (2008):

- (13) “Lula é a expressão de algo bem mais familiar na política brasileira e de que nunca vamos nos livrar. Ele é o ACM. É o Sarney. É o Jader Barbalho. É o Severino Cavalcanti. (FEB)” (BASSETTO, 2015, p. 134, grifos da autora)

Na análise, a autora destaca que o referente “Lula” é introduzido com função designativa e, posteriormente, o referente passa a receber predicativos por nomes próprios em caráter atributivo, como “o ACM”, (Antônio Carlos Magalhães), “o Sarney”, “o Jader Barbalho” e “o Severino Cavalcanti”, políticos envolvidos em escândalos de corrupção, sendo suas imagens públicas ligadas a juízos negativos socialmente. A autora salienta que esses nomes próprios ainda exercem uma função designativa, pois é necessário que o interlocutor recupere esses conhecimentos de mundo. Para Bassetto, nesse caso, esses predicativos não participam dos processos anafóricos, mas auxiliam na construção referencial, apesar da própria autora ressaltar que podem ser usados como introdução e progressão referencial. A nosso ver, isso é contraditório, tendo em vista que quaisquer pistas do texto são relevantes à construção dos referentes.

Como Bassetto propõe que um nome próprio com função atributiva passa a servir de atributo a outro nome, logo não é possível considerá-lo como nome comum, pois mantém sua função designativa e ainda características formais como manutenção da letra maiúscula. Partindo dessas constatações, há o que a autora chama de “jogo de instauração de referentes”, em que o nome próprio atributivo “é usado, com mais frequência, numa relação entre dois referentes, um nem sempre explícito discursivamente, mas podendo ser inferido, e outro explícito no texto, a quem se atribui aquele nome e, conseqüentemente, as características construídas no discurso.” (2015, p. 134). Esse *jogo de instauração de referentes* cunhado por Bassetto, a nosso ver, se relaciona diretamente às etapas de recategorização, apresentações e retomadas recategorizadoras (acréscimo, confirmação e correção) descritas por Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2016).

No processo de recategorização essas relações se dão num jogo de idas e vindas que possibilitam as constantes instabilidade e estabilidade inerente aos objetos de discurso. Essa atribuição de traços associados a um referente passa a pertencer a outro referente, possibilitando essa relação entre objetos de discurso, ou melhor, um referente introduzido é naturalmente recategorizado e transformado pelas diversas pistas contextuais, dentre elas, as expressões referenciais com nome próprio. Essa relações entre referentes se dão por processos anafóricos de forma direta e indireta relacionando predicacões, metáforas e metonímias, dentre outras relações, que auxiliam a progressão referencial.

Outro modo de funcionamento descrito no *continuum* é o (c) nome próprio atributivo com características cristalizadas, em que a autora conclui que estes se aproximam mais da categoria de (d) nomes comuns. Nessa função, o nome próprio atribui ao referente aspectos já atrelados social e culturalmente a esse nome como uma espécie de estereótipo cultural construído por uma comunidade discursiva. Nesses casos, portanto, o nome apresenta sentidos convencionados socialmente, ou seja, a características fixas, por exemplo, *judas* (*traidor*), *einstein* (*gênio*), entre outros, dando aos nomes próprios um estatuto de nome comum, ou seja, de epônimos.

Dentre os exemplos analisados, recortamos um excerto do seguinte exemplo apresentando pela autora, no qual ela apresenta empregos de nomes próprios que representam a função atributiva com atributo cristalizado.

(14). Após polêmica, Neymar é chamado de 'novo Pelé' na capa da 'Time'.

Atacante do Santos estampa a capa da última edição da “Time”, que aponta o craque como o “próximo Pelé”. [...] (BASSETTO, 2015, p. 157)

A autora, a partir da gradação dos modos de funcionamento dos nomes próprios, aponta que o referente “Neymar” é introduzido por um nome próprio designativo na manchete. Em seguida, o referente introduzido recebe uma atribuição pela expressão “novo Pelé” e “o próximo Pelé”, jogador conhecido popularmente por sua excelência no futebol. Dessa forma, os objetos de discurso se relacionam, num jogo de instauração de referentes, a partir das propriedades semânticas que um nome próprio em função atributiva pode emprestar a outro referente, como no exemplo acima, no qual as características cristalizadas, fixadas por uma convenção social e presentes no conhecimento compartilhado, de “Pelé” são atribuídas a “Neymar”. As expressões referenciais, que a autora denomina como descrições definidas”, “atacante do Santos” e “o craque” se somam aos nomes próprios atributivos para promover a recategorização do referente Neymar que é *construído discursivamente*. Podemos considerar

que os dois referentes são construídos discursivamente, já que esses conhecimentos são acionados pelos contextos que emergem no texto, e essas relações entre referentes são próprias do fenômeno de recategorização.

Em relação a essa gradação entre funções designativa e atributiva com atributos construídos discursivamente e cristalizados, a autora conclui que os nomes próprios, em função designativa e/ou atributiva, “funcionam discursivamente, em diferentes contextos de interação verbal, como estratégia de construção referencial, podendo, desse modo, mais do que nomear o referente, também (re) categorizá-lo.” (BASSETTO, 2015, p. 9).

Ressaltamos que, como todo processo referencial anafórico, aqueles que contêm antropônimos servirão para a manutenção e para a progressão referencial, dois funcionamentos presentes nas anáforas. Mas há situações em que os antropônimos introduzem os referentes e já evidenciam a condução de certos pontos de vista no texto. Portanto, sendo uma estratégia de introdução ou de retomada anafórica, o nome próprio tende a cooperar para os processos de recategorização dos referentes.

Considerando essas discussões, nosso intuito, nesta dissertação, foi avançar sobre os processos referenciais por nome próprio a fim de observar como podem compor estratégias argumentativas; nesse ponto, não nos dedicamos somente a observá-los como estratégias de progressão referencial, mas os diversos processos referenciais, bem como recategorização, como estratégias para uma orientação argumentativa do texto.

Sendo assim, ao repensar as funções propostas pela tese de Bassetto (2015), percebemos a necessidade de ampliar suas reflexões numa tentativa de demonstrar que o nome próprio, no processo de referenciação, ultrapassa essas funções já descritas, designativa e atributiva (por atributo cristalizado ou construído discursivamente), sendo considerada por nós como uma estratégia persuasiva nos textos.

A nosso ver, as funções que os nomes próprios podem exercer nos textos não se limitam aos modos de funcionamento, como as funções designativa ou atributiva por atributo cristalizado e por atributo construído discursivamente. Como a própria autora constatou nessas funções, o nome próprio exerce *uma força argumentativa* nos projetos de dizer dos interlocutores. Nesse sentido, nossa proposta não é nos limitarmos a pensar o modo de funcionamento do nome próprio classificando-o em mais designativo ou mais atributivo, mas analisá-los como uma das estratégias persuasivas que, somadas a outras pistas do texto, colaboram para a construção dos pontos de vistas defendidos no texto, assim como para marcar um posicionamento argumentativo do interlocutor, assim como orientar determinados pontos de vistas, principalmente, desde o modo como são explicitados nas expressões

referenciais até as etapas de construção da referência nas apresentações e retomadas recategorizadoras, conduzindo, assim, a argumentação do texto. Então, acreditamos que é pertinente investigar mais a fundo os nomes próprios nas expressões referenciais como uma estratégia persuasiva, dentre outras também mobilizadas, para a condução argumentativa dos textos.

Numa dimensão discursiva, destacamos, nesta dissertação, o trabalho Krylyschin (2016), no qual a autora investiga o uso do nome próprio histórico (Nprh) e seu funcionamento em livros de ouro e textos de exposição observando os discursos relacionados à arte. Para a autora, os nomes próprios considerados “célebres” são convocados para uma finalidade argumentativa, devido a pertencerem a pintores renomados e, por essa razão, servirem de argumento de autoridade sobre uma obra de arte apresentada.

A autora se filia ao dialogismo pictural constitutivo e mostrado¹⁴, que se manifesta por elementos linguísticos como nomes de obras e, principalmente, nomes próprios de pintores conhecidos. Krylyschin (2016, p. 77) chama atenção para o funcionamento do nome próprio histórico nos discursos de exposição (textos de exposição), pois considera que “a palavra viaja de uma comunidade discursiva à outra, de um locutor a outro, fazendo, assim, também a obra viajar de um receptor a outro, forjando, dessa maneira, seus diferentes quadros de interpretação”. Nesse sentido, para a autora a produção e a recepção de uma palavra, semelhante às obras, se alicerçam em um conhecimento compartilhado que está memorizado na mente das pessoas. Porém, reivindicamos que essas relações não podem ser limitadas a uma condição de produção e recepção, tendo em vista que, nessa questão, estamos diante de objetos de discurso e não somente a semântica das palavras.

Ao analisar livros e textos de exposição e livros de ouro pertencentes a Renoir no século XX (Grand Palais, 2009-2010) e a Picasso (Grand Palais, 2008-2009), a autora aponta os que apresentam dialogismo pictural mostrado e constitutivo e demonstra que isso se dá em virtude da presença de uma obra em outras obras, o que se evidencia através dos textos de exposição por aspectos linguísticos como a citação de nomes próprios de renomados pintores e nomes de quadros. Além disso, a autora destaca outros elementos linguísticos que auxiliam “a filiação” das obras, como marcadores discursivos, expressões como “evoca”, “equivalência” e “de acordo com”.

A autora passa a descrever o funcionamento dos nomes próprios históricos que formam uma espécie de rede junto aos nomes de movimentos artísticos. Krylyschin (2016)

¹⁴ Heterogeneidades enunciativas de Authier-Revuz (1985)

define, a partir do conceito de Jonasson (1994), o nome próprio como “expressões associadas, em razão de uma ligação denominativa estável, com uma entidade particular na memória de longo termo”. Esse elo possibilita que determinados nomes próprios passem a pertencer a uma comunidade discursiva, tornando-se nomes próprios históricos considerados culturalmente importantes.

O nome próprio também é visto pela perspectiva de Gary-Prieur (2001), como foi descrito anteriormente, a qual defende que o nome possui um referente inicial, relacionado a um ato de batismo anterior ao enunciado, e um referente discursivo manifestado por um grupo nominal que expõe representações acerca do referente inicial.

A autora enfatiza ainda que os conhecimentos compartilhados entre os leitores autorizam usos metafóricos e metonímicos dos nomes próprios históricos, categorias semânticas descritas por Jonasson (1994). A autora destaca como uso metafórico “um **Renoir** nem tanto conhecido, mas atrás de cada pincelada” e como uso metonímico “eu dou o **Renoir** todo para a pequena paisagem de Bonnard”

Krylyschin (2016, p. 82) afirma que o uso dessas autoridades reconhecidas e respeitadas no discurso epidítico pode validar uma obra como arte, já que, “nos discursos de exposição e no plano linguístico, essa tática verbal consiste em rodear o nome próprio que se quer defender com outros nomes próprios históricos que vão lhe conceder uma saliência, um status”. Dessa forma, um nome próprio carrega em seu conteúdo uma bagagem histórica e respalda a obra de um determinado pintor por meio de um argumento de autoridade, próprio da argumentação retórica de Perelman e Tyteca (2005), pautando-se ainda em um prestígio social de um indivíduo ou um grupo para admitir uma determinada tese. A exemplo disso, a autora (2016, p. 86) afirma que “citar Picasso como amante das obras do pintor concede-lhes um caráter de excelência”.

Isso evidencia uma finalidade argumentativa do nome próprio nos textos de exposição, pois, ao mobilizar nomes próprios históricos de pintores renomados, a obra passa a ser qualificada como equivalente à filiação promovida pela presença dos nomes próprios de artistas prestigiados no meio artístico. Isso ocorre,

porque os nomes de pintores célebres têm um referente inicial conhecido, constituído por um conjunto de conhecimentos compartilhados, fixado nas memórias e nos dicionários; sua simples presença num texto ou sua mobilização como fonte enunciativa de discursos reportados atribui-lhe valor axiológico. (KRYLYSCHIN, 2016, p. 86)

Para ilustrar esse conceito, destacamos o seguinte exemplo de Krylyschin (2016, p. 83):

(15) **Matisse** que viu Renoir pintar este quadro em Cagnes, vê nele a “obra-prima” do pintor, “os mais belos nus que se têm pintado: ninguém fez melhor, ninguém”¹⁵

Nesse caso, a autora destaca o uso de Nprh “Matisse” como fonte enunciativa do discurso de enaltecimento do quadro de Renoir como “obra-prima”, expressão explicitada no texto, dando autenticidade à obra do pintor, tendo em vista que Henri Matisse é um artista francês e renomado pintor, cuja produção artística é comparada à produção de Picasso. Isso confirma a relevância da discussão da autora sobre determinados nomes próprios se tornarem importantes numa comunidade discursiva devido aos conhecimentos partilhados enraizados.

Essa perspectiva é relevante aos nossos objetivos, principalmente, quanto a essa discussão que se faz a respeito dos usos metafóricos e metonímicos dos nomes próprios; o prestígio social concebido a nomes próprios culturalmente importantes devido a conhecimentos partilhados entre os leitores; a análise que se volta para a finalidade argumentativa dos nomes próprios como um argumento de autoridade nos textos de exposição.

Ressaltamos ainda que a autora não assume uma noção de referência empreendida pela linguística textual, mas uma concepção cognitiva que se funda nos pressupostos teóricos das autoras Gary-Prieur (1991; 1994) e Jonasson (1994), para as quais o nome possui um referente inicial, cujo conteúdo é anterior ao enunciado e conhecido pelos interlocutores, e um referente discursivo, uma representação associada a um grupo nominal no enunciado. Esse último é tomada com uma relação mais cognitiva entre um sintagma nominal e uma suposta imagem do referente, o que ainda não pode ser considerado como a noção de referente pleiteada pela referenciação.

Este capítulo cumpre um importante percurso desta dissertação por sintetizar pontos de vistas sobre o nome próprio em vertentes teóricas independentes pautadas por critérios e categorias de análise distintas. Nosso intuito foi discutir seus pressupostos e relacioná-las a fim de demonstrar de que forma se aproximam ou se distanciam de nossas hipóteses.

O capítulo 3, a seguir, destina-se às discussões sobre a referenciação numa perspectiva sociocognitiva e discursiva, apontando o nosso lugar de fala quanto à análise de nomes próprios em textos.

¹⁵ Este trecho pertence ao texto de exposição Renoir no século XX, sala 15/15: “As banhistas, um testamento”, corpus analisado pela autora.

3 OS FUNDAMENTOS DA REFERENCIAÇÃO NA LINGUÍSTICA DE TEXTO

A partir das discussões realizadas no capítulo 2 desta dissertação, dentre as abordagens teóricas sobre o nome próprio, a filosofia da linguagem pensou a língua como um sistema de etiquetas, uma vez que os filósofos defendiam que havia objetos preexistentes, estabelecendo, dessa forma, um elo entre as palavras e as coisas no que concerne às teorias nas quais o objeto de estudo era o nome próprio. Essa maneira de referir o mundo se colocava na linguagem a partir de uma relação de correspondência e veracidade.

Neste capítulo 3, abordamos como a Linguística Textual passa a definir a referência como uma atividade discursiva, dinâmica e plenamente negociada pelos interlocutores. Esse ponto de vista foi, inicialmente, adotado por teóricos como Mondada (1994), Mondada e Dubois (2003) e Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). No Brasil, são adeptos desse ponto de vista, teóricos como Marcuschi e Koch (1998), Marcuschi (1998; 2007), Koch (2002), Cavalcante (2011; 2013), Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Destacamos também, neste capítulo, uma seção sobre a orientação argumentativa do texto, a partir de pressupostos de Adam (1992) e Amossy (2017), bem como Cavalcante (2017) e Macedo (2017), na qual apontamos o lugar no qual nos situamos ao defender que os processos referenciais por nomes próprios compor estratégias argumentativas.

3.1 Do objeto do mundo ao objeto de discurso

A perspectiva que se distancia das concepções de extensionalismo entre as palavras e objetos do mundo dados *a priori*, ou seja, que se distancia de um estudo ontológico das nomeações, pensa numa referência construída na prática discursiva. De acordo com Mondada e Dubois (2003, p. 20),

Essas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solidário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

Esse grau de intersubjetividade confirma a natureza cognitiva e abstrata do referente, permitindo que os interlocutores coconstruam uma representação do mundo mais ou menos estável e estabeleça, por meio das negociações mediadas na interação, os sentidos de um texto. Para as autoras, essa estabilidade é criada a partir de um construto do real regido pelos

conhecimentos socioculturais, no qual os sujeitos constroem estruturas que autorizam uma certa estabilização do mundo; já as instabilidades são “inerentes aos objetos de discurso e às práticas, e [...] ligadas às propriedades intersubjetivamente negociadas das denominações e categorizações no processo de referenciação. (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 22)

Essa instabilidade é definida pelas autoras como algo intrínseco aos referentes, o que se evidencia nas negociações entre os interlocutores, e é possível por intermédio das sucessivas correções e modificações necessárias aos sentidos que o locutor almeja estabelecer na construção do objeto de discurso. Essa reconstrução é ilustrada pelas autoras (2003, p. 30) no seguinte exemplo:

(16) *Je buvais mon petit verre à table mon petit verre enfin un grand verre quoi*
*Eu bebia **uma dose** na mesa do bar, **uma dose nada**, **um porre** mesmo*

De acordo com as autoras, no exemplo acima (16), há uma tentativa do locutor de ressignificar o referente “uma dose” e fazer progredir o objeto de discurso à medida que o corrige pelas anáforas diretas “uma dose nada” e “um porre”. Esse tipo de acréscimo pode ocorrer quantas vezes for necessário a fim de atender aos sentidos desejados em um projeto de dizer. O ajuste acontece no andamento do processo de referenciação, o que comprova a impossibilidade de conceber um objeto de discurso anterior à situação enunciativa. Afastamos nos de um tipo de análise que se interesse por traços eminentemente semânticos de “referentes”, porque tratar de referenciação requer a análise de situações de uso, por isso podemos dizer que o estudo da referenciação supõe uma abordagem também pragmática. Mas, além de pragmática, esta perspectiva ainda supõe uma concepção de enunciação ampla, que contempla e exige a imbricação entre aspectos dos contextos sócio-histórico-culturais e aspectos linguístico-textuais e discursivos.

Analisar a referenciação como um processo dinâmico, contextualmente situado, envolve uma visão de objetos de discurso instáveis por definição. Mondada e Dubois (2003) apontam recursos os quais possibilitam estabilizar as instabilidades no processo de referenciação. No nível psicológico descrito pelas autoras, destacamos a prototipicidade e, no nível linguístico, os estereótipos e as anáforas. A prototipia seria uma forma de economia cognitiva, a qual fixa algumas representações de interpretações do homem sobre o mundo.

Mondada e Dubois (2003) se apoiam em Rosch (1978)¹⁶, que define o protótipo como um objeto cultural estabilizado em um grupo de indivíduos. Se este passar a ser uma representação compartilhada, há possibilidade de esse protótipo passar a ser um estereótipo. Esses graus e efeitos de instabilidade e estabilidade, como afirmamos, são guiados pelas negociações entre os interlocutores numa tentativa de estabilizar a construção da referência.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), assim como Mondada e Dubois (2003), não concebem os referentes como “coisas” do mundo material, e defendem uma visão de referência mais representacional e construtivista. Conforme os autores (1995, p. 229), “os objetos do discurso não preexistem ‘naturalmente’ à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos - fundamentalmente culturais - desta atividade.”¹⁷ A partir dessa noção, o referente não é mais visto como um objeto anterior ao texto e presente no mundo real, mas como um objeto de discurso construído a partir das interações e das negociações entre os interlocutores na atividade discursiva.

Outra importante discussão empreendida pelos autores é relacionada ao fenômeno da recategorização, que é descrito, nesse primeiro momento, como uma transformação de referentes interpretável por expressões referenciais. A noção de recategorização com que lidamos nesta pesquisa suplanta a visão de que a transformação dos referentes se dá pelas expressões referenciais. A recategorização se representa na mente dos interlocutores em jogos de estabilidade e instabilidade do referente e é, por isso mesmo, um processo de idas e vindas durante a interpretação de um texto.

No Brasil, Koch e Marcuschi, em diversas publicações, foram os principais expoentes da Linguística Textual, principalmente, quanto aos postulados acerca do conceito de texto e de referenciação. Marcuschi e Koch (1998), adeptos da visão intersubjetiva e negociada dos referentes proposta por Mondada e Dubois (2003)¹⁸, enfatizam que a realidade não é negada, mas que as relações entre linguagem e mundo não se dão por um sistema fotográfico e de espelhamento.

Isto não significa negar a existência da realidade extremamente, nem estabelecer a subjetividade como parâmetro do real. Nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com

¹⁶ ROSCH, E. (1978) **Principles of categorization**. In: ROSCH, E., LLOYD, B. (eds.) *Categorization and cognition*. N.J.: Hillsdale, p.27- 47, 1978.

¹⁷ “[...] les dits objets-de-discours ne preexistent pas "naturellement" a l' activite cognitive et interactive des sujets parlants, mais doivent etre conigus comme les produits fondamentalement culturels de cette activite” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN 1995, p. 229, tradução livre por Mônica Magalhães Cavalcante).

¹⁸ A obra original de Mondada e Dubois foi publicada em 1995 e traduzida em 2003.

o real. Ele reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. E essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Também não se postula uma reelaboração subjetiva, individual: a reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. (KOCH; MARCUSCHI, 1998, p. 5).

Essa reelaboração, como afirmam os autores, não é isolada e construída por um sujeito plenamente autônomo, nem é desregrada, mas regida por coerções sociais da ordem dos discursos, em virtude de fatores socioculturais e do próprio sistema linguístico. Assim, a referência se dá nas operações realizadas pelos sujeitos no curso da situação comunicativa.

Koch (2002, p. 94) afirma que “a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural.” Portanto, esses teóricos fundamentam sua reflexão considerando o tratamento do termo *referência*, comumente utilizado pela filosofia da linguagem, como distinto do termo *referenciação*, pois este seria mais condizente com o campo da Linguística Textual, por pressupor uma atividade discursiva de construção de referentes.

Cavalcante (2011), considerando o tratamento dado à referência e ao referente pelos filósofos da linguagem, afirma que

Não podemos falar de referência considerando apenas a palavra fora de contexto, em estado de dicionário, mas poderíamos, sim, tratar de denotação. Não se pode afirmar que um dado nome “se refere” a uma classe de indivíduos, pois só se identifica o referente correspondente a um nome quando se analisa o enunciado e o contexto de uso em que este foi empregado. (CAVALCANTE, 2011, p. 21)

A autora aponta a necessidade de entender a construção do referente no curso de sua reconstrução no texto aliada aos conhecimentos compartilhados, ou seja, não podemos conceber um referente fora da unidade textual. Cavalcante (2011, p. 53) afirma que “os referentes se configuram na mente dos participantes da enunciação”. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 27) definem o objeto de discurso como uma “representação na mente dos interlocutores de uma entidade estabilizada no texto”, o que possibilita ratificar a noção cognitiva e discursiva do modo como arquitetamos os referentes no texto, com a colaboração dos aspectos sociais, culturais e interacionais dos interlocutores envolvidos na produção e compreensão do texto e da (re)construção cognitiva e conjuntamente promovida pelos interlocutores a cada enunciado.

Como será descrito no item a seguir, no texto, o referente é introduzido e retomado pelos diversos processos referenciais, que se subdividem em dois tipos: introdução referencial, responsável pela apresentação dos objetos de discurso no texto e anáfora, responsável pela retomadas de referentes, que sempre evoluem em processos de recategorização (CAVALCANTE; BRITO, 2016).

3.2 Os processos referenciais

Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) apresentam os seguintes processos referenciais: introdução referencial, anáfora direta (correferencial), anáfora indireta (não correferencial) e anáfora encapsuladora, além da dêixis. Esses processos referenciais, conforme esses autores, não se resumem a definições e classificações metodológicas, mas exercem relevantes funções na construção da coerência e da coesão textual. A seguir, descrevemos cada processo referencial e apresentamos exemplos com o intuito de discutir e refletir sobre os critérios que os definem e os distinguem e que funções podem exercer nos textos, tendo em vista que o objeto central de nossa dissertação é analisarmos processos referenciais, introduções e anáforas diretas e indiretas, que envolvem o nome próprio, demonstrando certas particularidades desses usos em gêneros diversos.

3.2.1 A introdução referencial

O papel da introdução referencial é apresentar pela primeira vez um novo referente, sem que este esteja ancorado no texto anteriormente. Esse processo referencial distingue-se das anáforas por sua função de inaugurar novos referentes, que podem estrear no texto por expressões referenciais¹⁹ ou por outras semioses. Os autores apresentam como exemplo o seguinte poema:

(17)

PAI,

Este retrato é mais
e mais que a pedra branca,
mais que a data sempre.

¹⁹ Entendemos como expressão referencial “uma estrutura linguística utilizada para manifestar formalmente, na superfície do texto (ou seja, no *cotexto*), a representação de um referente” (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO & BRITO, 2014, p. 28)

E mais que um nome
 que o eco
 nunca mais
 [...]
 (Mônica Magalhães Cavalcante, poema inédito)

(CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO & BRITO, 2014, p. 54)

A forma mais tradicional de fazer uma introdução, segundo os autores, é por uma expressão referencial. No poema acima, os referentes “Pai” e “este retrato” foram introduzidos por estruturas linguísticas manifestadas na superfície textual, ou seja, por uma expressão referencial. Essas entidades instauradas no texto podem servir de âncoras para as retomadas anafóricas que ocorrem ao longo do poema.

Outra possível introdução referencial pode se dar por uma expressão referencial que aponta para elementos que coordenam a situação enunciativa. Esse processo se denomina introdução referencial dêitica. A exemplo disso, destacamos o trecho da música *Palpite*, de Vanessa Rangel: “Tô com saudade de você/Debaixo do meu cobertor/E te arrancar suspiros/Fazer amor. Na canção acima, os referentes “Eu”, inferindo pela forma verbal “tô” e “Você” introduzem referentes.

Autores como Apothéloz (2003), Koch (2002), Cavalcante (2011; 2013), Silva (2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) fazem referência ao fato de que nem toda introdução referencial corresponde a uma expressão referencial, sendo possível que as introduções referenciais se expressem por outros recursos semióticos, principalmente, por recursos visuais, apesar de não haver possibilidade de mensurar como e quais referentes são acessados em primeira instância pelos interlocutores.

Vejamos a charge abaixo, publicada, recentemente, na página de *facebook* do Jornal *O Povo Online*:

(18)



(Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/OPOVOOnline/photos/a.169443479759652.28868.138267762877224/1539630032740983/?type=3&theater>>. Acesso em: 01 out. 17)

No exemplo acima, é possível visualizar a ausência de elementos verbais na charge, o que não impede que referentes sejam introduzidos por pistas multissemióticas. O referente “Rio de Janeiro” e “Pão de Açúcar” são acessados por elementos plenamente visuais. O bonde do Pão de Açúcar é recategorizado como “tanque de guerra”. É importante salientar que as cores também confirmam as inferências, a cor azul do céu e da Baía de Guanabara, o cinza esverdeado do Pão de Açúcar e o verde escuro do tanque de guerras. Além disso, inferem-se conhecimentos compartilhados, como a violência no Rio de Janeiro e o reforço do exército para o combate do tráfico e a violência na conhecida Cidade Maravilhosa. Esses elementos apontam uma das funções da introdução referencial, a intertextualidade. O referente introduzido constrói a intertextualidade com as notícias veiculadas no momento sócio-histórico da charge em questão. Com isso, as pistas imagéticas, como o tanque de guerra, fazem alusão à violência constante no Rio de Janeiro e à chegada do reforço do exército no Rio de Janeiro, fatos bastante noticiados por jornais do país²⁰, nesse período, sobre os ocorridos na favela da Rocinha.

Outra função da introdução apresentada pelos autores é a função de apresentação de um ponto de vista do locutor. Esse pensamento foi discutido por Silva (2013), para o qual a introdução referencial não teria função apenas de possibilitar a entrada de referentes no texto, mas de indicar um posicionamento argumentativo que pode se confirmar no decorrer do texto.

²⁰ **Militares entram na Rocinha para conter a guerra do tráfico.** Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/forcas-militares-chegam-a-rocinha-para-combate-a-guerra-do-trafico.ghtml>. Acesso em: 01 out. 2017.

Para ilustrar essa função, apelamos para um exemplo analisado em Cavalcante e Soares (2017):

(19)

Frankstemer! Nobel da Economia!

[...]

Rarará!

E atenção! "Piauí Herald": "Após aumentar gastos públicos para conter a crise, Temer é indicado para o Nobel da Economia".

A Câmara aprovou aumento da crise econômica:

Aumentou o Judiciário, os funcionários públicos, os militares e a mesada do Michelzinho.

Rarará!

(Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1777984-frankstemer-nobel-de-economia.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2017)

O referente “Frankstemer” estreia no texto e apresenta uma carga avaliativa, na expressão referencial em destaque, sobre a figura pública Michel Temer, ou seja, nessa introdução referencial, o referente entra no texto marcado por um posicionamento argumentativo que, segundo Silva (2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), pode se confirmar ou não ao longo do texto. Ao comparar Michel Temer a traços de um monstro, o locutor apresenta um ponto de vista indiciado na introdução referencial, o qual indica uma postura contra a política do atual presidente. Em seguida, informações como “aumento do salário dos juizes, funcionários públicos e militares”, assim como aumento da mesada do filho “Michelzinho”, confirmam o ponto de vista explicitado pelo locutor na introdução referencial “Frankstemer”.

Recorrer ao nome próprio como introdução referencial possibilita alçar conhecimentos partilhados acerca do referente que é acionado em virtude dos conhecimentos compartilhados “impregnados” no nome próprio, principalmente, quando há modificações no modo de expressão dessas formas referenciais, ativando conhecimentos e indiciando uma orientação argumentativa que tende a se confirmar ao longo do texto por outras pistas contextuais.

3.2.2 As anáforas

Qualquer forma de continuidade referencial constitui um processo anafórico. As anáforas podem ser de natureza direta (correferencial) ou indireta (não correferencial). Existe, além disso, um outro fenômeno referencial que se define por sua capacidade de

resumir conteúdos proposicionais – o encapsulamento.²¹ De acordo com Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), o processo de retomada pode acontecer por estruturas linguísticas diversas, como pronomes substantivos; sintagmas nominais; sintagmas nominais repetidos; sintagmas adverbiais. Esses elementos, assim como outras pistas contextuais, fazem o referente progredir, ou seja, ele passa a ser recategorizado no texto por diversas pistas não necessariamente explícitas no cotexto. A seguir, vamos apresentar conceitos, exemplos e algumas funções acerca de cada processo referencial anafórico.

3.2.2.1 As anáforas diretas

As anáforas diretas, ou correferenciais, retomam um mesmo referente já apresentado no texto. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 66) recorrem a um trecho do conto *Natal na barca*, de Lygia Fagundes Telles, o qual recortamos para exemplificar o processo referencial por anáfora direta:

(20)

NATAL DA BARCA

Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor tudo era silêncio e treva. E que me sentia bem naquela solidão. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.

Segundo os autores, o referente “Barca”, introduzido, desde o título do conto, é retomado pelas expressões referenciais em destaque “naquela barca”, que, ao apresentar um pronome demonstrativo, convida o interlocutor a mergulhar no universo do conto e na própria barca; e “na embarcação desconfortável, tosca”, que remete a uma barca desagradável e grosseira. Nesse último caso, apesar de a anáfora retomar o mesmo referente, este é recategorizado, de forma negativa, pela expressão referencial correferencial. Essas pistas fornecidas pelo cotexto colaboram para o processo de referenciação, mas essa construção dos objetos de discurso se alia, principalmente, aos conhecimentos partilhados e culturais dos participantes da interação. As anáforas correferenciais cumprem uma função de manter um referente no texto e, ao mesmo tempo, fazem esse objeto de discurso progredir.

²¹ Trabalhos recentes do grupo coordenado pela Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, *Protexto*, têm reivindicado a ideia de que o encapsulamento pode acontecer tanto nas introduções referenciais quanto nas anáforas diretas.

3.2.2.2 As anáforas indiretas

Koch (2002) concebe a anáfora indireta como uma forma de ativar novos referentes e como uma estratégia referencial de *associação* sem estabelecer relação direta com um referente explícito, mas com outros elementos presentes no cotexto. As anáforas indiretas se relacionam a âncoras do texto. Segundo Koch (2002, p. 130), os referentes são “ativados por meio de processos cognitivos inferenciais, possibilitando, assim, a mobilização de conhecimentos dos mais diversos tipos armazenados na memória dos interlocutores.”. Isso aponta a essencialidade dos conhecimentos compartilhados entre os interlocutores para que haja uma inferência dos referentes “previstos” nas anáforas indiretas.

Conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), as anáforas indiretas, diferentemente das anáforas diretas, não retomam um mesmo referente já apresentado, ou seja, não há uma relação correferencial da anáfora indireta com objetos de discurso estreados no cotexto. Conforme os autores, apesar de parecer introduzir uma entidade nova, na verdade, esse processo referencial aciona referentes que apresentam um vínculo contextual com elementos já presentes no cotexto ou pistas cotextuais de qualquer natureza. Nessas anáforas, portanto, há referentes “previsíveis” pelas relações contextuais e anafóricas com os referentes já instaurados no texto. Essas associações permitem o interlocutor inferir essa entidade.

Essas informações nas quais as anáforas indiretas se associam serão tratadas aqui como *âncoras*. Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 69), no exemplo (21), ilustram esse processo referencial:

(21)

Atentado à maratona de Boston de 2013 foi um atentado ocorrido em 15 de abril de 2013, quando **duas bombas** foram detonadas na Maratona de Boston aproximadamente às 14h50 min (hora local), na Rua Boylston, perto da Praça Copley, na cidade de Boston, Estados Unidos, pouco antes da linha de chegada da prova que se desenrolava. As explosões mataram três palavras e feriram mais de 170. Em 19 de abril, os serviços de inteligência informaram que dois suspeitos foram identificados Tamerlan Tsarnaev, de 26 anos, que foi morto durante tiroteio com policiais [...]

(Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Atentado_%C3%A0_Maratona_de_Boston_de_2013.
 Acesso em: 22 jan. 2014, grifo nosso)

As expressões referenciais sublinhadas, de acordo com os autores, podem parecer indicar um novo referente, mas não é possível considerar que essas pistas instauram novos

referentes no texto, pois as expressões “explosões” e “serviços de inteligência”, acima, estabelecem uma relação anafórica com o referente “atentado”, em negrito, introduzido desde o título do texto, uma vez que “explosões” e “serviços de inteligência” são referentes “previstos” que podem ser inferidos pelo referente já instaurado. Discordamos dessa análise dos autores em relação ao referente “bombas”, pois, a nosso ver, esse referente não é uma introdução referencial, mas também uma anáfora indireta, já que é um dos objetos de discurso “esperados” no contexto dado.

Cavalcante (2013, p. 124-125) explica esse processo referencial em um exemplo mais clássico:

(22)

Era um feriado de ano novo, e todos no hospício estavam muito felizes.
Brincando em uma piscina, que foi acabada de ser instalada. Quando chega o fim da tarde e um louco fala com o médico:
-Adorei o dia de hoje, todos estão gostando muito da piscina né doutor?
O médico responde:
-É verdade.
O louco pergunta novamente:
-Amanhã vamos poder brincar na piscina?
Mais uma vez o médico responde:
- Sim, amigo, amanhã vai estar muito melhor vamos colocar água nela.
(Disponível: <http://www.habbid.com.br/forum/piadas-de-natal-e-ano-novo/303443/id/page/1>). Acesso em: 1 jan. 2012)

No exemplo acima, as anáforas em destaque evocam um referente que estabelece uma relação de dependência com referentes já introduzidos no texto. Por exemplo, a anáfora indireta “médico” tem como âncora o referente “hospício”, e a anáfora indireta “água” tem como âncora “piscina”. Evidentemente, estas não são as únicas âncoras, já que tudo no texto se inter-relaciona. Estamos salientando as relações mais pertinentes.

3.2.2.3 *O processo de encapsulamento*

Esse processo referencial, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), se destina a resumir porções textuais difusas na superfície textual e contextos diversos. Foi objeto de investigação de autores como Francis ([1994] 2003), Conte ([1996] 2003), Apothéloz ([1995] 2003), entre outros. Não nos aprofundaremos nesses pressupostos, pois não consideramos, em nossas análises, o processo de encapsulamento por nome próprio.

Dentre os estudos mais contemporâneos acerca do processo de encapsulamento, destacam-se Cavalcante (2011), Silva (2013) e Esteves (2017), para os quais a função de sumarizar informações difusas no texto não se limita a um tipo específico de processo

referencial anafórico, mas a outros tipos de processos referenciais que podem também resumir partes do texto.

Os autores citados anteriormente apresentam dois tipos de processo de encapsulamento, são eles: introdução referencial encapsuladora e anáfora encapsuladora, forma mais clássica desse processo referencial

3.2.2.3.1 A introdução referencial encapsuladora

Segundo Silva (2013), quando o processo de encapsulamento ocorre por uma introdução referencial, as expressões referenciais no cotexto funcionam de duas formas: uma apresentação de um referente e um encapsulamento de informações difusas no texto que colaboram para a construção do objeto de discurso.

A seguir, Silva (2013) ilustra como o encapsulamento pode figurar na introdução referencial.

(23)

Ideias rosas

Sabe a fábula do beija-flor que faz um grande esforço, carregando um pouco de água no bico e atravessando a floresta para apagar um incêndio? Parece inválido, mas o imenso trabalho que o pássaro faz lhe [*sic*] deixa feliz por não ter simplesmente ignorado um problema que é de todos, e, ainda, pode motivar outros animais a se unirem com o mesmo propósito. [...] Alguém, um dia, teve a ideia de prestar atendimento gratuito a mulheres com câncer de mama durante o mês de outubro. Algum tempo depois, a ideia pegou em vários estados dos Estados Unidos até se tornar lei. Outros países, a exemplo do Brasil, viram que a ideia do beija-flor era boa e decidiram imitar. [...] (SILVA, 2013, p. 94-95, grifo nosso)

O texto trata de uma fábula do beija-flor com o intuito de conscientizar o interlocutor sobre a importância de ajudar o próximo mesmo que seja com um pequeno gesto ou ação. Esse pensamento é ilustrado pelo projeto de atendimento gratuito a mulheres com câncer de mama durante o mês de outubro- rosa-, o qual é conhecido como o mês dedicado à conscientização e à cura sobre essa doença.

Para Silva (2013), o referente introduzido pela expressão sublinhada “ideias rosas” no exemplo acima (24) não parece uma escolha nada aleatória, tendo em vista que, além de inaugurar um objeto de discurso, sumariza as informações que guiam as redes referenciais que se constroem ao longo do texto, como as atividades beneficentes realizadas pelo Brasil e pelo mundo no mês de outubro. Esse encapsulamento na introdução também possibilita apresentar um ponto de vista do locutor sobre a temática. Nesses casos, as confirmações sobre o referente e as informações inferidas na introdução referencial encapsuladora são entendidas

no decorrer do conteúdo explicitado no texto. Esse recorte serve apenas para ilustrar que é possível pensar em encapsulamentos por outros processos referenciais.

3.2.2.3.2 A anáfora encapsuladora

O processo de encapsulamento foi por alguns teóricos, como Conte (2003), investigado como um processo apenas anafórico. Essa forma, naturalmente, se apresenta de forma mais consistente nas pesquisas. Nos quadros teóricos, a anáfora encapsuladora foi inicialmente considerada mais próxima da definição da anáfora indireta, por aparecer no cotexto pela primeira vez como uma expressão nova e estabelecer uma relação com referentes já introduzidos. Todavia, seu caráter encapsulador e resumidor possuía uma função de retomar informações anteriormente apresentadas na superfície textual já, de alguma maneira, representada na mente dos interlocutores. Isso levou Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) a considerarem a anáfora encapsuladora, apesar de suas particularidades, um possível subtipo de anáfora direta, pois, se o pressuposto é a noção de que o referente é construído na mente dos interlocutores, devemos acreditar que este, ao ser retomado por um encapsulamento, já fora instaurado no texto.

No exemplo abaixo, os autores demonstram o papel encapsulador dessa anáfora.

(24)

O atual modelo capitalista é altamente dependente de recursos energéticos para o funcionamento das máquinas industriais e agrícolas; os automóveis também necessitam de combustíveis para se deslocarem; e a urbanização aumentou a demanda de eletricidade.

Diante desse cenário, o consumo de energia aumentou de forma significativa, fato que tem gerado grandes problemas socioambientais. Isso porque a maioria das fontes utilizadas é de origem fóssil (carvão, gás natural, petróleo), e sua queima libera vários gases responsáveis pela poluição atmosférica, efeito estufa, contaminação dos recursos hídricos, entre outros fatores nocivos ao meio ambiente.

(Disponível em: <http://www.brasilecola.com/geografia/fontes-energia.htm>. Acesso em: 2 fev. 2014)

No exemplo (24), a expressão referencial “desse cenário” dá continuidade ao referente que já estava sendo construído no texto; essa expressão encapsula o cenário relacionado ao modelo capitalista que depende de recursos energéticos. Ao ser encapsulado, há uma confirmação de informações já dispostas no texto, o que permite conceber a anáfora encapsuladora como uma anáfora correferencial. Ainda no exemplo (26), o termo “isso” funciona como uma anáfora encapsuladora, pois resume informações como o aumento no consumo de energia e os problemas ambientais causados por esse uso excessivo. A anáfora

encapsuladora, como mencionamos também no caso das introduções referenciais encapsuladoras, pode exercer certas funções argumentativas. Sendo essas renomeações avaliativas e metadiscursivas, o enunciador tende a trazer nessa nomeação um posicionamento sobre seu próprio dizer a fim de conquistar a adesão e engajar o leitor.

Ao tratar dos processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas, nas análises das ocorrências, seção do capítulo 4, não visualizamos ser possível pensar numa anáfora encapsuladora que se dê por uma expressão referencial com nome próprio, apesar de considerar a existência de valor axiológico nos nomes próprios em virtude dos contextos de uso. Porém, não defendemos que há um nome próprio que possa resumir porções textuais difusas no texto. Dessa forma, não focalizaremos, em nossa análise de ocorrências, esse processo referencial descrito. Nossa preocupação se concentra, principalmente, no modo como os referentes são expressos no contexto, assim como no modo como “aparecem” nas introduções referenciais e nas retomadas recategorizadoras nos processos anafóricos por anáfora direta, ou correferencial, e por anáfora indireta.

Nesta pesquisa, optamos por não considerar o processo de encapsulamento, por considerar essa função inviável à expressão referencial com nome próprio, sendo mais comum anáforas diretas e indiretas nas ocorrências. Dessa forma, tendo em vista que os processos anafóricos possibilitam a manutenção e a progressão textual, é natural que certas informações sejam acrescentadas e que, naturalmente, tendem a modificar, transformar os referentes.

Esse fenômeno de modificação dos referentes é denominado como recategorização, a qual perpassa todos os processos anafóricos por qualquer pista que possibilite dar continuidade referencial. O item a seguir é destinado a discutir a relevância desse fenômeno envolvendo o nome próprio para a construção referencial do texto.

3.3 O fenômeno da recategorização

Sendo um dos objetivos desta pesquisa analisar como os nomes próprios participam das etapas de construção da referência (apresentação de referentes e retomadas recategorizadoras em manutenções e progressões referenciais), propostos por Custódio Filho (2011) e redimensionadas por Cavalcante e Brito (2016), foi necessário para os nossos estudos refletir sobre o conceito de recategorização. A recategorização é essencial para nossa pesquisa porque supomos, em nossas hipóteses, que esse fenômeno, inerente aos processos anafóricos (CAVALCANTE; BRITO, 2016), promove, por nomes próprios, acréscimos e

confirmações nos referentes, que se dão numa rede referencial, relacionadas a estereótipos culturais. Essas relações abstratas, a nosso ver, se dão de forma direta e indireta nos processos referenciais.

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), os quais definiram a recategorização, esse fenômeno pode ser realizado apelando às estruturas linguísticas, sendo, portanto, de natureza mais lexical. Dessa forma, para os autores (1995, p. 247),

A recategorização lexical de um objeto torna a fazer, de fato, uma predicação de atributo sobre este objeto. Desde já, não existe uma diferença real entre uma expressão anafórica que consiste na retomada fiel do lexema “antecedente” seguida de uma expansão portando uma informação inédita, e uma expressão que denomine este objeto de um modo novo.²²

Vale ressaltar que, para os autores, “todo objeto de discurso é, por definição, evolutivo, porque cada predicação a ele relacionada modifica seu estatuto informacional na memória discursiva.”²³ (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 240)

Dessa forma, esses atributos são acrescidos por expressões referenciais, em virtude de determinados lexemas não serem suficientes para descrever um referente, assim, nesse caso, há a necessidade de pensar em outros sintagmas para atender aos interesses enunciativos do interlocutor. A recategorização, de acordo com os autores, se dá numa renomeação dos referentes por expressões novas a fim de apresentar mais atributos sobre determinado objeto de discurso, o que evidencia uma definição de recategorização presa às expressões e não às diversas pistas e contextos envolvidos na constante transformação do objeto de discurso.

Nesse trabalho, consideramos que esse fenômeno é um movimento intersubjetivo que não está preso apenas a formas referenciais numa espécie de retomada dos objetos de discurso linearmente pelas expressões referenciais, mas às relações anafóricas negociadas que são estabelecidas pelos interlocutores na dinâmica da construção dos referentes, a cada vez que o texto é construído, sendo estabilizadas e desestabilizadas constantemente até satisfazer os sentidos entre os interlocutores.

²² La recategorisation lexicale d'un objet revient, de fait, a faire unepredication d'attribut sur cet objet. Des lors, it n'y a pas de réelle differenceentre une expression anaphorique consistant en la reprise fidele du lexeme"antecedent" suivie d'une expansion apportant une information inedite, etune expression denommant cet objet d'une fawn nouvelle. (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN 1995, p. 247, tradução livre por Mônica Magalhães Cavalcante)

²³ No original: “tout objet-de-discours est,par definition, evolutif, car chaque predication le concernant modifie sonstatut informationnel en memoire discursive” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN 1995, p. 240, tradução livre por Mônica Magalhães Cavalcante)

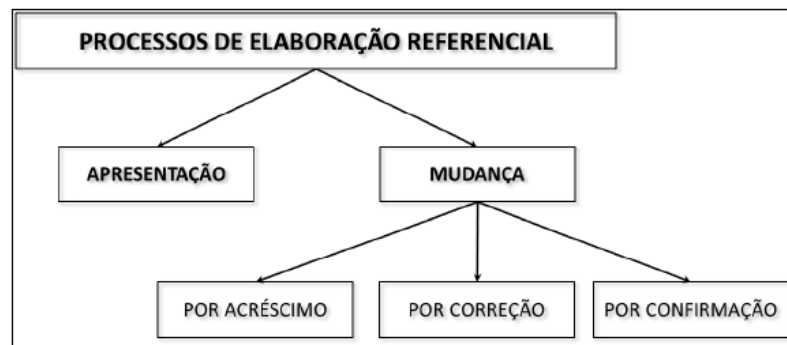
Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) propõem uma classificação para três situações de recategorização: explícita (função de argumentação, denominação reportada, aspectualização e sobremarcação da estrutura textual); implícita (gênero gramatical dos pronomes anafóricos, que não coincide com a forma pela qual o antecedente foi instaurado no texto); por modificação na extensão do objeto denotado (um léxico que se repete e que corresponde a diferentes referentes). Por não adotarmos o pressuposto de que as recategorizações constituem um fenômeno lexical, não nos aprofundaremos nesses subtipos de marcas de recategorização. Salientamos que nosso ponto de vista converge para a visão de recategorização proposta por Lima (2009) e adotada por Cavalcante e Brito (2016) para a caracterização das funções anafóricas de manutenção e de acréscimos/correções de traços referenciais na evolução dos referentes no texto. Concordamos que esse fenômeno não se restringe a um novo modo de nomear um objeto de discurso, mas que, na dinâmica da construção do objeto de discurso, as formas referenciais são como indícios e direcionamentos para as constantes evoluções do referente no texto.

Como afirmamos acima, Cavalcante e Brito (2016) não se prendem a uma definição de recategorização mais lexical e, com base em Lima (2009), sustentam uma visão ampla que extrapole as formas linguísticas e considere os constantes movimentos de idas e vindas nas múltiplas semioses de que o locutor, ao produzir determinado texto, se vale em busca de construir sentidos nas diversas práticas discursivas.

Para as autoras (2016, p. 119), “a recategorização compõe a dinâmica natural de retomada anafórica, pela qual os referentes, ao mesmo tempo que se mantêm no texto por algum tipo de associação, também evoluem em diferentes proporções, em proveito da progressão temática.” Sendo o referente de natureza sociocognitiva e discursiva, a recategorização não poderia ser atribuída somente a formas referenciais, mas às idas e vindas na construção do objeto de discurso de modo que se estabilizam e instabilizam na tentativa de exercer influência sobre o outro.

Esse movimento de manutenção e progressão referencial foi bem observado na tese de Custódio Filho (2011), na qual o autor propôs as etapas de construção da referência, sendo elas *apresentação e mudança por acréscimo, confirmação e correção*. Custódio Filho (2011) organizou o seguinte quadro acerca das etapas de construção da referência:

Quadro 1. A proposta de Custódio Filho



Sua análise é realizada em textos de longa extensão: os quatro episódios da primeira temporada da série *Lost*, J. J. Abrams e Damon Lindelof; e o conto *Obscenidades para uma dona de casa*, de Ignácio de Loyola Brandão, ele busca observar como o processo de referencialização se dava a partir das etapas de construção da referência.

Em síntese, segundo Custódio Filho (2011, p. 194), a etapa de *apresentação* tem como principal função introduzir o referente novo pela primeira vez no texto, sendo uma âncora para possíveis retomadas anafóricas. A etapa de *mudança* “engloba todos os acréscimos feitos aos referentes, os quais possibilitam a percepção de que tais referentes modificam o estatuto de sua significação ao longo do texto.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 194).

Esse processo de *mudança* se divide em três etapas: *mudança por acréscimo*, *por correção* e *por confirmação*. De acordo com o autor, a mudança por acréscimo resulta nas modificações dos referentes, podendo alterar o objeto de discurso, mas sem anular os sentidos que foram construídos até o momento; a mudança por correção também possibilita o acréscimo de informações, mas exerce a função de alterar o referente, gerando quebras de sentidos propositais em favor de outras intenções comunicativas, de modo a causar surpresa no interlocutor; e, por último, a mudança por confirmação, a qual acentua determinadas características do referente, colocando-as em destaque novamente e gera uma sanção das informações apresentadas. O autor enfatiza o papel da confirmação na análise de textos longos, pois se configura como uma estratégia de progressão referencial. Para testar essas etapas da construção da referência, o autor elegeu os personagens “dona de casa”, “marido da dona de casa” e “escritor de cartas” do conto e o personagem “John Locke” da série.

Custódio Filho (2011) divide o conto em parágrafos para fins metodológicos e tece comentários demonstrando em que medida os referentes são apresentados e principalmente como sofrem mudanças por acréscimos, confirmações e correções por quaisquer pistas do cotexto, como conjuntos de orações, referentes que são inferidos a partir de formas verbais,

entre outros. Destacamos, em nossa dissertação, um recorte da análise dos referentes no conto *Obscenidades para uma dona de casa* de Ignácio de Loyola Brandão.

Apresentamos uma parte da análise realizada pelo autor nos dois primeiros parágrafos do conto em que ele apresenta as constantes reelaborações que os referentes “dona de casa” e “marido” sofrem no decorrer do texto. Inicialmente, o autor indica que o referente “dona de casa” é introduzido pelo título e passa a ser modificado no decorrer do conto, somando-se a contextos outros.

(26)

1º parágrafo

Obscenidades para uma dona-de-casa

(1) Três da tarde ainda, ficava ansiosa. (2) Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. Ligava a televisão, desligava, abria o livro. Regava a planta já regada, girava a agenda telefônica, à procura de amiga a quem chamar. Apanhava o litro de martíni, (3) desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que **você** é alcoólatra. (4) Abria gavetas, arrumava calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as **meias do marido**, (5) nenhuma precisando remendo. Jamais havia meias em mau estado, **ela** se esquecia que **ele** é neurótico por meias, (6) ao menor sinal de esgarçamento, joga fora. Nem dá aos *empregados do prédio*, atira no lixo. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 198-199)

Conforme Custódio Filho (2011, p. 198-199), nesse primeiro momento da análise, o autor menciona os *acréscimos* que são impingidos sobre a personagem “dona de casa”, como ser ansiosa (adjetivo na construção 1), estar aguardando algo (construção 1), ocupar-se com atividades de casa (construção 2 a 4), além de preocupar-se com a opinião alheia (construção 3). Nesse sentido, o autor ressalta que esses traços tendem a se *confirmar* ao longo do conto. Em seguida, no mesmo parágrafo, o referente “marido” é *apresentado* por uma expressão referencial e, depois, passa a receber *acréscimos*, como sua preocupação com o estado das meias (construção 5 e 6) e sua condição financeira favorável (construção 6). O autor demonstra como as construções linguísticas são produtivas para a constituição do referente, já que os *acréscimos* são as ações dos personagens que são indicadas pelo conjunto sucinto de orações, apontando a construção da referência por essas pistas.

(27)

2º parágrafo

Quatro horas, (1) vontade de descer, perguntar se *o carteiro* chegou, às vezes vem mais cedo. Por que há de vir? (2) Melhor esperar, pode despertar desconfiança. Porteiros sempre se metem na vida **dos outros**, qualquer *situação que não pareça normal*, ficam de orelha em pé. Então, (3) ele passará a prestar atenção no que o carteiro está trazendo de especial para **a mulher do 91** perguntar tanto, com uma cara lambida. Ah, **aquela** não me engana! Desistiu. (4) Quanto tempo falta para ele chegar? (5) **Ela** não gostava de coisas fora do normal, instituiu **sua** vida dentro de *um esquema nunca*

desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressaltos. Senão, (6) seria muito difícil viver. Cada vez que o trem saía da linha, era *um sofrimento*, **ela** mergulhava na *depressão*. Inconsolável, (7) nem pulseiras e brincos, presentes que **o marido** trazia, atenuavam. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 199)

No segundo momento da análise, 2º parágrafo, o autor indica os traços referenciais que passam a *confirmar* as informações já apresentados no parágrafo anterior, como o traço que indica a característica de ser “ansiosa” da personagem “dona de casa” (construção 1 e 4), e o medo com a opinião das pessoas (construção 2 e 3). Custódio Filho (2011) ressalta que as *confirmações* não se limitam a repetir as informações. Isso pode ser percebido pelo *acréscimo* no traço ansiedade pelo referente “carteiro”, revelando para o leitor o motivo da ansiedade da dona de casa. Outros traços evidenciam, por expressões como “esquema nunca desobedecido” e “rotina sem sobressaltos”, a forma como a “dona de casa” lida com a rotina diária (construção 5). Outras informações se revelam, como a relação entre o desejo de preservar a rotina de dona de casa pela personagem numa busca de manter aparências e a preocupação com os julgamentos dos outros. Há também um *acréscimo* sobre o referente “marido”, que a presenteava sem sucesso, tentando manter a normalidade da “dona de casa”. Neste conto, as *correções* ocorrem a partir do nono parágrafo, por exemplo, a ingenuidade da dona de casa, que é apresentada no parágrafo 4, passa a ser *corrigida* no parágrafo, quando as informações revelam que a personagem conhece diversos nomes para o órgão sexual masculino.²⁴

Sua contribuição teórica se volta para o processo de recategorização, que pode ser observado a partir das etapas da construção da referência dos processos referenciais à medida que as mudanças por acréscimo, por correção e por confirmação modificam e transformam o referente que fora apresentado. Nesse sentido, Custódio Filho (2011, p. 196, grifos nossos) salienta que

O panorama dos processos referenciais é importante na medida em que a participação da materialidade textual na construção da referência só pode ser plenamente compreendida dentro desse esquema, o qual pressupõe um projeto discursivo a ser empreendido pelo interlocutor. Não custa insistir: aqui, **não se trata mais apenas do reconhecimento da posição de uma expressão referencial numa cadeia de recategorizações; trata-se, sim, de investigar a recategorização, mas num plano muito mais global e, ao mesmo tempo, mais condizente com o que realmente se leva em conta nas interações via texto.**

²⁴ (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 205-206)

Apoiamo-nos nas categorias de Custódio Filho (2011), já que um de nossos objetivos se concentra nas etapas de apresentação e retomada dos referentes. Contudo, nas análises que apresentamos no capítulo 4, podemos testar essas etapas em textos curtos, o que torna a análise distinta da proposta do autor. Nos textos curtos, o caráter introdutório e anafórico do referente ocorre num processo mais concentrado e mais rápido, principalmente, considerando a recategorização um movimento de idas e vindas, a fim de satisfazer os sentidos construídos pelos interlocutores.

Quanto às etapas de construção da referência propostas por Custódio Filho (2011), retomamos o artigo de Cavalcante e Brito (2016), no qual as autoras propõem uma outra organização das etapas de construção da referência, inspirando-se na proposta do autor. Elas modificam e sintetizam os passos de construção da referência que se dão dentro das redes referenciais, destinando atenção às funções intrínsecas aos processos referenciais e pensando, desse modo, em etapas mais amplas, inerentes à construção de qualquer referente. As autoras sugerem o seguinte esquema de funções da construção da referência:

Quadro 2. A proposta de Cavalcante e Brito



Para as autoras, essas funções se resumem a dois tipos: ao modo como o referente é apresentado no texto pela introdução referencial; e aos modos como ele passa a ser recategorizado nas sucessivas retomadas anafóricas, sendo mantido no texto e, ao mesmo tempo, progredindo à medida que as pistas contextuais se entrelaçam.

As mudanças, que foram subclassificadas por Custódio Filho (2011) em mudança por *acréscimo*, por *correção* e por *confirmação*, foram englobadas todas numa ampla função de retomada recategorizadora, a qual engloba quaisquer retomadas anafóricas, podendo *confirmar* as introduções e outras informações já dispostas no texto, sendo mantidos, mas também sofrer *acréscimos* que os recategorizam aos poucos e os fazem progredir e, algumas vezes, passam por certas *correções*.

Os referentes completam um percurso no texto que vai desde **os modos como o locutor escolhe introduzi-los** até as diferentes maneiras (sempre multimodais) pelas quais vai orientando o interlocutor sobre como espera que ele os interprete (embora jamais se possa assegurar que essas ações se deem conforme as expectativas de cada participante). Os processos de introdução referencial e de anáfora são, portanto, estratégias sociocognitivo-discursivas de estabilização dos objetos de discurso no texto. (CAVALCANTE; BRITO, 2016, p. 127, grifo nosso)

Essa transformação, apesar de causar grandes alterações no referente, não o modifica totalmente; assim como as autoras, acreditamos que há certas características que ficam resguardadas pelos conhecimentos compartilhados e contextos culturais atrelados ao referente introduzido e reconstruído mediante a negociação entre os interlocutores.

Nessa constante manutenção e progressão dos referentes pelas retomadas anafóricas, Cavalcante e Brito (2016) afirmam que é possível ocorrer uma transformação total do referente que vem sendo construído para alcançar uma quebra de expectativa, um efeito de humor inesperado. Esse processo é considerado pelas autoras como um jogo de figura e fundo, da psicologia gestáltica, para a qual a figura é aquilo que está mais em evidência, e o fundo é o contexto no qual a figura está inserida. Segundo as autoras, esse jogo se divide em duas formas:

- a) O referente já introduzido é “substituído” por um referente novo, que se apresenta como *figura*, em função de uma quebra de expectativa. No exemplo a seguir (2016, p. 130), pode-se visualizar esse caso:

(28)

A menininha conversando com seu pai:

- Pai, papai!
 - O que foi, minha filha?
 - De onde viemos?
 - Filha, o homem é descendente de Adão e Eva.
- A menina, um pouco confusa, diz:
- Mas, papai, a mamãe me disse que somos descendentes do macaco!
 - Olha, querida, é muito simples. Uma coisa é a família da sua mãe, outra é a minha...

(Piada disponível em: <http://www.piadas.com.br/>)

Na piada, há um contexto familiar muito comum socialmente de “intriga/desavenças” entre a família do pai e a família da mãe”. O pai, ao responder a pergunta da filha sobre a origem do ser humano, explica por uma crença bíblica. A filha, contrariada, questiona, já que a mãe afirmou ser de origem do *homo sapiens*, próxima aos macacos. Ao fim da piada, há

uma quebra de expectativa que se dá pela resposta do pai ao distinguir sua família da família da esposa. A substituição do referente se dá principalmente pelas expressões referenciais “a família da sua mãe/ a minha” e “uma coisa/outra”, que confirmam que o referente que vem sendo construído no curso do texto passa a ser substituído por uma nova configuração.

- b) O referente introduzido se transforma, mas guarda uma “imagem” já instaurada no texto, de forma que a modificação em evidência não substitui o referente já apresentado, permanecendo como fundo no texto. Cavalcante e Brito (2016, p. 131) ilustram com a seguinte charge:

(29)



Na charge acima, o referente introduzido “instrumentos de tortura” remete a elementos usados para causar dor. Em seguida, passa a ser retomado e reelaborado a partir de outros objetos de tortura dispostos nesse texto verbo-imagético, entre eles, “programa eleitoral gratuito”. O locutor, dessa forma, é levando a metaforizar o programa eleitoral como um elemento de tortura, o que possibilita perceber que o referente recategorizado como “instrumento de tortura”, colocado como fundo, não substitui o referente “programa eleitoral” colocado como figura.

As autoras ressaltam que essa divisão tem objetivos didáticos e explicativos, para esclarecer a progressão dos referentes e a forma como se transformam em outros. Isso se torna possível quando o locutor faz uso do jogo de figura e fundo ao projetar o percurso pelo qual almeja que seus interlocutores se orientem, passando a influenciar diretamente nas possíveis ancoragens nas retomadas recategorizadoras. Dessa forma, enfatizamos o posicionamento das autoras, para as quais o processo de recategorização é compartilhado e ocorre de forma negociada na mente dos interlocutores “em movimentos de idas e vindas às formas de

ancoragem cotextual’ (CAVALCANTE; BRITO, 2016, p. 132). Para testar nossas hipóteses, analisamos a apresentação e as retomadas recategorizadoras com base em Cavalcante e Brito (2016), todavia não utilizaremos as relações de figura e fundo como critérios de distinção entre as funções dos referentes, porque nos interessa o modo de apresentação e retomada, não sendo relevante à discussão aspectos de figura e fundo nesta pesquisa.

Ressaltamos também que a expressão referencial com nome próprio é uma forma referencial que auxilia, desde o modo como são expressos no contexto até a (re)construção dos objetos de discurso, possibilitando acréscimos e confirmações dos referentes, juntamente a outras diversas pistas contextuais.

Podemos, assim, concluir que o fenômeno de recategorização, no caso das anáforas diretas e indiretas de mesma natureza, colabora para a (re)construção dos referentes, essencialmente, aliadas aos conhecimentos culturais e compartilhados pelos interlocutores. Advertimos que, em nossa dissertação, certos aspectos morfossemânticos de formas referenciais são relevantes para a recategorização, pois, a nosso ver, criam efeitos de sentido, às vezes cômicos, que geram o riso e ajudam a influenciar um ponto de vista do locutor, por isso o modo como os referentes são expressos no cotexto é um dos possíveis guias das projeções interpretativas que o locutor faz sobre como deseja que seu interlocutor compreenda o seu dizer.

Considerando o contexto de uso, percebemos que processos referenciais por nomes próprios são como estratégias argumentativas que colaboram para os projetos de dizer dos interlocutores com o intuito de direcionar a condução argumentativa do texto. Ao ser empregado num dado enunciado, seja como introdução referencial, seja como anáfora, os antropônimos convocam conhecimentos compartilhados dos interlocutores e, muitas vezes, estão presos a estereótipos culturais. Esses conhecimentos compartilhados e estereotípicos, algumas vezes, são evocados por certos traços morfossemânticos ou pela simples menção de determinado nome próprio que podem conduzir uma argumentação.

A seção a seguir de nossa dissertação destina-se a descrever em que lugar da argumentação nós nos situamos e define o que entendemos por dimensão argumentativa do texto, assim como de que forma relacionamos e defendemos que os processos referenciais por nome próprio são estratégias para a orientação argumentativa do texto.

3.4 A orientação argumentativa do texto: o nome próprio como estratégia argumentativa

Um tópico bastante discutido nas pesquisas recentes da Análise de Discurso por Amossy (2011; 2017) e pelos pesquisadores do grupo Protexto, principalmente nos estudos realizados por Cavalcante (2017) e Macedo (2017) é a argumentação no discursos e nos textos. Ao investigar os processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas, foi necessário tecer nosso ponto de vista sobre o que consideramos a respeito do fenômeno da argumentação e das estratégias argumentativas, além de descrever de que forma aderimos a certos pressupostos da teoria da argumentação no discurso de Amossy (2011; 2017) para então discutir em que medida os nomes próprios apresentam efeitos persuasivos na construção do objeto de discurso, auxiliando a condução argumentativa dos textos.

Com relação à argumentação, há três grandes correntes teóricas que se destacam nos estudos em linguística textual: Teorias da Argumentação na Língua, cujo teórico mais relevante é Ducrot (1987), a Nova Retórica de Perelman e Tyteca (2005), fundada em Aristóteles, e Análise da Argumentação no Discurso de Amossy (2011; 2017). Essas teorias se orientam por pressupostos e por categorias de análise distintas que não vamos aprofundar nesta pesquisa, mas cabe logo deixar claro que não vamos nos deter a uma argumentação inscrita na língua. Nosso interesse investigativo adota os pressupostos de Amossy, sem, contudo, usar como categoria de análise as técnicas argumentativas da retórica, que são contempladas pela autora. Nossa contribuição consiste em demonstrar como os processos referenciais por nome próprio podem constituir uma marca da condução argumentativa do texto, funcionando, por isso, como estratégias argumentativas. Para isso, direcionaremos, nessa seção, uma reflexão sobre pressupostos de Amossy.

Amossy (2011) propõe uma argumentação dentro do funcionamento do discurso e concebe a argumentação como parte constitutiva dele, uma vez que o discurso se desenvolve no seio de uma dimensão argumentativa. Para a autora, há discursos que não apresentam um objetivo realmente argumentativo de modo a orientar seu interlocutor a adotar determinado ponto de vista, a admitir e assumir certos discursos, a praticar uma ação específica e não outra, promovendo, segundo a autora, “alguma influência, orientando modos de ver e de pensar”. (AMOSSY, 2011, p. 129). Esses modos diferentes de pensar representam uma espécie de mudança de ação do interlocutor, na interação com o texto, que se dá em função do arranjo de estratégias argumentativas realizadas por um sujeito misto – intencional e coagido pelas experiências culturais e ideologias em seu meio social, tal como já defendera Charaudeau.

Essa reflexão de Amossy (2011) abre a concepção de argumentação fundada na nova retórica (PERELMAN; TYTECA, 2005), a qual deixa de ser voltada somente para a adesão a uma tese pelo auditório por vias de um consenso necessário. Com esse percurso, a autora alarga a definição de argumentação e permite considerar que há persuasão em qualquer ato comunicativo. Para Amossy (2011, p. 130), todo ato comunicativo tenta mudar o modo de ver, pensar e sentir do “parceiro”, sendo, portanto, “a tentativa de modificar, de reorientar, ou, mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário.” Nesse sentido, os recursos da língua, como os nomes próprios, podem ajudar a confirmar e orientar concepções e modos de ver das coisas já presentes nos conhecimentos culturais, nas ideologias e nas experiências do interlocutor.

Amossy (2011) divide a argumentação em duas formas: a intenção argumentativa e a dimensão argumentativa. Segundo Macedo (2017), pode se definir a intenção argumentativa (ou visada) como um modo argumentativo que contém uma estratégia programada de persuasão, sendo uma tentativa de levar o locutor a aderir a uma tese sobre um assunto em discussão e está presente em gêneros discursivos que defendem uma tese como artigo de opinião, editorial, redação do Enem etc; já a dimensão argumentativa é mais ampla, uma vez que comporta diversos outros textos, os quais, mediante estratégias, tentam orientar os modos de ver do interlocutor. Dessa forma, a dimensão argumentativa comporta diversos gêneros discursivos, como notícias, comentários de facebook e instagram, *post* de twitter e facebook, dentre outros textos que circulam e “viralizam” cotidianamente nas redes sociais.

A intenção (visada) argumentativa mobiliza algumas modalidades argumentativas, que se dividem em diferentes modalidades argumentativas. A modalidade demonstrativa se caracteriza por um locutor que apresenta uma tese ao auditório apoiada em provas; a modalidade negociada se caracteriza pelo fato de que os “parceiros” buscam, mesmo em posições conflitantes, encontrar um consenso; a modalidade polêmica se caracteriza por um embate de teses antagônicas em total dissenso (AMOSSY, 2011). Essas modalidades não se limitam a uma dimensão argumentativa, pois, nesse caso, as estratégias persuasivas não são programadas e organizadas para a defesa de uma tese, fundada em argumentos. Os gêneros que têm apenas dimensão argumentativa, ou que não têm visada argumentativa, fazem uma defesa de pontos de vista de forma indireta.

Alguns textos de nosso *corpus* se encaixam em modalidades argumentativas que não apresentam visada argumentativa. Alguns textos, como charge, crônica jornalística, *post* de facebook, *post* de twitter, que analisamos, se encaixam no que Amossy (2011) concebe como dimensão argumentativa. Isso não quer dizer que estejamos afirmando que toda charge, toda

crônica etc. não possa comportar uma visada argumentativa. Significa apenas que, muitas vezes, textos desses gêneros que foram analisados por nós só manifestam uma dimensão argumentativa. Reiteramos que, segundo os estudos da Linguística Textual empreendidos pelo grupo Protexoto, todo texto, em essência, é argumentativo. (CAVALCANTE, 2017).

Outro pressuposto é a discussão concernente à intencionalidade do sujeito frente às escolhas de estratégias argumentativas, pois, segundo Amossy (2011, p. 133), “o locutor leva em conta o alocutário sobre quem quer agir. [...] mobiliza um conjunto de recursos linguísticos e de estratégias persuasivas mais ou menos programadas.” Dessa forma, essa relação de interação explícita como o locutor faz uma projeção de seu interlocutor e organiza os elementos linguísticos, e multimodais, com intuito de que o interlocutor siga a orientação argumentativa almejada. Assim, há, nesses textos, um arranjo de estratégias persuasivamente organizadas pelo locutor para levar a efeitos persuasivos.

Apesar de Amossy (2011) se interessar por uma análise do discurso e não da unidade textual, aproximamo-nos de certos pressupostos da autora, pois, para ela, a argumentação é parte inseparável do funcionamento do discurso e se inscreve “na materialidade linguageira em uma situação de comunicação concreta.” (2011, p. 132). Essa “materialidade” para qual a autora chama atenção, segundo Cavalcante (2017), é o texto. Nessa “situação de comunicação concreta”,

o locutor apresenta seu ponto de vista na língua natural com todos os seus recursos, que compreendem tanto o uso de conectores ou de dêiticos, quanto a pressuposição e o implícito, **as marcas de estereotipia**, a ambiguidade, a polissemia, a metáfora, a repetição, o ritmo. (AMOSSY, 2011, p. 132-133, grifo nosso)

A autora chama a atenção para outros recursos de linguagem, como figuras de linguagem (metáforas, polissemia), repetição, dêiticos e marcas de estereotipia, por exemplo, revelando seu interesse também pela natureza lexical do texto. Esses elementos, a nosso ver, se limitam a aspectos mais lexicais e semânticos, o que não permitiria abranger outros aspectos que não se restringissem ao escopo do significado e que alcançassem, por exemplo, o âmbito da referenciação, a dinâmica da (re)construção referencial no texto.

Partindo dessas considerações, nesta pesquisa, defendemos que os processos referenciais com nome próprio oferecem um olhar para estratégias persuasivas em textos de dimensão argumentativa, mas também em textos de visada argumentativa, embora tenhamos investido mais nos textos de dimensão argumentativa, porque pouco se tem falado sobre eles nos estudos de argumentação. A fim de aprofundar nossas considerações na análise dos dados,

chamamos atenção a um dos elementos “concretos” apontados por Amossy (2011), *as marcas de estereotipia*. Entendemos que a estereotipia, em si, não é uma marca. Estamos propondo que a expressão referencial com nome próprio pode, em razão das apresentações e das retomadas recategorizadoras²⁵, possa constituir uma evidência de estereótipos culturais na construção do objeto de discurso, sendo um efeito persuasivo dos nomes próprios nas etapas de construção da referência.

Recorremos a Lippmann (1922), em *A opinião pública*, o qual afirma que as imagens estereotipadas são indispensáveis para a vida em sociedade. Desse modo, para o autor, é impensável compreender o real sem categorizá-lo e atuar sobre ele. Lippmann se questiona como seria possível examinar cada ser, cada objeto em sua especificidade própria sem vinculá-lo a um tipo de generalidade. Por isso, como afirma Amossy (2010), é importante para a ação humana, em situações do cotidiano, recorrer a esquemas sociais já conhecidos.

Segundo Amossy (2010, p. 45-46), o estereótipo pode ser definido como “uma representação coletiva fixa, um modelo cultural que circula nos discursos e textos”²⁶. Assim, nos textos, há elementos textuais que constituem e orientam estereótipos culturais; neste momento, para nós, as expressões referenciais com nome próprios são indícios cotextuais que confirmam e ajudam a construir, por marcas cotextuais dessas expressões, estereótipos socialmente conhecidos, principalmente, nas recategorizações dos objetos de discurso. Amossy e Herchberg Pierrot (2001, p. 111), “a estereotipia resulta, assim, necessária para o bom funcionamento da argumentação: em suas diversas formas, constitui uma base de todo discurso com fins persuasivos.”

As autoras assinalam que os estereótipos apresentam um efeito de verdade imediata de frases enciclopédicas associadas a um substantivo. Sua aparência universalizada procede de um apagamento das condições de enunciação, tendo em vista que esses elementos de estereotipia correspondem a algo pré-construído. Esses elementos pré-construídos estão nos conhecimentos compartilhados necessários à construção dos objetos de discurso relacionados aos nomes próprios.

Dessa forma, ao analisarmos os nomes próprios no processo de apresentação e retomadas recategorizadoras, as transformações que se dão sobre um referente no processo de recategorização estão aliadas a certos estereótipos culturais que são compartilhados entre os interlocutores pelos conhecimentos culturais sobre certos nomes próprios.

²⁵ Categorias semânticas de Jonasson (1994) estão descritas no capítulo 2 desta dissertação.

²⁶ No original: “Le stéréotype se définit comme une représentation collective figée, un modèle culturel qui circule dans les discours et dans les textes.” (AMOSSY, 2010, p. 46-47)

Neste capítulo, construímos um percurso teórico essencial para os próximos passos da dissertação, tendo em vista que discutimos as etapas de construção da referência, principalmente sobre o modo de apresentação e retomada dos referentes, sendo essas fases primordiais às análises dos dados, uma vez que a construção do objeto de discurso, quando realizada por meio de nomes próprios, envolve estratégias persuasivas capazes de mobilizar o interlocutor a perceber determinados direcionamentos argumentativos, sendo essa a contribuição de nossa pesquisa. Para esse fim, foi essencial, ainda, apontar o lugar da argumentação a qual nos orienta e demonstrar como observamos, mais discursivamente, os nomes próprios, relacionando-os ao estereótipo cultural.

A seguir, dispomos, no capítulo **4**, a descrição da metodologia e os textos coletados para análise a fim de testar nossas hipóteses de pesquisa.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo descreve a metodologia adotada para a constituição de nossa pesquisa e apresenta a análise das ocorrências coletadas para essa investigação. Para essa tarefa, com intuito de organizar os procedimentos metodológicos, estabelecemos duas subseções: uma subseção sobre *caracterização da pesquisa*, na qual apresentamos a metodologia escolhida, e uma subseção sobre *procedimentos de coleta e análise*, a qual subdividimos nos seguintes itens - delimitação do universo, na qual descrevemos o corpus; categorias de análise, em que explicamos os critérios pelos quais analisamos o corpus; procedimentos de coleta, em que esclarecemos como escolhemos e construímos o corpus, assim como sua organização para a análise; e procedimentos de análise, em que descrevemos os passos seguidos para, a partir do referencial teórico adotado, realizar a testagem das hipóteses.

Depois desse primeiro passo, passamos à análise dos dados, a qual está alicerçada principalmente em pressupostos da referenciação no âmbito da linguística textual, com intuito de discutir as conjunturas desta pesquisa e os possíveis resultados. Ainda acrescentamos uma perspectiva da morfologia por Monteiro (2002), o qual oferece a categoria teórica sobre o processo de formação de nome personativos, a amálgama, necessária à análise em nossas ocorrências de uma hipótese de trabalho voltada para as formas referenciais como a manifestação do objeto de discurso na apresentação ou na retomada anafórica pela expressão referencial com nome próprio.

À luz da pesquisa realizada por Bassetto (2015), a qual analisou o nome próprio como uma estratégia de progressão referencial a partir da constituição e da descrição das funções designativa e atributiva - com atributo construído discursivamente e com atributo cristalizado; e por Kryslschin (2016), a qual analisou o uso do nome próprio como argumento de autoridade em discursos epidícticos de textos de exposição e livros de ouro, avançamos sobre os resultados desses estudos e passamos a explicar os processos referenciais por nome próprio como um tipo de processo referencial que está a serviço da persuasão em diversos gêneros discursivos, ou seja, acreditamos que, nas introduções referenciais e nas anáforas, os nomes próprios compõem estratégias argumentativas mobilizadas nos processos referenciais para um projeto de dizer.

4.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa, numa primeira etapa, se norteou pelo método hipotético-indutivo, tendo em vista que buscamos observar os fenômenos e os motivos de suas manifestações no dados coletados. Após isso, passamos ao método hipotético-dedutivo, uma vez que, segundo Marconi e Lakatos (2003), a partir da percepção de uma lacuna no conhecimento, elaboramos um problema central, o qual constitui uma questão que não apresenta explicação no referencial teórico. Essa questão é “como os processos referenciais por nome próprio compõem estratégias argumentativas?”

A partir dessa lacuna, nossas conjecturas foram elaboradas com o objetivo de analisar os processos referenciais por nome próprio, introduções e anáforas diretas e indiretas, com intuito de explicar como esse tipo de processo referencial compõe uma estratégia argumentativa nos textos.

4.2 Procedimentos de análise e coleta

4.2.1 Delimitação do universo

Conforme afirmamos nesta pesquisa, são escassos os trabalhos que analisam o funcionamento do nome próprio na linguística textual. Os estudos com destaque na literatura não consideram a unidade textual em seu referencial teórico, explicitando uma análise mais sintática e semântica do próprio nome em sentenças descontextualizadas.

Desse modo, somente Bassetto (2015), no âmbito da Linguística Textual, a partir de uma abordagem sociocognitiva e interacional, analisou o uso designativo e atributivo dos nomes próprios como estratégia de progressão referencial considerando a unidade textual como ponto de partida. Sua análise compreendeu vários gêneros discursivos, como crônicas, biografias, artigos de opinião e até teste de comportamento, para demonstração de suas hipóteses. A autora não estabeleceu, portanto, como critério, um único gênero discursivo para investigar o modo de funcionamento do nome próprio.

Nesta pesquisa, optamos em manter esse percurso de Bassetto (2015), considerando a abrangência do fenômeno ao analisar os processos referenciais por nome próprio em gêneros variados, como *post* de twitter, charges, artigo de opinião, crônicas, poema, *post* de facebook, entre outros.²⁷ Todavia, não é nosso objetivo, nesta dissertação, fazer uma relação entre os

²⁷ Tendo em vista a multiplicidade discursiva e organizacional dos textos que viralizam nas redes sociais, optamos por denominá-los *post* de facebook e *post* de twitter, considerando o suporte de veiculação do texto.

processos referenciais por nomes próprios e elementos constituintes e estruturais dos gêneros discursivos.

Dessa forma, no início da pesquisa, em 2016, fizemos um levantamento de textos nos quais os nomes próprios de figuras públicas, como políticos e artistas, eram evocados nos processos referenciais por introduções referenciais e anáforas diretas e indiretas. Nas ocorrências, observamos, a partir das leituras desses dados, que, com certa frequência, os textos coletados tinham como temática o cenário político brasileiro, especialmente relacionados a fatos marcantes do ano de 2016, como investigação da operação Lava Jato, cassação do mandato do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff, posse de Michel Temer como presidente da república, entre outros.

Por essa razão, delimitamos nossas análises a textos dessa temática e ano, levando em consideração também o tempo de desenvolvimento da pesquisa. Os textos coletados fazem referência a figuras políticas, como Eduardo Cunha, ex-presidente da Câmara, presidente Michel Temer, a primeira-dama Marcela Temer, o ex-presidente Lula e a ex-presidente Dilma Rousseff, deputado Jair Bolsonaro, entre outros, que possam se apresentar relevantes à análise das ocorrências. Consideramos, ainda, gêneros discursivos multimodais multissemióticos, pois os processos referenciais por nome próprio são um dos elementos que constitui as estratégias argumentativas de um texto.

Os textos que foram coletados para a análise das ocorrências foram retirados das redes sociais *Facebook* e *Twitter*, da seção de colunas jornalísticas da *Folha de S. Paulo*, entre outros sites de informação. Como afirmamos acima, para atender ao cronograma de pesquisa da dissertação, optamos por investigar e analisar as ocorrências de nosso problema entre o mês de janeiro e o mês de dezembro de 2016, todavia percebemos a continuidade do fenômeno em exemplares do ano de 2017 e 2018, incluindo diversas temáticas do meio social.

Nessa perspectiva, o objetivo maior é explicar como os processos referenciais por nome próprio compõem estratégias persuasivas nos textos, tendo em vista que contribuem para a recategorização de referentes e para a orientação argumentativa do texto. Para alcançar esse objetivo, buscamos analisar os efeitos persuasivos dos nomes próprios nas etapas de construção da referência, nas apresentações e nas retomadas recategorizadoras; e examinar que efeitos persuasivos as modificações morfossemânticas, na estrutura linguística das expressões referenciais com nome próprio, exercem nos processos referenciais e na condução

argumentativa do texto. As categorias de análise para analisar o fenômeno serão descritas no item a seguir.

4.2.2 Categorias de análise

Neste item, elegemos as categorias teóricas para a análise dos processos referenciais por nome próprio como estratégias na condução argumentativa dos textos. Não há na literatura categorias de base que norteiem diretamente os objetivos dessa pesquisa para uma possível aplicação em ocorrências variadas. Também não pretendemos verificar e aplicar categorias já pré-estabelecidas pelo campo linguístico na abordagem semântico-pragmática de autores como Jonasson (1994), por exemplo, uma vez que não pretendemos etiquetar os usos dos nomes próprios em tipo denominativo, metafórico, exemplar, manifestação; assim como também não é nosso objetivo mapear o nome próprio em sua função designativa e atributiva. (BASSETTO, 2015).

A etapa seguinte de análise está relacionada às etapas de construção da referência. Para tanto, elegemos como categoria teórica Custódio Filho (2011), o qual detalhou as etapas de introdução e mudança (por acréscimo, confirmação e correção) dos objetos de discurso, e Cavalcante e Brito (2016) que redimensionaram essas etapas em introduções referenciais e retomadas recategorizadoras demonstrando como as relações em redes entre os referentes se estabeleciam por uma apresentação e sucessivas retomadas anafóricas.

Nesse sentido, analisamos as introduções e as anáforas, diretas e indiretas, por nomes próprios a fim de esclarecer como estes participam das etapas de construção da referência e de que forma isso pode ser uma estratégia para a argumentação de um texto. Para essa análise, concordando com Cavalcante e Brito (2016), não usaremos o termo “mudança” por entender que o referente naturalmente evolui e se modifica no texto, todavia explicamos em nossas análises como se dão os acréscimos de informações, as correções e as confirmações dos referentes nos textos provenientes das retomadas recategorizadoras, sendo possível a concomitância dessas etapas. (CAVALCANTE E BRITO, 2016). Consideramos, ainda, que as recategorizações realizadas pelos nomes próprios estabelecem uma relação com representações coletivas convencionadas socialmente, os estereótipos. (AMOSSY, 2010)

A segunda hipótese cercou aspectos formais das expressões referenciais a fim de explicar como o locutor, de modo intencional e sendo coagido pelo meio, faz uma manobra argumentativa ao modificar as expressões referenciais. Para a testagem desta hipótese, elegemos como categoria de análise Monteiro (2002), o qual descreve os processos de formação de nomes personativos descritos, nos quais o autor apresenta o processo

morfológico *amálgama*, que consiste na combinação de partes de palavras, a fim de formar uma nova expressão.

Por fim, apoiamo-nos em Amossy (2011; 2017) e em Cavalcante (2017) quanto à mobilização de estratégias textuais e argumentativas para a dimensão argumentativa do texto, uma vez que nosso objetivo é validar o processo referencial com nome próprio como um tipo de estratégia a serviço da persuasão nos gêneros do discurso.

4.2.3 Procedimentos de coleta

Para constituir o nosso corpus, o procedimento de coleta de dados foi realizado a partir dos seguintes passos: inicialmente, fizemos um levantamento de textos nos quais os nomes próprios de figuras públicas, como políticos, músicos, atores e personagens de filmes, eram evocados nos processos referenciais; em seguida, observamos, a partir da leitura desses textos, que, com certa frequência, os textos coletados tinham como temática o cenário político brasileiro, especialmente relacionados a fatos políticos marcantes do ano de 2016. Por essa razão, delimitamos nossas análises a textos dessa temática e, em especial, desse ano em questão; por fim, fizemos um levantamento de diversas ocorrências de textos os quais apresentavam processos referenciais por nomes próprios, com jogos morfossemânticos ou não, para a análise desse fenômeno. Não sendo nosso interesse a análise do fenômeno em um gênero específico, optamos por diversificar as ocorrências, em cada subitem de análise, demonstrando como os nomes próprios podem colaborar para a recategorização de referentes e, com isso, confirmar a orientação argumentativa do texto.

4.2.4 Procedimentos de análise

Inicialmente, nosso procedimento foi realizar um levantamento teórico sobre autores que desenvolveram pesquisas sobre nome próprio. Encontramos estudos mais consolidados na filosofia da linguagem e na linguística numa abordagem semântico-pragmática. Na linguística, numa perspectiva sociocognitiva e interacional, destacamos, nesta pesquisa, a tese de Bassetto (2015), a qual desenvolveu funções dos nomes próprios. Ainda salientamos um artigo publicado por Kryslyschin (2016), a qual, apesar de seguir um conceito semântico de referente, analisa o uso de nome próprio histórico para fins argumentativos. Desse modo, esses dois trabalhos são os que mais se aproximam de nossa pesquisa.

Para ultrapassar o olhar semântico para o caráter designativo ou para o caráter predicativo das expressões com nome próprio, convocamos abordagens teóricas da referenciação que fundamentassem nossa análise. Como descrito no item *categorias de análise*, sustentamo-nos em Monteiro (2002) para a análise das formas referenciais com nome próprio; e em Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2016) para análise das etapas de construção da referência, a fim de descrever como os nomes próprios aparecem nas introduções referenciais e nas retomadas recategorizadoras. Quanto aos efeitos persuasivos, pautamo-nos nas estratégias e na dimensão argumentativa do discurso por Amossy (2011; 2017) e do texto por Cavalcante (2017).

O passo seguinte correspondeu à organização e à disposição dos textos para testagem das hipóteses de pesquisa. Destacamos, em seguida, as introduções referenciais e as anáforas diretas e indiretas por nome próprio ou não, observando a construção dos objeto de discurso pelos nomes próprios, assim como outras pistas contextuais mobilizadas na condução argumentativa do texto. Nos textos coletados, analisamos as etapas de construção da referência verificando como os nomes próprios apareciam, seja nas introduções referenciais, seja nas retomadas anafóricas; bem como descrevemos os efeitos persuasivos das amálgamas nas expressões referenciais na condução argumentativa do texto.

Apresentamos, no item a seguir, na seção *análise de dados*, 10 dos textos coletados, por serem mais representativos das constatações a que chegamos a partir da testagem das hipóteses desta dissertação.

4.3 Análise dos dados

Após descrever os procedimentos metodológicos de nosso estudo, organizamos esta seção de análise de dados nas seguintes etapas, em função dos objetivos de pesquisa almejados: fases de evolução da referência, a saber, introduções e retomadas por nome próprios nas redes referenciais; efeitos argumentativos dos nomes próprios; estereotipia dos nomes próprios; processo de formação de nomes próprios: amálgamas e trocadilhos.

Quanto às fases de evolução da referência e aos efeitos argumentativos dos nomes próprios, propusemos a análise completa da rede referencial, a fim de especificar a relevância dos processos referenciais com nome próprio para a apresentação e a retomada anafórica. Quanto à etapa das modificações morfológicas como estratégias persuasivas, especificamente relacionadas a amálgamas nos nomes próprios, elaboramos uma análise pontual do fenômeno morfológico, sem aprofundar considerações sobre a coerência global do texto, tendo em vista

que esses aspectos tinham sido analisados na íntegra no item anterior; os recursos morfológicos se somam a outros elementos “arranjados” no texto para conduzir a um ponto de vista.

Cada subtipo é composto pelo seguinte percurso de análise: contextualização do tema tratado no texto e operação de destacar, quando possível, todas as expressões referenciais com nome próprio. Dessa forma, em cada subtipo operado nos dados, há um percurso comum. Tais etapas não constituem uma hierarquia, o que possibilita, em nossa análise, retomar aspectos em diferentes momentos para melhor compreensão e abrangência do fenômeno analisado. Além disso, nossas hipóteses não são mutuamente excludentes.

Nos textos coletados, percebemos que, dentre os assuntos apresentados, as investigações e os escândalos de corrupção política se destacaram, tendo em vista os fatos políticos marcantes como o *impeachment* de Dilma Rousseff e, logo após, a cassação do mandato do Presidente da Câmara Eduardo Cunha. Há, logicamente, outras temáticas do universo político, as quais serão contextualizadas nas análises. De todo modo, essas questões políticas nos motivaram a delimitar nossa análise a gêneros diversos sobre a temática relacionada à política brasileira, em especial, como um recorte dos acontecimentos registrados no ano de 2016. As ocorrências foram subdivididas e foram analisadas conforme os subitens de análise apontados acima a fim de testar nossas hipóteses de pesquisa.

4.3.1 Modos de apresentação e de recategorização dos referentes com nomes próprio

Sendo nosso interesse neste subtipo observar como os nomes próprios aparecem nas etapas de apresentação e retomadas recategorizadoras, optamos por utilizar como categoria de análise as etapas de construção da referência de Custódio Filho (2011), as quais se dividem em apresentação e mudança, em específico por acréscimo e confirmação. Ainda acrescentamos Cavalcante e Brito (2016), as quais sintetizaram essas etapas em duas grandes funções: apresentação e retomadas recategorizadoras, tendo em vista o caráter recategorizador inerente a quaisquer retomadas anafóricas dos referentes. O primeiro texto de nossa análise pertence à crônica jornalística intitulada *Frankstemer! Nobel da Economia!*, e foi publicado por José Simão²⁸, colunista da *Folha de S. Paulo*, dia 04 de junho de 2016. Esse texto está inserido no contexto de investigações sobre corrupção, as quais envolvem o mandato do presidente da Câmara Eduardo Cunha, que estava sendo investigado na época. É importante frisar que as crônicas desse colunista apresentam uma estrutura particular, tendo em vista que

²⁸ Colunista da *Folha de S. Paulo*.

são formadas por comentários sobre as principais manchetes de cadernos da *Folha de S. Paulo*, o que permite uma variedade de tópicos discursivos no texto. A seguir, vamos analisar a rede referencial que se dá desde os referentes Frankenstein e Temer, descrito em Cavalcante e Soares (2017, p. 123) introduzidos pelo título.

(30)

Frankstemer! Nobel da Economia!

[...]

Rarará!

E atenção! "Piauí Herald": "Após aumentar gastos públicos para conter a crise, Temer é indicado para o Nobel da Economia".

A Câmara aprovou aumento da crise econômica:

Aumentou o Judiciário, os funcionários públicos, os militares e a mesada do Michelzinho.

Rarará!

Rarará!

E a Dilma é a Rainha do Pitaco! Tudo que o Frankstemer faz, ela: "Não disse, não falei, eu avisei, no meu tempo".

Ela devia ser comentarista de futebol. Chata de plantão!

[...]

(Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1777984-frankstemer-nobel-de-economia.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2017)

No próprio título, o referente “Frankenstein” é introduzido por uma expressão referencial carregada semanticamente, a qual apresenta o traço “monstro associado ao referente “Michel Temer”. Vejamos, considerando a recategorização um fenômeno próprio das anáforas, seria contraditório afirmar que o referente já vem recategorizado na expressão referencial. A recategorização não se faz pontualmente, mas, sim, em um processo de idas e vindas durante a interpretação do texto. Assim, os dois referentes entram no texto quase que simultaneamente e promovem acréscimos que serão confirmados por informações posteriores que denunciam uma certa antipatia do locutor pela figura de Temer. Concordamos com Silva (2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), para os quais a introdução referencial já pode apresentar um posicionamento argumentativo que pode se confirmar ou não no texto. Esse ponto de vista, a nosso ver, é estabelecido na introdução referencial “Frankstemer”. Nesse sentido, podemos pensar que os referentes podem ser introduzidos, neste caso, pela expressão referencial “Frankstemer”. Tais referentes, naturalmente imbricados no contexto sócio-histórico vivenciado na época em que o texto foi enunciado, estabelecem, intencionalmente, uma relação entre os referentes na expressão amalgamada pelo locutor. Em seguida, há outras pistas contextuais que confirmam esse posicionamento argumentativo,

como “aumentar gastos públicos”; “Temer é indicado para o nobel de economia; “aumentar a mesada de Michelzinho”. O referente Michelzinho estabelece uma relação por anáfora indireta com o referente “Michel Temer” e recebe, na sua forma referencial no contexto, uma desinência de diminutivo: -inho. O sufixo, nesta ocorrência, manifesta não apenas um significado relativo a um tamanho reduzido, mas, principalmente, um valor semântico de desprestígio, num uso irônico, por alusão ao filho de Michel Temer, que tem o mesmo nome do presidente. As expressões “Rarará” explicitam o riso e confirmam o tom irônico do locutor. Ao mencionar o referente “Dilma Rousseff”, o referente “Temer” ainda é recategorizado como Frankenstein, personagem e monstro do filme *Frankenstein*. Essas pistas indicam uma orientação argumentativa que leva o locutor a perceber determinados pontos de vistas sobre a conduta política do presidente Michel Temer, influenciando os modos de ver e sentir do interlocutor (AMOSSY, 2017). É por essa influência que o locutor tenta exercer sobre o interlocutor, por meio do uso dos nomes próprios amalgamados, uma influência sobre seu modo de pensar e agir no mundo, uma vez que esse recurso constitui uma estratégia argumentativa de ordem referencial. Trata-se de um emprego de expressão referencial neste caso e, portanto, de uma mobilização de parâmetros de textualização. Esta é uma comprovação de que é necessário considerar não apenas recursos lexicais, mas principalmente os processos referenciais, responsáveis pela condução tópica e pela construção da coerência textual como um todo. Sem a consideração de aspectos textuais, uma análise de recursos argumentativos seria insuficiente, a nosso ver.

Atentemos para o seguinte excerto:

Frankstemer! Nobel da Economia!

(31)

[...]

E o Cunha, o Chicuncunha? "Destino de Cunha está nas mãos do PRB de Russomanno". Está em boas mãos! Bom para ambos os lados!
O Cunha parece o Jason de "Sexta-Feira 13", não morre nunca!

(Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1777984-frankstemer-nobel-de-economia.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2017)

Recortamos o trecho acima da mesma crônica para destacar a construção do referente “Eduardo Cunha”. Neste parágrafo da crônica *Frankstemer! Nobel da Economia* de José Simão, o contexto político se referia às investigações contra o então presidente da Câmara dos deputados, Eduardo Cunha. O referente “Eduardo Cunha” é introduzido pela expressão referencial por nome próprio “Cunha” e, na sequência, é a expressão referencial

“Chicuncunha” colabora para a recategorização. Semelhante à recategorização do referente “Michel Temer” realizada na análise do exemplar (30), o referente é recategorizado como “Chicuncunha”, o que releva uma comparação de Eduardo Cunha com a doença *Chikungunya*, manifestando um tom irônico do locutor ao estabelecer um paralelo entre o político Eduardo Cunha e a doença transmitida pelo vetor *Aedes aegypti*. Dessa forma, o referente passa a ser transformado como uma doença viral, já que as informações que são acrescentadas sobre o referente retomam a investigação realizada, na época, por Teori Zavascki, no Supremo Tribunal Federal. A manchete “Destino de Cunha está nas mãos do PRB de Russomano” faz alusão à notícia que tratava sobre a votação da cassação, insinuando uma espécie de aliança e pena branda sobre o caso de Eduardo Cunha.²⁹

Em seguida, o referente sofre mais uma recategorização ao ser transformado em “o Jason de ‘Sexta-Feira 13’”. Observamos que, ao recategorizar o referente “Eduardo Cunha” com o nome próprio “Jason de sexta feira 13”, o interlocutor alude a um estereótipo cultural do personagem e protagonista *serial killer* Jason, da série *Sexta-feira 13*, o qual retorna sempre dia 13 às sextas-feiras para cometer crimes e aparentemente não pode ser morto. Essas informações podem ser inferidas pelas informações “não morre nunca” e pelo contexto do personagem Jason, o qual não pode ser morto com facilidade. Essas recategorizações possibilitam a manutenção do referente que recebe acréscimos e confirmações de informações que se dão pelos contextos inferidos no texto. O referente sofre uma recategorização de duas formas, apontando um descontentamento do locutor sobre o político e orientando a certas visões políticas, como o fato de Cunha não ser indiciado pelos crimes supostamente cometidos enquanto foi presidente da câmara dos deputados.

Na análise das ocorrências (30) e (31), confirmamos nossa hipótese de que o nome próprio pode recategorizar o referente e possivelmente levar o interlocutor a determinados pontos de vista, em virtude de seu poder de convocar o interlocutor, a partir dos conhecimentos compartilhados, a recuperar o humor e a crítica envolvidos nesse projeto de dizer. Essa estratégia é viabilizada, a nosso ver, pelo modo como os referentes são introduzidos no contexto e pelo modo como participam das etapas de construção da referência, como podemos ver abaixo:

(32)

²⁹ Notícia intitulada “Destino de Cunha está nas mãos do PRB de Russomano”. (Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/06/1777767-destino-de-cunha-esta-nas-maos-do-prb-de-russomano.shtml>>. Acesso em 06 jun. 2017)

Ufa! Cunha foi pras cucunhas!

Buamba! Buamba! Macaco Simão! Urgente! O esculhambador-geral da República! Deus ouviu nossas preces! O Cunha foi pras cucunhas. O Cão! O Coisa Ruim! O Tião Gavião! O Chicuncunha! O Inominável! O Insepulto!

Rarárá!

O Cunha tomou no Cunha!

E a Tia Eron? Tia Eron desceu do disco voador, disse SIM e virou celebridade. A Tia Eron virou celebridade!

E o "Piauí Herald": "Tia Eron desfilará em carro de bombeiro por dez cidades". Da Bahia a Curitiba!

E a Tia Eron parece a Olivia Pope, a moça da série "Scandal"!

Cassar é pouco, tem que afastar o Cunha do planeta Terra.

E essa cassação do Cunha vai ser uma cansação! Do verbo "cansar"! Deus Nos Acunha!

E um deputado aliado do Cunha comparou o Cunha a Joana D'Arc! Depois de queimada, virou santa! Rarárá!

[...]

(Disponível:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1782012-ufa-cunha-foi-pras-cucunhas.shtml> >. Acesso em: 06 jun. 2017)

<

A ocorrência (32), a qual, assim como as demais, consta na íntegra na seção anexos desta dissertação, pertence à crônica jornalística de José Simão, cujo título é *Ufa! Cunha foi pras cucunhas*, e foi publicada em 16 de junho de 2016 também na *Folha de S. Paulo*. Esse texto trata sobre a confirmação do pedido de cassação do mandato de Eduardo Cunha pelo Conselho de Ética da Câmara, que vinha sendo investigado pelo Supremo Tribunal Federal.

No título, o referente Eduardo Cunha é introduzido pela expressão referencial “Cunha” e passa a ser recategorizado em seguida por “Cunha foi pras cucunhas”; “foi pras cucunhas” alude à expressão popular “*ir para a cucuia*”, que denominava o nome de um cemitério de Cucuia e significa morrer ou fracassar na realização de algo³⁰, e faz um trocadilho com o nome próprio “Cunha”. Isso se relaciona à cassação de Eduardo Cunha da Câmara dos Deputados, quando ele passou a ser condenado pelo recebimento de propina pela Petrobras, fatos constatados na investigação da Operação Lava Jato.

Em seguida, na segunda linha, o ponto de vista do locutor passa a ser confirmado por informações como o voto a favor de Tia Eron da cassação do mandato de Eduardo Cunha, expressões como “Deus ouviu nossas preces” e “Cunha foi para as cucunhas”, o que revela uma das etapas de recategorização de Custódio Filho, a de confirmação de informações sobre o referente. Posteriormente, o referente “Eduardo Cunha” sofre acréscimos que se dão pelas

³⁰ Significado da expressão popular “*Ir para cucuia*”. (Disponível em: < <http://www.sandovaljuliano.com.br/site/curiosidades/13-voce-sabia-que/398-origem-dos-ditados-e-expressoes-populares-2>>. Acesso em: 19 mar. 2018)

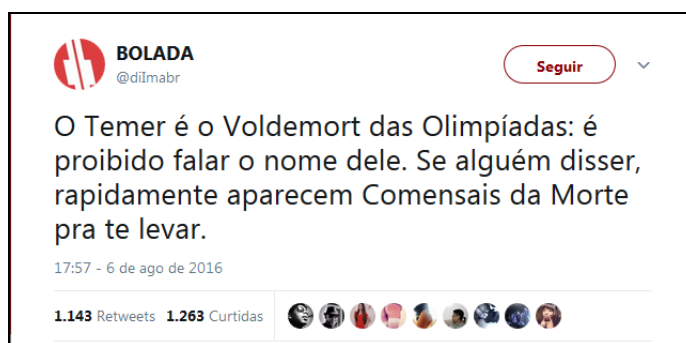
seguintes anáforas diretas: “o Cão”, “o Coisa ruim”, “o Tião Gavião” e “ChicunCunha” e “Joana D’arc”. Outras pistas que o recategorizam podem ser percebidas em “Deus nos acunha”, quando o locutor faz um trocadilho com a expressão popular “Deus nos acuda”, que se dá por uma proximidade fonológica entre o nome próprio “Cunha” e o verbo “acuda”. Essas pistas contextuais indiciam o ponto de vista do locutor sobre a política de Eduardo Cunha, assim como guiam a orientação argumentativa do texto.

Chamamos atenção também para as expressões referenciais “Tião Gavião” e “Joana D’arc”, referentes inferidos por pistas do cotexto, os quais recategorizam o referente Eduardo Cunha. No caso de Tião Gavião, este era um famoso personagem do desenho Penélope Chamosa, conhecido por ser um vigarista que buscava, a todo custo, formas de matar Penélope e roubar sua herança. Outro aspecto diz respeito à aparência de Tião Gavião³¹, fator que supostamente pode ter levado o locutor a fazer uma aproximação entre os dois. Isso sugere ao interlocutor estereótipos culturais, modelos pré-construídos, presos a personagens como Tião Gavião. O referente Cunha também é recategorizado como “ChicunCunha”, trocadilho com a doença viral *Chikungunya*, como descrevemos no exemplo (31). No caso da retomada anafórica Joana D’arc, há no texto uma relação metafórica que se dá entre os referentes “Eduardo Cunha” e “Joana D’arc”, semelhante ao tipo de denominação metafórica descrita por Jonasson (1994) e Kleiber (1994). Esse recurso ocorre em virtude da intenção do locutor de ridicularizar Eduardo Cunha, usando um estereótipo, culturalmente convencional, pelo nome próprio “Joana D’arc”, ou melhor, pela representação coletiva que Joana D’arc exerceu no meio social. Ela era uma heroína francesa que foi queimada em 1431 na França, posteriormente considerada santa pela Igreja Católica e canonizada em 1920 pelo papa Bento XV. Sua morte precoce se deveu à sua luta contra os povos borguinhões, por isso ela foi executada por eles na fogueira.

Há, nessa ocorrência, um processo de acréscimos e de constantes confirmações de informações que possibilitam diversas retomadas recategorizadoras do referente “Eduardo Cunha”, conforme Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2016). Como foi discutido, esse processo possibilita evidenciar um ponto de vista do locutor sobre a figura do ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, assim como permite levar o interlocutor a mudar seus modos de pensar e agir sobre as coisas, uma vez que recorre a estratégias que levam ao riso e ao deboche sobre o político em questão. Vejamos mais um exemplo:

³¹ Os apuros de Penelope Chamosa. (Disponível em: <
http://www.autobahn.com.br/desenhos/penelope_chamosa.html>. Acesso em: 01 out. 2017.)

(33)



(Disponível:< <https://twitter.com/diimabr/status/762090361850302464>>. Acesso em: 01 set. 2017)

A postagem de *twitter* acima, publicada dia 6 de agosto de 2016, no perfil “Dilma Bolada”, se relaciona ao período da realização do evento das Olimpíadas de 2016, entre 5 de agosto e 21 de agosto, no qual os torcedores protestaram contra o presidente Michel Temer, levando faixas com a expressão “Fora Temer” para o estádio, sendo, posteriormente, impedidos de exaltar sua opinião acerca do político.

O referente “Michel Temer” é inaugurado pela expressão referencial “O Temer”, que passa a ser retomado anaforicamente e recategorizado, em uma relação metafórica, por “Voldemort das Olimpíadas”. Pelos conhecimentos compartilhados, o referente aponta para um estereótipo de um vilão da saga Harry Potter que tem seu nome temido por todos e que não pode ser pronunciado. Isso se deve ao fato de Michel Temer ter tentado proibir a expressão popular de cartazes e faixas gerando diversos cartazes criativos e “memes” nas redes sociais sobre essa imposição do presidente.³²

Outros referentes são construídos no texto e algumas pistas contextuais confirmam esse estereótipo, como a proibição de falar o nome de Voldemort, contexto ligado à saga de Harry Potter, na qual as personagens eram proibidas de pronunciar o nome do vilão temido por todos. Ainda há também, no texto, uma sátira ao afirmar que, caso alguém desobedeça, será levado pelos Comensais da Morte, uma espécie de guardas da escuridão que sugavam a vida das pessoas. Isso alude a notícias divulgadas pela mídia, nas quais seguranças dentro do estádio apreenderam faixas de protesto e puniram torcedores que se manifestaram contra o governo do presidente Michel Temer. A exemplo disso, notícias publicadas pelo *Folha de S. Paulo*, na qual a Polícia Militar prendeu 12 torcedores no Estádio do Mineirão em Belo

³² Os cartazes mais engraçados que driblaram a censura na Olimpíada. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/geral/entretenimento/indicacao/os-cartazes-mais-engracados-que-driblaram-censura-na-olimpiada/>>. Acesso em: 01 out. 2017.

Horizonte devido a protestos contra o presidente Temer³³. Conforme Cavalcante e Brito (2016), as expressões referenciais, como as demais pistas contextuais, promovem a recategorização do objeto de discurso, oferecem acréscimos e confirmações (CUSTÓDIO FILHO, 2011) de aspectos já apresentados sobre o referente e “guiam” uma orientação argumentativa do texto.

Nessa ocorrência, temos uma situação semelhante às condições de instauração de referentes descritas por Bassetto (2015), que se relacionam a uma “rede referencial”, conceito discutido nos estudos de Matos (2017). Há uma rede de referentes que se forma entre os objetos de discurso “Michel Temer” e “Voldemort”, possibilitando uma recategorização a partir das relações diretas e metafóricas que se dão mentalmente na negociação de sentidos.

Podemos ver, portanto, nessa ocorrência, a recategorização do referente “Michel Temer”, que passa a ser relacionado a determinados traços semânticos do personagem Voldemort. O referente “Comensais da Morte”, uma anáfora indireta, ancora no referente “Voldemort”, tendo em vista que pertence ao contexto da saga dos filmes de Harry Potter. O nome próprio Voldemort possibilita, no texto, a construção de um ponto de vista - uma sátira à situação na qual os torcedores foram punidos por se manifestarem por cartazes, vaias e palavras de ordem, como “Fora Temer”; esse ponto de vista se serve da criação de um efeito de humor sobre o interlocutor, para dar mais poder de influência à sua estratégia. Outros elementos textuais se acrescentam com o perfil de *twitter* Dilma Bolada. Essas mobilizações dão aos textos, de acordo com Amossy (2011) e Cavalcante (2017), uma dimensão argumentativa. Isso quer dizer que textos dessa natureza não apresentam, conforme a visão de Amossy (2011), uma visada argumentativa, pois não defendem uma opinião central, mas não deixam de tentar influenciar o interlocutor quanto a seu modo de sentir e ver as coisas.

Algo semelhante acontece com o exemplo a seguir:

(34)

Temer! Palácio do Crepúsculo!

[...]

(1)

E a Marcela Temer é a Princesa da Disney. Vai morar num castelo de Lego!
Novo casal real: Drácula e Princesa da Disney!

(2)

³³ Dentre as notícias, destacamos “PM retira 12 torcedores de jogo no Mineirão após protesto contra Temer. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1799926-pm-retira-12-torcedores-de-jogo-no-mineirao-apos-protesto-contratemer.shtml>>. Acesso em: 01 out. 2017.

E esse Machado grampeou o Renan e o Sarney! Não é Machado, é Serra Elétrica! O Renan Escandalheiros quer barrar a delação premiada. Só quer negação premiada.

[...]

(3) E acabou Corpus Christi e começou o Corpus Alegres! Parada Gay! E o Boçalnaro vai? Não, o Boçalnaro foi pescar com o Ricky Martin e o Elton John. Rarárá! A Marta não vai porque ela é ex-gay! Rarárá!
E recado aos homofóbicos: todo Pit Bull é uma Lassie enrustida!
Rarárá!

(Disponível:<

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/05/1775994-temer-palacio-do-crepusculo.shtml> />. Acesso em: 01 mai. 2017.

Escrita por José Simão, colunista da *Folha de S. Paulo*, a crônica que compõe a ocorrência (34) desta dissertação foi publicada em 29 de maio de 2016. Sendo construída por manchetes diversas e comentários acerca dos assuntos em destaque nos cadernos da Folha, isso permite a menção de uma variedade de acontecimentos políticos. Podemos perceber, nesta ocorrência, três temáticas: a posse de Michel Temer como presidente interino da república brasileira; as investigações das gravações concedidas por Sergio Machado à delação premiada da operação Lava Jato, na qual há gravações de Renan Calheiros e Sarney; e a parada gay realizada na Avenida Paulista, dia 29 de maio de 2016, após o feriado de Corpus Christi.

No trecho (1), com base no conceito de apresentação e retomadas recategorizadoras (acréscimos e confirmações) de Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2016), o referente “Michel Temer” é introduzido logo no título da crônica pela expressão referencial “Temer”. O referente “Marcela Temer” estabelece uma relação indireta com o referente “Michel Temer”. Assim, já de acordo com os conhecimentos compartilhados, podemos inferir que ela é esposa de Michel Temer, sendo, portanto, um referente ancorado em pistas contextuais. O objeto de discurso “Marcela” é recategorizado pelo nome próprio Princesa da Disney, que alude a um estereótipo de donzelas indefesas, informações que passam a ser confirmadas por pistas como “morar em um castelo de lego”, e pela anáfora indireta “casal real”, causando uma ironia ao compará-los à família real. Ainda o referente Temer passa a sofrer acréscimos advindos do próprio Drácula, anáfora direta, e o referente “Marcela” novamente recebe o atributo de “Princesa da Disney”, ambos formam o casal real, de acordo com o texto. Os referentes sofrem acréscimos que, além de manter a referência, possibilitam uma progressão de informações e, principalmente, a construção de efeitos persuasivos no projeto de dizer.

No trecho (2), o referente “Sergio Machado” é apresentado pela expressão referencial “Machado”, assim como os referentes Renan Calheiros, pela expressão “Renan”, e José Sarney pela expressão “Sarney”. O locutor faz um trocadilho com o nome de Sergio Machado e afirma não ser um “machado”, mas “serra elétrica”, reportando-se ao efeito causado pela delação premiada de Sergio Machado, o qual entregou à operação Lava Jato gravações que incriminariam os políticos Renan Calheiros e José Sarney³⁴. Isso evidencia como o nome próprio pode compor uma estratégia argumentativa a partir de uma certa engenhosidade linguística, pois o nome próprio Machado é homônimo do nome comum, machado, objeto com uma cunha de ferro cortante em um de seus lados. Isso também é reforçado pela afirmação de que Machado (ou machado) seria, na verdade, uma serra elétrica, ferramenta com maior poder cortante, possibilitando uma relação semântica entre essas palavras e evidenciando efeitos persuasivos no processo de construção dos referentes.

O referente “Renan Calheiros”, em seguida, passa a ser recategorizado por retomada anafórica direta, manifestada por um nome próprio, “Renan Escandalheiros”, que mantém o objeto de discurso e confirma informações já mencionadas sobre as delações de Sergio Machado. Mais uma vez, a confirmação e os acréscimos se dão por um fator que hipotetizamos: o modo de expressão do referente no cotexto, pois há, segundo a definição de Monteiro (2002), uma amálgama entre o substantivo comum *escândalo* e o nome próprio *Calheiros*, evidenciando que certas modificações morfossemânticas exercem efeitos argumentativos sobre o projeto de dizer do texto, já que essa amálgama envolve o contexto de investigação política proveniente das gravações reveladas por Sergio Machado, na qual Renan Calheiros é um dos protagonistas do “escândalo” de corrupção. Esses aspectos serão aprofundados na seção seguinte das análises.

Já no trecho (3), o locutor faz referência à parada gay realizada após o feriado de Corpus Christi, dia 29 de maio de 2016, data de publicação da crônica jornalística, o que pode ser inferido pelas pistas “corpus alegres” e “parada gay”. Logo, após essa referência à parada gay, o referente “Boçalnaro” estreia no texto pela introdução referencial marcada argumentativamente “Boçalnaro”, a qual sofre uma modificação de natureza formal no modo de apresentação do referente no cotexto por meio de uma amálgama entre o referente *boçal* (pessoa rude e grosseira)³⁵ e o nome próprio “Bolsonaro” (MONTEIRO, 2002). Isso nos permite afirmar que um ponto de vista é inscrito e indiciado sobre o referente desde sua

³⁴ *Deleção premiada de Sergio Machado*. (Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/06/1782014-veja-integra-da-delacao-de-sergio-machado-que-cita-mais-de-20-politicos.shtml>. Acesso em: 19 mar. 2017)

³⁵ Segundo o Houaiss (2010, p.111), *boçal* significa, em sua primeira acepção, pessoa rude ou insensível.

introdução referencial (SILVA, 2013; CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014). Esse caso também se aproxima das ocorrências em (30), em que os referentes são introduzidos pela expressão referencial “Frankstemer”, por meio da fusão de dois referentes. Essa amálgama de referentes entra com a função de estabelecer relações entre os dois e, logo em seguida, numa fração mínima de tempo, iniciar a recategorização do objeto de discurso Temer, a ser confirmada e acrescida ao longo do texto.

Sendo a recategorização, segundo Cavalcante e Brito (2016), um movimento de idas e vindas, o referente “Bocanharo”, no modo de apresentação, já estreia no texto com uma marca de posicionamento argumentativo, ou seja, o político Jair Bolsonaro como um indivíduo de caráter *boçal*, ou seja, que apresenta um comportamento inadequado. No texto, questiona-se ironicamente se Jair Bolsonaro, membro da bancada evangélica e conservadora, comparecerá à parada gay. O locutor ironiza e afirma que Bolsonaro não tem intenção de comparecer à parada gay, porque foi pescar com “Ricky Martin” e “Elton John”, referentes introduzidos pelas expressões referenciais acima: duas entidades famosas e assumidamente homossexuais. A crítica se constrói sobre a figura de Bolsonaro, já que este é conhecido por suas posições são polêmicas principalmente por posicionamentos públicos contrários à ideologia de gênero. Essas informações se confirmam por outras pistas, como pela expressão referencial “recado aos homofóbicos” e pelos atributos aplicados aos referentes em foco “toda Pit Bull” e “uma Lassie enrustida”. Por uma relação metafórica, esses referentes evocados representam dois estereótipos culturais: o de Pit Bull, animal popularmente conhecido como feroz e agressivo, além de relacionado a “macho alfa”, implícito no texto; e o de Lassie, cadela personagem do filme “A força do coração”, conhecida como um animal dócil e delicado. Esses referentes estão ambos presos a estereótipos e se articulam numa relação metafórica.

Dessa forma, as marcas de estereotípias se dão na unidade textual por meio da evocação e/ou da alusão a nomes próprios nos processos referenciais, pistas contextuais que se relacionam a representações coletivas. Reiteramos que outras categorias textuais podem ser estratégias de inscrição de estereótipos no texto, passíveis de serem exploradas em outras pesquisas.

A seguir, analisamos a ocorrência (35), a qual é um artigo de opinião, que foi publicado por Ângela Alonso³⁶, no dia 23 de outubro de 2016, no caderno Ilustríssima da *Folha de S. Paulo*, e representa o texto coletado mais longo de nossa análise.

³⁶ Angela Alonso é colunista da *Folha de S. Paulo* e professora do departamento de sociologia da USP e presidente do Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento).

Adotamos os passos de análise de Custódio Filho (2011), que demonstrou as confirmações, os acréscimos e as correções, pois buscamos relacionar as relações entre os referentes e entre os diversos tipos de âncora, verbal e imagética, priorizando aspectos de textualização. Neste caso, consideramos o contexto de publicação do artigo, a construção dos referentes “Marcela de Machado de Assis” e “Marcela Temer”, assim como a apresentação e as retomadas recategorizadoras que se dão em função de nomes próprios nas etapas de construção da referência, principalmente com relação às alusões a estereótipos culturais. Explicamos também as relações que se estabelecem entre os referentes citados por meio da rede referencial que se constrói no texto.

Essa publicação faz uma crítica ao artigo de opinião publicado pela *Veja* cujo título era *Marcela: bela, recatada e ‘do lar’*³⁷. Essa ocorrência foi analisada em duas etapas para melhor organização e compreensão da construção dos objetos de discurso “Marcela Temer” e “Marcela de Machado de Assis”. Como será descrito, o locutor cria, neste texto, até certo ponto, um paralelo entre Marcela Temer, esposa do atual presidente Michel Temer, e Marcela de Machado de Assis ao apontar uma discussão empreendida sobre modelos femininos arcaicos, nos quais a mulher era destinada aos afazeres do lar, sem quaisquer participações nas decisões políticas. Vejamos no primeiro excerto o paralelo que é estabelecido entre Marcela Temer e Marcela de Machado de Assis.

(35)

Trecho I

A república das Marcelas, o reino das princesas e o sonho das meninas

"Marcela amou-me durante 15 meses e 11 contos de réis, nada menos." Esta Marcela foi a paixão de juventude de Brás Cubas, o personagem-síntese do Brasil. Mas o nome também evoca outra Marcela, contemporânea e em tudo distinta da literária.

A de Machado de Assis era mulher livre, dona de seu nariz. Perigosa. Tanto assim que o Cubas pai tratou de afastar o filho da moça. A Marcela de carne e osso carrega menos risco e nenhuma ambiguidade. Compartilha com a ficcional o enquadramento num certo ideal de mulher, regido pela beleza. Mas aí se esgota o paralelo.

[...]

(Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/angela-alonso/2016/10/1825018-a-republica-das-marcelas-o-reino-das-princesas-e-o-sonho-das-meninas.shtml>>. Acesso em: 01 mai. 16)

³⁷ O texto foi publicado na seção Brasil da revista *Veja* em 18 de abril de 2016 por Juliana Linhares. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>>

No título do artigo de opinião, os referentes inferidos pela expressão referencial “A república das Marcelas” possibilitam a apresentação de diversos referentes. Nota-se que há uma marca de plural em “das Marcelas”, o que indicia uma referência a diversas “Marcelas”, as quais se reportam não apenas a um referente Marcela, mas a construtos sociais convencionados, estereótipos culturais, que o locutor aproxima e distancia por determinadas características em comum. O título serve de âncora para os referentes “Marcela Temer” e “personagem Marcela da obra machadiana”. Vale ressaltar que o referente “república” envolve o próprio regime democrático do país e no qual há Michel Temer no papel social de presidente da república e Marcela, de primeira-dama.

Em seguida, no texto, há, no primeiro parágrafo, uma inferência à personagem *Marcela de Machado de Assis*, informação inferida pelo trecho popularmente conhecido da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis. Nesse romance, a personagem Marcela, paixão de Brás Cubas, é apresentada como uma mulher livre e desimpedida, com a qual Brás Cubas teve um romance passageiro regado a interesses financeiros (“15 meses e 11 contos de réis”). A comparação pressupõe um posicionamento argumentativo que está sendo construído no texto quando há uma intenção de aproximar essas mulheres, “Marcela de carne e osso” e “Marcela ficcional”. Esse paralelo entre os referentes se dá por meio de pistas como “o nome também evoca outra Marcela, contemporânea e em tudo distinta da literária”, o que acusa a presença de outra Marcela, a Marcela Temer, que se aproxima e se distancia da Marcela de Machado de Assis.

O quadro que elaboramos a seguir resume essas características que constroem um paralelo entre os referentes:

QUADRO DEMONSTRATIVO 1

Referente (1) “Marcela de Machado de Assis”	Referente (2) “Marcela Temer”
“Paixão de Brás Cubas”	“Contemporânea “
“A de Machado de Assis”; “a ficcional”	“distinta da literária”
“Livre, dona de seu nariz e perigosa”	“A Marcela de carne e osso”
A ficcional	“Menos risco e ambiguidade”
“Enquadramento num certo ideal de mulher regida pela beleza”	

(Elaboração da autora)

Apesar de enfatizar que as “Marcelas” são “em tudo” distintas, há uma intenção de aproximá-las, pois, em certo momento, o locutor afirma que há um “enquadramento num certo ideal de mulher regido pela beleza”, aspectos que indiciam semelhanças entre os objetos de discurso. Iniciar o artigo de opinião fazendo referência ao texto de Machado de Assis também é uma estratégia argumentativa, porque leva o interlocutor a fazer uma analogia entre os referentes, e isso ocorre devido a uma projeção que o locutor faz de seu interlocutor. Após esse paralelo, as recategorizações se voltam para o referente “Marcela Temer”.

Como veremos a seguir, no trecho II, destacamos as transformações desse referente:

Trecho II

[...]

A primeira-dama reza por brevíário mais simples e bem conhecido. Trafega em zona ultrassegura, nada precisa prover ou provar. Tem as contas pagas, as falas prontas, a vida decidida. Nem o nome do filho careceu escolher: no menino se reproduziu o senhor seu pai.

Marcela não se exprime, comparece. No papel de compor a paisagem, talvez visasse o estilo Jackie Kennedy, da simplicidade elegante. Mas acabou em campo retrô, meio Barbie, meio Rapunzel, entre dois mundos, o da boneca, boa moradia para ex-miss dedicada ao consumo, e o reino do faz de conta, onde se encastela qual a mocinha do cabelão.

A senhora Temer pertence a uma linhagem, a das primeiras-damas decorativas, afeitas ao serviço social – a caridade, a filantropia e outras formas de generosidade talhadas para camuflar a desigualdade.

[...]

(Disponível: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/angela-alonso/2016/10/1825018-a-republica-das-marcelas-o-reino-das-princesas-e-o-sonho-das-meninas.shtml>>. Acesso em: 01 mai. 16)

O referente passa a ser retomado como “a primeira-dama”, além de apontar informações como “ter as contas pagas”, “as falas prontas”, “vida decidida”, o que confirma um estereótipo de uma mulher sem expressão social suscetível às vontades do sistema. Outro ponto que nos chama atenção é a referência à escolha do nome do filho, o qual se chama, assim como o pai, Michel Temer, o que confirma o fato de Marcela Temer não ter expressão social, nem ao menos para escolher o nome do próprio filho.

O referente é retomado pela anáfora direta “Marcela”, o que permite a manutenção do objeto de discurso, função inerente às anáforas. (CAVALCANTE; BRITO, 2016). Em seguida, o locutor afirma que Marcela Temer almejava o “estilo Jackie Kennedy”, o que recategoriza o referente e evidencia uma orientação argumentativa, tendo em vista que Jacqueline Kennedy Onassis foi esposa do presidente dos Estados Unidos John F. Kennedy³⁸

³⁸ Jacqueline foi primeira dama do Estados Unidos durante a presidência de John F. Kennedy (1961 a 1963).

e participava de ações beneficentes, sendo popularmente conhecida por sua elegância e por seus trajes clássicos e refinados. Todavia, neste caso, as retomadas por anáforas diretas “meio Barbie” e “meio Rapunzel” oferecem um acréscimo relevante ao referente que vem sendo construído para a defesa do ponto de vista do locutor: há pistas que comprovam que Marcela não alcançou o perfil de Jacqueline Kennedy e permaneceu entre mundos ligados a seu *status* de ex-miss consumista e de boa moradia e de princesa de um reino. Isso se confirma no texto por anáforas como “castelo” e “a mocinha do cabelão”. Dessa forma, os referentes evocados por nomes próprios possibilitam a recategorização dos referentes em função dos conhecimentos compartilhados que se tem sobre eles, principalmente, pela representação social desses nomes próprios no meio cultural.

Outra retomada recategorizadora é oferecida pela anáfora direta “a senhora Temer”, que acrescenta ao referente a informação de que esta é esposa do presidente Michel Temer. Essa anáfora direta mantém o referente no texto e possibilita confirmar a informação de “primeira-dama”, já apresentada no contexto. Além disso, aponta indícios do posicionamento argumentativo construído no texto, pois há ênfase na expressão “a senhora Temer”, a fim de acionar o conhecimento de que Marcela é esposa do presidente, aquela que ocupa uma posição social de primeira-dama “ilustrativa”, sem engajamento no cenário político, e destinada a um papel arcaico de envolvimento com causas sociais e ações beneficentes, como “Jackie Kennedy”.

Essas recategorizações que se dão por nomes próprios são alcançadas por inferência e pela relação com os conhecimentos compartilhados e culturais que se têm sobre os indivíduos “portadores” desses nomes. Esse apelo a informações amplamente veiculadas nas mídias por diversos textos salienta um traço muito pertinente – o uso das alusões CARVALHO, 2017). Outro aspecto relevante é a evidência de estereótipos quanto aos construtos sociais fixos que são marcadas pelas anáforas diretas por nomes próprios presentes no texto. Há, no entanto, outras estratégias que confirmam e constroem esses estereótipos, modelos culturais fixos, na unidade textual.

Trecho II

[...]

Mais perigosa que sua xará ficcional, a Marcela de verdade encarna um ideal: o da princesa. É também o que orienta uma herdeira do reino Abravanel. Como não falta à moça capital para pôr devaneio em prática, tornou-se feliz proprietária de uma franquia da Escola de Princesas. Segundo seu site, a escola visa meninas de 4 a 15 anos e promete “resgatar a essência feminina que existe em seus corações”. As páginas são cor-de-rosa, com uma coroa em destaque. Na primeira, mini-Marcelas loirinhas e

sorridentes propagandeiam o que aprendem: etiqueta e moda, casa e família, e todos os maneirismos das antigas sociedades aristocráticas. Saberão entreter, decorar, vestir, andar, receber e pensar como princesas.
[...]

Nesse excerto, para a nossa surpresa, há uma espécie de não confirmação, realizada por referentes evocados por nomes próprios, de uma informação presente no texto, categoria, a da não confirmação, não prevista nas etapas de construção da referência de Custódio Filho (2011) e investigada, em certa medida, por Matos (2017). Anteriormente, Marcela Temer, ao ser comparada com Marcela de Machado de Assis, era considerada distinta em tudo, tendo em vista que não oferecia *menos risco e nenhuma ambiguidade*. Porém, o locutor afirma que Marcela é mais perigosa que a sua *xará* da obra de Machado de Assis devido ao seu papel social de princesa, sendo ainda uma influência para a herdeira do reino Abravanel. A filha de Silvio Santos fundou uma escola de princesas, na qual as meninas eram ensinadas a seguir um ideal feminino antigo, em que as mulheres tinham que ter um comportamento exemplar, etiqueta e saberes domésticos para a construção de uma família³⁹.

Destacamos também a anáfora direta “Mini-Marcelas loirinhas e sorridentes”, a qual estabelece uma relação direta com “meninas”, assim como se relaciona ao referente “Marcelas” e “Marcela Temer”, neste último por uma relação metonímica. Além disso, há uma relação indireta com “o reino das Princesas”, referente presente desde o título, o que nos permite perceber as idas e vindas do processo de recategorização, assim como a rede referencial que se forma entre os referentes destacados. Naturalmente, não enfatizamos todos os referentes nesta análise, uma vez que nosso intuito é demonstrar como os processos referenciais por nomes próprios, introduções e retomadas, atuam como estratégia argumentativa, levando o interlocutor a mudar o modo de agir e pensar. (AMOSSY, 2011; CAVALCANTE, 2017)

Por fim, analisemos a charge a seguir:

(36)



³⁹ *Escola de princesas*. (Disponível em: <<http://escoladeprincesas.net/ws/>>. Acesso em: 22 mar. 2018)

(Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1868478003382813&set=a.1552404658323484.1073741827.100006618944734&type=3&theater> Acesso em: 28 nov. 2016)

A figura que corresponde ao exemplo (36) acima é de um cartaz divulgado pelas redes sociais em meados de 2016 no período das manifestações contra o governo do presidente Temer, que assumiu a presidência após o *impeachment* de Dilma Rousseff. Essa apresentação do referente se dá numa relação abstrata entre referentes acessados pelas pistas evidenciadas no contexto por nomes próprios. Os referentes “Michel Temer” e “Michel Foucault” são introduzidos pela expressão “Meu Michel”. Ao acrescentar o predicado “é Foucault”, o texto convoca outro possível referente “Michel”. A recategorização ocorre, como afirmamos anteriormente, de maneira instantânea, em fração de segundos, numa relação predicativa e metafórica. O processo de recategorização acontece de forma abstrata, como mostram Cavalcante e Brito (2016), para quem a recategorização nunca é um processo linear, mas, sim, uma construção de idas e vindas, até que se dê por satisfeita a negociação de sentidos empreendida em um projeto de dizer.

Outra pista que não devemos desprezar são as siglas que aparecem dispostas pelo cartaz: “PÓS FILO” e “UFRGS”, as quais nos relevam que o cartaz pertence a um grupo de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Isso indicia possíveis interlocutores que sustentam esse posicionamento argumentativo, assim como justifica a referência a Michel Foucault, importante filósofo e crítico literário de sua área e caro a estudos da filosofia. No cartaz, há uma orientação argumentativa que se constrói pelos referentes inferidos a partir das expressões referenciais com nome próprio, reforçando nossa tese de que os processos referenciais com nome próprio compõem as estratégias argumentativas do texto.

Sendo o propósito desse subtipo da seção de análise de dados descrever a participação dos nomes próprios nas etapas de construção de referência, recortamos, dentre os 20 textos que compuseram nossas análises, 7 ocorrências mais representativas de nossas hipóteses para explicitar no corpo desta dissertação. Comprovamos que há, desde o modo de apresentação do referentes, em muitos casos, por amálgama, às retomadas recategorizadoras, um posicionamento argumentativo do locutor. Comprovamos também que, nas retomadas anafóricas, há uma recategorização instantânea, de forma mais intensa, nos textos curtos, levando a transformações do objeto de discurso, o que contribui para a orientação argumentativa. Dessa forma, concluímos que essas manobras discursivas mobilizadas no texto

permitem expressar, com criatividade e eficácia, um ponto de vista, o qual é uma condição necessária à condução argumentativa que o locutor pretende desenvolver no texto com vistas a influenciar os modos de ver e sentir do locutor, podendo mudar seu modo de agir sobre as coisas. (AMOSSY, 2011)

Essas considerações confirmam a importância de analisar os processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas, tendo em vista que o locutor, intencional e “constrangido” por suas próprias ideologias, ao selecionar um processo referencial, prevê determinados efeitos persuasivos em seu interlocutor, podendo este fazer essas associações ou outras não previstas.

Sendo o propósito desse subtipo da seção de análise de dados descrever a participação dos nomes próprios nas etapas de construção de referência, recortamos, dentro os 20 textos que compuseram nossas análises, 7 ocorrências mais representativas, as quais pudessem comprovar que há, desde o modo de apresentação do referentes, em muitos casos, por amálgama, a estreia de dois referentes de forma simultânea e há um posicionamento argumentativo do locutor; e nas retomadas anafóricas, há uma recategorização instantânea, de forma mais intensa, nos textos curtos, levando a transformações do objeto de discurso, o que contribui para a orientação argumentativa. Dessa forma, concluímos que essas manobras discursivas mobilizadas ao texto emitem um ponto de vista, o qual é relevante e uma condição necessária à condução argumentativa que o locutor almeja expor no texto com vistas a influenciar os modos de ver e sentir do locutor, podendo mudar seu modo de agir sobre as coisas. (AMOSSY, 2011)

Essas considerações confirmam a importância de analisar os processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas, tendo em vista que o locutor, intencional e “constrangido” por suas próprias ideologias, ao selecionar um processo referencial, prevê/simula determinados efeitos persuasivos em seu interlocutor, podendo este fazer essas associações ou outras não previstas.

4.3.2 Processo de formação de nomes próprios: amálgamas e trocadilhos

Esta seção responde a uma hipótese de pesquisa desta dissertação, a qual busca explicar como determinadas modificações de natureza morfológica, nas expressões referenciais presentes no cotexto, exercem efeitos persuasivos e corroboram a orientação argumentativa do texto. Com esse intuito, apresentamos 3 ocorrências mais significativas do fenômeno em análise; nestes casos, observamos o fenômeno da amálgama, que, segundo

Monteiro (2002), se define como um processo de formação de palavras que une partes de vocábulos diferentes. Nas textos coletados do ano de 2016, há diversos *post de facebook*, *post de twitter*, a exemplo de publicações do colunista José Simão⁴⁰, que apresentam *amálgamas* entres partes de nomes próprios. Isso resulta em uma estratégia argumentativa do locutor, evidenciando uma crítica social, às vezes carregada de humor, de sátira, e às vezes carregada de um tom irônico, em gêneros discursivos diversos. Optamos por descrever essas ocorrências numa análise local do fenômeno e apoiamo-nos, nestes casos, como categoria de análise, em Monteiro (2002). Vejamos o exemplo abaixo, o qual descrevemos, acerca das etapas de construção da referência, na primeira seção de análise:

(37)

Frankstemer! Nobel da Economia!

[...]

Rarará!

E atenção! "Piauí Herald": "Após aumentar gastos públicos para conter a crise, Temer é indicado para o Nobel da Economia". A Câmara aprovou aumento da crise econômica: aumentou o Judiciário, os funcionários públicos, os militares e a mesada do Michelzinho.

Rarará!

[...]

E o Cunha, o Chicuncunha? "Destino de Cunha está nas mãos do PRB de Russomanno". Está em boas mãos! Bom para ambos os lados!

[...]

(Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1777984-frankstemer-nobel-de-economia.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2017)

Retomamos, propositalmente, o excerto analisado na ocorrência (30) desta dissertação para que pudéssemos oferecer explicações sobre as modificações de natureza morfológica presentes nas expressões referenciais. No texto acima, ocorre já no título uma modificação morfológica denominada como amálgama. Neste caso, ocorre a junção das expressões referenciais, “Frankenstein” e “Temer”. Neste caso, a primeira expressão perde certos elementos; já a expressão “Temer” substitui a partícula “tein”, em função de uma aproximação vernácula. Os termos possuem uma semelhança de escrita e até pronúncia, o que permite ao locutor fazer esse trocadilho, que se dá em função de mudança na estrutura linguística, o que engatilha uma recategorização do referente “Michel Temer”. Nesse ponto, o locutor crê que seu interlocutor, por meio dos conhecimentos compartilhados de que a figura do presidente não apresenta uma aprovação social, compreenda o efeito humorístico que se dá nesse jogo de palavras.

⁴⁰ “Frankstemer investe na educação” (Disponível em: <https://twitter.com/jose_simao/status/760504730082762752>. Acesso em: 24 mar. 2018)

Convocamos França (2006), que analisa a construção linguística do humor nas crônicas de José Simão e que considera a figura de comunhão *alusão* prevista na Retórica (PERELAM; TYTECA, 2005) como uma espécie de ligação/intimidade entre locutor e auditório através dessa cooperação, que ocorre pelos conhecimentos compartilhados especificamente entre eles, gerando uma *comunhão*. Apesar de não ser nosso objetivo analisar técnicas argumentativas, salientamos que os nomes próprios são extremamente alusivos, uma vez que evocam personagens, como, no caso acima, do filme *Frankenstein*, nos termos da intertextualidade estrita, eixo investigativo explorado por Carvalho (2017).

No caso das *amálgamas*, há uma alusão a outros personagens, referentes, que são evocados para construir um caráter lúdico. Então, a expressão *Fransktemer* é alterada com a finalidade satirizar a figura de Michel Temer, comparando-o ao personagem *Frankenstein*. Isso é possível devido ao reconhecimento dos dois sentidos, o que auxilia o efeito cômico da *amálgama*.

A expressão “ChicunCunha” é outro caso semelhante ao analisado, tendo em vista que comporta uma junção, por meio da *amálgama*, entre os nomes próprios “Chicungunya” e “Cunha”, evidenciando esse processo de formação de nomes personativos previsto por Monteiro (2002). Perceba-se que o locutor realça o nome próprio “Cunha” com letra maiúscula fazendo alusão ao ex-presidente da Câmara dos deputados Eduardo Cunha e, ao mesmo tempo, à doença “Chicungunya”. O efeito persuasivo que essas mudanças provocam na construção referencial pode se dar também na retomada recategorizada, o que ocorre no trecho “E o Cunha, ChicunCunha?”, oferecendo acréscimos de informações ao referente “Eduardo Cunha”.

Essa aglutinação, permitida por meio da *amálgama*, é caracterizada nesta dissertação como uma estratégia persuasiva, pois o interlocutor é levado a entender que o referente “Eduardo Cunha” é comparado ao vírus da doença *Chicungunya*, o que nos leva a considerar que há um ponto de vista relacionado a uma desaprovação à política praticada por essa figura pública, usando o nome próprio como uma forma de ridicularizar, explicitamente, Eduardo Cunha. Desse modo, essa *amálgama* favorece uma transformação do referente ao acrescentar-lhe certos atributos, como o de maléfico, pela comparação do referente Eduardo Cunha a uma doença viral *Chicungunya*.

Vale salientar que o político Eduardo Cunha se destacou nos acontecimentos políticos no ano de 2016 ligados a sua posse como presidente da Câmara, o qual presidiu o processo de *Impeachment* de Dilma Rousseff e, após isso, Eduardo Cunha foi cassado de seu mandato devido à quebra de decoro parlamentar no 12 de setembro de 2016.

Esse caso se aproxima da ocorrência (37) também pelo modo como a expressão é transfigurada; há, inicialmente, pressupondo o direcionamento de leitura ocidental, da esquerda para a direita, uma remissão à doença *Chicungunya* e, em seguida, ao referente Eduardo Cunha. Salientamos que não estamos excluindo outras possibilidades de acesso aos referentes, dependentes do tempo de processamento e das experiências e interesses de cada interlocutor. Pode-se defender que se acessam os dois referentes simultaneamente, ou que a doença *Chicungunya*, de forma instantânea, produz uma recategorização no referente “Eduardo Cunha”, tendo em vista que outras associações podem se realizar na negociação.

Vejamos mais um caso de *amalgama* a seguir:

(38)

Bolsominions: quem são e do que se alimentam

As violentas reações dos seguidores de Bolsonaro ao meu artigo neste jornal, onde denunciei seu crime de apologia à tortura, não são um fato isolado. Devem ser estudadas como um fenômeno complexo, de expressão contemporânea, mas com raízes muito mais antigas.

Talvez possamos recorrer ao conceito de "narcisismo das pequenas diferenças", explorado por Sigmund Freud nos textos *Psicologia de grupo* (1921) e *Mal-estar na Civilização* (1930). Para Freud, a civilização, sob o império da lei, é a responsável pela inibição da agressividade humana, que é uma expressão narcísica do ego. No entanto, tal narcisismo agressivo rompe a barreira do recalque e se manifesta publicamente quando incentivado por líderes que se supõem acima da lei (e, portanto, da civilização) ou quando avalizados por um grupo que recorre a pequenas diferenças em relação ao outro para justificar a barbárie.

Os bolsominions se encaixam em ambos os casos. Seguem o líder, a quem chamam de mito, e dão vazão aos recalques narcísicos atacando as diferenças de grupos que elegem como rivais. Daí a constante referência agressiva a homossexuais, negros e feministas. Em muitos casos, tal referência esconde algo ainda mais profundo: um desejo reprimido de ser o outro. Por isso, considero muito provável a hipótese de o deputado Bolsonaro usar a violência contra grupos LGBT como forma de reprimir seu próprio desejo homossexual.

[...]

(Disponível em: < <https://extra.globo.com/noticias/brasil/contra-a-corrente/bolsominions-quem-sao-do-que-se-alimentam-19177930.html> >.
Acesso em: 01 mai. 2017.

A ocorrência (38) corresponde a um excerto do artigo de opinião publicado por Felipe Pena no site *globo.com* em 27 de abril de 2016. O texto foi publicado em resposta aos ataques sofridos pelo jornalista Felipe Pena, o qual afirma ter sido hostilizado por apoiadores do deputado federal Jair Bolsonaro, após denunciar o crime de apologia à tortura cometido

pelo deputado em questão. No texto acima, é perceptível que já no título a expressão “Bolsominions” apareça marcada por uma amálgama entre os nomes próprios “Bolsonaro” e “Minions”. Neste caso, há uma alusão aos personagens Minions, do filme *Meu malvado favorito*, que formam um exército, com a função de servir e ajudar os vilões. Essa modificação morfológica permite recategorizar, instantaneamente, os seguidores do deputado Bolsonaro, comparando-os aos Minions, seguidores de vilões no cinema. Neste caso, a transformação se dá no seguinte movimento: Bolsonaro > Minions; o nome próprio Bolsonaro perde uma parte da palavras, enquanto o nome próprio Minions se mantém sem alterações na estrutura linguística, o que permite considerar a interpretação de que o interlocutor acessaria o referente Bolsonaro e em seguida associaria aos Minions, seguidores do deputado.

Isso promove uma tentativa de trazer um ponto de vista, uma crítica à conduta dos seguidores do político em questão, aspectos que se confirmam pelas informações seguintes “as violentas reações dos seguidores de Bolsonaro”; “fenômeno complexo de expressão contemporânea”.

Para consolidar nossa tese sobre a amálgama, vejamos novamente o excerto da crônica de José Simão intitulada *Ueba! Dilma viaja de vaquinha!* a seguir:

(39)

Ueba! Dilma viaja de vaquinha!

[...]

E mais um réu na Réupública! Bolsonaro virou réu. Virou Bolsoréu!
 O Bolsonaro é o Trump tupiniquim. O Boçalnaro é contra os gays, mas adora uma ditadura! Rarárá!
 #NãoSomosTodosBOÇALNARO!
 Rarárá!
 É mole? É mole, mas sobe!
 Os Predestinados! Ops, a predestinada!
 Coordenadora do Atendimento do Procon RJ: Soraia PANELLA!
 Rarárá!
 Sabe aquela panela que você bateu, bateu, bateu, bateu até que furou? Vai reclamar com a Soraia!
 Rarárá!
 Nós sofre, mas nós goza!
 Hoje só amanhã
 Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

(Disponível:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1784392-ueba-dilma-viaja-de-vaquinha.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2017)

A crônica acima foi publicada dia 23 de junho de 2016 e faz referência ao período no qual o deputado Jair Bolsonaro foi criminalizado pelo Supremo Tribunal Federal – STF - por apologia à tortura e injúria.⁴¹ Sendo o propósito desta seção fazer uma análise local do fenômeno da amálgama, analisamos as expressões “Réupública”, “Bolsoréu” e “Boçalnaro” e os efeitos persuasivos que ocorrem com essas modificações morfológicas.

Em “Réupública, não há antropônimos, nomes próprios de pessoa, todavia a junção entre “réu” e “república”, possibilitada pelo processo de formação de palavras, a amálgama, gera um trocadilho que evidencia uma opinião do locutor acerca do regime republicano brasileiro, no qual, pelas pistas, seria considerado como uma sequência de condenações de políticos, tornando-se uma “Réupública”. A expressão “Bolsoréu” ocorre por meio da junção entre o nome próprio “Bolsonaro” e o nome comum “réu”; neste caso, o nome próprio perde a última parte da palavra e dá lugar à palavra “réu”, gerando a expressão amalgamada em questão. Essa mudanças possibilitam a recategorização do referente Jair Bolsonaro, que já passa a ser reconstruído no texto como “réu”, “Trump tupiniquim e “Boçalnaro, por exemplo. Os efeitos persuasivos tendem ao humor, assim como na ocorrência (37), e à crítica social, assim como na ocorrência (38).

Esses efeitos persuasivos, partindo da hipótese de Cavalcante (2017) que todo texto é argumentativo, conduzem a orientação persuasiva do texto, constituindo o ponto de vista do locutor e auxiliando, por meio de um arranjo de estratégias argumentativas, sua intenção de influenciar o modo de agir e ver do interlocutor (AMOSSY, 2011). Dessa forma, o modo de apresentação (CAVALCANTE e BRITO, 2016) e o modo de retomada anafórica, particularmente, por intermédio dos nomes próprios, é relevante à orientação argumentativa do texto.

⁴¹ A crônica faz alusão à notícia *Bolsonaro vira réu no STF, acusado de incitar estupro em briga com deputada* divulgada pela jornal *F. de São Paulo* no dia 21 de junho de 2016. (Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/06/1783973-bolsonaro-vira-reu-no-stf-por-fala-sobre-estupro-de-deputada.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2017)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossas investigações acerca dos processos referenciais por nomes próprios nos levaram a questões amplas, tendo em vista a riqueza de ocorrências que surgiram durante o espaço de dois anos de realização dessa pesquisa. Nosso interesse envolvia aspectos plenamente culturais, ao analisar os nomes próprios numa perspectiva da linguística de texto e do processo de referenciação, tendo em vista que o nome próprio no contexto brasileiro carrega motivações históricas e sociais muito fortes como apresentamos nas considerações iniciais deste trabalho. Esse aspecto vai ao encontro da definição de referente, uma vez que este se constrói no texto discursivamente por intermédio dos conhecimentos partilhados e experiências culturais negociados na situação de enunciação.

O principal objetivo desta pesquisa foi analisar os processos referenciais por nome próprio, introduções e anáforas diretas e indiretas, explicando como esses tipos de processos referenciais podem figurar como estratégias na dimensão argumentativa dos textos. Analisamos o nome próprio como objeto *de discurso* e não como objeto *do mundo*, o que pautou nosso caminho pela Linguística Textual, especificamente, pela referenciação e nos afastou do ponto de vista da Filosofia da Linguagem, assim como a perspectiva funcionalista e puramente semântica da linguística. Atentamos para dois eixos principais, os quais compuseram nossas hipóteses: as etapas de construção da referências, apresentação e retomadas recategorizadoras; e os efeitos persuasivos das modificações morfológicas na estrutura linguística das expressões referenciais com nomes próprios.

Dessa forma, foi necessário delimitar nosso olhar sobre esse fenômeno e destinar nossa preocupação aos processos de apresentação, modo como os referentes são introduzidos por nomes próprios no contexto, muitas vezes, modificados morfológicamente por amálgamas; e retomadas recategorizadoras, processos anafóricos, diretos e indiretos, pelos quais as expressões referenciais com nomes próprios transformavam os objetos de discurso possibilitando acréscimos e confirmações dos referentes. A seguir, resumimos algumas considerações finais desta pesquisa.

Delimitamos as ocorrências a textos publicados no ano de 2016, os quais pautavam fatos políticos de grande repercussão nacional, como o *Impeachment* de Dilma Rousseff, as investigações da Operação Lava Jato, principalmente relacionadas ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a cassação do mandato do político Eduardo Cunha, a posse do presidente Michel Temer, a exposição da figura de primeira-dama de Marcela Temer aos holofotes midiáticos, os escândalos políticos envolvendo o deputado federal Jair Bolsonaro, entre outros

divulgados em artigos de opinião em diversos sites, em crônicas jornalísticas publicadas por José Simão na *F. de São Paulo*, em charges e em *posts* de *facebook* e *posts* de *twitter*. Seleccionamos 20 textos para compor nosso quadro de ocorrências do fenômeno, sendo destinados à dissertação 10 textos para análise das hipóteses. As especificidades e os resultados obtidos serão expostos a seguir.

Após realizar as análises das ocorrências, em relação à primeira hipótese, a qual se voltava para as etapas de construção da referência de Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2016), constatamos que, na etapa de apresentação, o referente evocado por nome próprio, muitas vezes, apresenta um caráter alusivo, levando a efeitos humorísticos, persuasivos. Nesses casos, aponta um ponto de vista já na introdução referencial, principalmente, quando há uma amálgama na estrutura linguística da expressão referencial que introduz o referente. Concluimos também que os nomes próprios aparecem com frequência no processo anafórico das retomadas recategorizadoras, como anáforas diretas e indiretas, principalmente por relações predicativas de natureza metafórica, porém esse efeito não foi analisado nesta dissertação apenas sob um olhar semântico e cognitivo, como descrito por Jonasson (1994), mas sob uma perspectiva sociocognitiva e discursiva, percurso inerente aos estudos da Linguística de Texto que assumimos em nossa dissertação.

Essas retomadas anafóricas por nome próprio possibilitam uma progressão do objeto de discurso a partir de informações que são acrescentadas pelos nomes próprios, em virtude, essencialmente, das evidências de estereotipia. Além disso, orientam um ponto de vista do locutor e influenciam a condução argumentativa do texto de forma a guiar e a influenciar o interlocutor nos modos de ver e sentir (CAVALCANTE, 2017; AMOSSY, 2011), sendo, portanto, os processos referenciais por nome próprio uma das estratégias argumentativas mobilizadas pelo interlocutor na orientação argumentativa da unidade textual. Todavia, salientamos que essas relações se dão devido, principalmente, ao caráter essencialmente intertextual dos nomes próprios que possibilita fazer alusões, amplas e estritas diversas, a depender do modo como os nomes próprios são dispostos nos processos referenciais.

Após realizar as análises das ocorrências, na segunda hipótese, quanto aos aspectos formais das expressões referenciais com nome próprio, verificamos que a amálgama, descrita como um processo de formação de palavras por Monteiro (2002), configura um efeito persuasivo para a construção do objeto de discurso desde a apresentação, na introdução referencial, às retomadas recategorizadoras, nas anáforas direta e indireta. Desse modo, esse processo morfológico possibilita a entrada de dois referentes simultâneos e pode marcar, já na introdução referencial, um ponto de vista a ser confirmado ao longo do texto. Outra marca

relevante diz respeito à desinência de plural –s. Podemos, nessas análises, perceber que os nomes próprios no plural passam a ser representações coletivas e estereotipadas, relevantes para a recategorização do objetos de discurso.

Desse modo, mediante o percurso desenvolvido nesta dissertação, comprovamos a relevância de considerar a escolha dos processos referenciais por nome próprio, por meio, principalmente, das recategorizações que se dão em função desses nomes, uma estratégia argumentativa mobilizada para a orientação argumentativa do texto.

Algumas questões relevantes, em virtude do recorte realizado em nossas hipóteses, podem ainda ser desenvolvidas em outras pesquisas posteriores, como a relação dos nomes próprios como evidências de estereotipia nos textos. Nesta dissertação, explicamos como certas recategorizações do objeto de discurso se dão numa relação abstrata com estereótipos culturais presos a figuras públicas, personagens emblemáticas no meio social, por exemplo, representantes políticos.

Outro aspecto relevante a ser discutido sobre os nomes próprios diz respeito ao uso de pseudônimos em *fakes*, perfis falsos em redes sociais com intuito de garantir o anonimato, nos espaços de discussão virtual a fim de tecer pontos de vistas e até disparar agressões, promovendo uma violência verbal, tal como sugerida por Amossy (2017). Esses perfis, que apresentam nomes próprios escolhidos estrategicamente, podem auxiliar a orientação argumentativa do texto, sendo, portanto, um caminho investigativo a ser percorrido por outras pesquisas. Outras investigações poderiam se destinar também a examinar como a escolha desses nomes próprios, ligados a identidades sociais, pode ser uma estratégia argumentativa nos textos a fim de orientar um ponto de vista.

Quanto ao aspecto morfológico, restringimo-nos à análise das amálgamas, mas seria possível ainda aprofundar essa investigação fazendo uma descrição sobre o uso afetivo e irônico das desinências de diminutivo como efeito persuasivo nos textos, assim como o uso da desinência de plural para marcar uma representação coletiva, o que possibilita uma espécie de inscrição do social no texto, possibilitando uma relação entre os processos referenciais por nome próprio, na Linguística Textual, e os estudos sobre estereótipo da Análise do Discurso.

REFERÊNCIAS

ADAM, J. M. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. Trad. de Mônica Magalhães Cavalcante (Org.) et al. São Paulo: Contexto, 2017.

_____. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. In: **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, nov. 2011, p. 129-144.

_____. **La présentation de soi**. Ethos et identité verbale. Paris: Press Universitaires de France, 2010.

AMOSSY, R.; HERCHBERG PIERROT, A. **Estereotipos y clichés**. Buenos Aires: Eudeba, 2001. [Tradução livre de Maiara Sousa Soares]

APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: **Referenciação**. Mônica Magalhães Cavalcante, Bernadete Biasi Rodrigues, Alena Ciulla (org.). São Paulo, Contexto, 2003

APOTHÉLOZ, D., REICHLER-BÉGUELIN, M. J. Construction de la référence et strategies de designation. In: BERRENDONNER & REICHLER-BÉGUELIN, M. J. (eds.). **Du sintagma nominal aux objets-de-discurso**. Neuchâtsh, Université de Neuchâtsh. p. 227 – 271, 1995. [Tradução livre de Mônica Magalhães Cavalcante]

BASSETTO, L. M. T. **O funcionamento de nomes próprios no processo de referenciação**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2015.

BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões referenciais: uma proposta classificatória**. Cadernos de Estudos Linguísticos. Campinas: UNICAMP. 2003.

_____. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

_____. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

_____. Estratégias de persuasão: a contribuição da Linguística Textual para o ensino e para a pesquisa. In: **Conferência apresentada por ocasião do X Congresso Internacional da Abralín**. Nitéroj, 2017.

CAVALCANTE, M; CUSTÓDIO FILHO, V; BRITO, Mariza. A.P. **Coerência, Referenciação e Ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

- CAVALCANTE, M. M; BRITO, M. A. O. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. In: **Estudos do discurso: caminhos e tendências**. São Paulo: Editora Paulistana, 2016. Disponível em: <http://cied.fflch.usp.br>. Acesso em: 01 out. 2017.
- CAVALCANTE, M. M; SOARES, M. S. Recategorização por nome próprio nos processos referenciais. **Revista de Letras**. Fortaleza. vol. 2, nº. 36, p. 115-126, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.ufc.br/revletras/article/viewFile/31259/71743>>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- CARVALHO, A. P L de. **Intertextualidade estritas e amplas**. Tese em andamento (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2004.
- CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico In: CAVALCANTE, M.M.; RODRIGUES, B. B. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 329f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- ESTEVES, L. B. **Funções discursivas dos processos referenciais de encapsulamento em artigo de opinião**. 113f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FRANÇA, M. T. R. de. **A construção linguística do riso nas crônicas de José Simão**. 304f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade de São Paulo, São Paulo 2006.
- FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. In: **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- GARY-PRIEUR, M-N. Le nom propre constitue-t-il une catégorie linguistique ?. In: Langue française, nº92, 1991. In: **Syntaxe et sémantique des noms propres**. pp. 4-25; doi : 10.3406/lfr.1991.6209 Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/lfr_0023-8368_1991_num_92_1_6209>. Acesso em: 06 jun. 16.
- HOUAISS. A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aumentada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- JONASSON, K. **Le nom propre: constructions et interprétations**. Lourain-la- Neuve: Duculot, 1994.

KLEIBER, G. **Du nom propre non modifié au nom propre modifié : le cas de la détermination des noms propres par l'adjectif démonstratif**. In: *Langue française*. n°92, 1991. pp. 82-103.

KOCH, I. G.V. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KRILINCHIN, M. O nome próprio histórico como meio argumentativo nos discursos epidícticos sobre arte. Trad. Silvana Gualdieri Quagliuolo Seabra. Rev. Trad. Moisés Olímpio-Ferreira. In: **EID&A. Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discursos e Argumentação**, Ilhéus, 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

LYONS, J. **Semântica I**. Lisboa: Editorial Presença, 1977.

MACEDO, P. S. A de. **Elementos textuais para uma análise argumentativa do discurso**. Tese em andamento (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017

MARCONI, M.A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCUSCHI, L. A. **Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos na produção de sentido**. In: Gelne, 2-4 de setembro 1998 (Mimeo).

MARCUSCHI, L. A; KOCH, I.G.V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: Abaurre, M.B (Org.) **Gramática do português falado**. Campinas: Ed. Da Unicamp/ Fapesp, 1998.

MATOS, J. G. **A construção das redes referenciais na nota jornalística: uma proposta de descrição**. Tese em andamento (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017

MILL, J. S. Sistema de lógica dedutiva e indutiva e outros textos. In: BENTHAM, J. **Uma introdução aos princípios da moral e da legislação**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os pensadores, v. 34.)

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia do Português**. Campinas: Pontes, 2002.

MUSSALIM, F.; FONSECA-SILVA, C. Estereótipos de gênero e cenografias em anúncios publicitários. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L.(orgs.) **Fórmulas discursivas**. São Paulo: Contexto, 2011.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SILVA, F. O. **Formas e funções das introduções referenciais**. 126f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

ANEXOS

(30) (31) (37)

Frankstemer! Nobel de Economia!

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!

Cartaz em São Gonçalo: "Promoção Dia dos Namorados! Pé, mão, escova e mais depilação do xibiu e furico, R\$ 100".

Pacotão dos namorados! E, pra quem não sabe, xibiu é perereca. E furico é furico.

Ou, como diz na Bahia: partes "pordentras". Rarará!

E atenção! "Piauí Herald": "Após aumentar gastos públicos para conter a crise, Temer é indicado para o Nobel da Economia".

A Câmara aprovou aumento da crise econômica:

Aumentou o Judiciário, os funcionários públicos, os militares e a mesada do Michelzinho.

Rarará!

E diz que o Michelzinho vai entrar para a revista "Forbezinha"!

E o "Piauí Herald" acrescenta: aprovaram também o Auxílio Mesóclise.

Para os deputados entenderem o que o Temer fala: "Aumentá-lo-ei". Não fale em crise, aumente!

E a Dilma é a Rainha do Pitaco! Tudo que o Frankstemer faz, ela: "Não disse, não falei, eu avisei, no meu tempo".

Ela devia ser comentarista de futebol. Chata de plantão! Rarará!

Putarquia Britância! Depois que pegaram o Gay Charles, a Biba de Windsor, beijando um ninfeto, um boy magia, mudaram para: GOD SAVE THE DRAG QUEEN! Rarará!

Certo ele! Imagina transar com a Camila Parker Bowles, o Monstro do Lago Ness!

E a manchete do jornal "O Dia": "Até o Charles teve seu dia de princesa". Rarará!

E o Cunha, o Chicuncunha? "Detino de Cunha está nas mãos do PRB de Russomanno".

Está em boas mãos! Bom para ambos os lados!

O Cunha parece o Jason de "Sexta-Feira 13", não morre nunca!

E diz que a Petrobras pagou despesas pessoais de Dilma:

Pijaminha de flanela com estampa de Che Guevara, pedal da bicicleta e aquele vestido de rendão roxo! E o cabelo panetone do Celso Kamura! Rarará!

Nóis sofre, mas nóis goza! Hoje, só amanhã
Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

(Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1777984-frankstemer-nobel-de-economia.shtml>>. Acesso em: 06 jun. 2017)

(32) Ufa! Cunha foi pras cucunhas!

Buamba! Buamba! Macaco Simão! Urgente! O esculhambador-geral da República!
Deus ouviu nossas preces! O Cunha foi pras cucunhas.

O Cão! O Coisa Ruim! O Tião Gavião! O Chicuncunha! O Inominável! O Insepulto!
Rarará!

O Cunha tomou no Cunha!

E a Tia Eron? Tia Eron desceu do disco voador, disse SIM e virou celebridade. A Tia Eron virou celebridade!

E o "Piauí Herald": "Tia Eron desfilará em carro de bombeiro por dez cidades". Da Bahia a Curitiba!

E a Tia Eron parece a Olivia Pope, a moça da série "Scandal"!

Cassar é pouco, tem que afastar o Cunha do planeta Terra.

E essa cassação do Cunha vai ser uma cansação! Do verbo "cansar"! Deus Nos Acunha!

E um deputado aliado do Cunha comparou o Cunha a Joana D'Arc! Depois de queimada, virou santa! Rarará!

E, quando um cara é pego roubando no truco, o povo grita: "Cunha, um no dedo e dois na unha". Rarará! O Cunha tá sujo até no truco!

E o "Kibeloco": "A Dilma caiu, o Dunga caiu, o Cunha caiu. Agora só falta a tomada de três pinos!". Rarará!

Dia abençoado: nos livramos do Cunha e do Dunga.

E o tuiteiro Andrei Bombardelli: "O Cunha tomou na Dunga e o Dunga tomou no Cunha!"
Rarará!

E trocar o Dunga pelo Tite foi um bom negócio. A Selecinha não vai mais perder, só empatar. Empatite! Saiu o Dunga e entrou o Mestre! Mania de anão! Rarará!

E o Fernando Malddad tirando os colchões dos moradores de rua? O lençol ele deixa. Que fofó! Esperou o inverno pra fazer malddad?

E o Cunha não mentiu: "Eu não tenho dinheiro no exterior". E não tem mesmo. O dinheiro não é dele, É NOSSO!

E gosto quando o Cunha diz que não recebeu propina. Propina agora no Brasil tem livre-arbítrio! Voa e se deposita. A propina voou até a Suíça e disse pro gerente do banco: "Eu quero me depositar na conta do Cunha, mas não conta nada pra ele".

Rarará!

E vamos todos pra Suíça! Gastar a bufunfa do Cunha! É tudo nosso! Rarará!

Nóis sofre, mas nós goza!

Hoje só amanhã!

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

(Disponível: < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1782012-ufa-cunha-foi-pras-cucunhas.shtml> >. Acesso em: 06 jun. 2017)

(34) Temer! Palácio do Crepúsculo!

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!

Bafo da semana: os áudios do PMDB! Jucá, Renan e Sarney!

O Jucá fez cocô na sala. Uma cagada romérica. Rarará!

Por isso que ele era o ministro do Planejamento: tava planejando tudo. E tudo correu como planejado.

Impicharam a Dilma. Magra e com aquelas olheiras tá parecendo a Noiva Cadáver. Rarará!

E o melhor do áudio: "O Aécio vai ser o primeiro a ser comido".

Quem se candidata? O Ronaldo! O Frota tá na fila. E o Temer: "Se o Aécio aparecer aqui, comê-lo-ei".

O Frankstemer é o rei da mesóclise! Saiu a turma do "pobrema" e do "Pranalto" e entrou a turma do "lo-ei".

O PT vai pedir o impeachment da mesóclise! Rarará!

E o Temer com aquela cara de Drácula não pode morar no Palácio da Alvorada. Tem que mudar pra Crepúsculo! Palácio do Crepúsculo.

E o avião presidencial é o Sarcófago One!

E o Meirelles assumiu o Banco de Sangue Central. Vai chupar o sangue da gente! Rarará!

E a Marcela Temer é a Princesa da Disney. Vai morar num castelo de Lego!

Novo casal real: Drácula e Princesa da Disney!

E esse Machado grampeou o Renan e o Sarney! Não é Machado, é Serra Elétrica!
 O Renan Escandalheiros quer barrar a delação premiada. Só quer negação premiada.
 E como o Machado conseguiu gravar o Sarney? Voz do além! O Sarney tá mais vivo do que a gente pensa!
 Finado vivo! Moribundo de Fogo!
 Todos contra a Lava Jato. O impeachment não foi pra acabar com a corrupção, foi pra defender a corrupção! Troca de quadrilha! Troca de corruptos!
 E acabou Corpus Christi e começou o Corpus Alegres! Parada Gay!
 E o Boçalnaro vai? Não, o Boçalnaro foi pescar com o Ricky Martin e o Elton John. Rarará!
 A Marta não vai porque ela é ex-gay! Rarará!
 E recado aos homofóbicos: todo pit bull é uma Lassie enrustida!
 Rarará!
 E o Zé Dirceu precisa de umas quatro vidas pra cumprir todas as penas. E, quando voltar da quarta vida, vai direto pra cadeia.
 Nós sofre, mas nós goza!
 Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

(Disponível:< <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/05/1775994-temer-palacio-do-crepusculo.shtml/>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

(35) A república das Marcelas, o reino das princesas e o sonho das meninas

"Marcela amou-me durante 15 meses e 11 contos de réis, nada menos." Esta Marcela foi a paixão de juventude de Brás Cubas, o personagem-síntese do Brasil. Mas o nome também evoca outra Marcela, contemporânea e em tudo distinta da literária. A de Machado de Assis era mulher livre, dona de seu nariz. Perigosa. Tanto assim que o Cubas pai tratou de afastar o filho da moça. A Marcela de carne e osso carrega menos risco e nenhuma ambiguidade. Compartilha com a ficcional o enquadramento num certo ideal de mulher, regido pela beleza. Mas aí se esgota o paralelo.

A primeira-dama reza por brevíário mais simples e bem conhecido. Trafega em zona ultrassegura, nada precisa prover ou provar. Tem as contas pagas, as falas prontas, a vida decidida. Nem o nome do filho careceu escolher: no menino se reproduziu o senhor seu pai. Marcela não se exprime, comparece. No papel de compor a paisagem, talvez visasse o estilo Jackie Kennedy, da simplicidade elegante. Mas acabou em campo retrô, meio Barbie, meio Rapunzel, entre dois mundos, o da boneca, boa moradia para ex-miss dedicada ao consumo, e

o reino do faz de conta, onde se encastela qual a mocinha do cabelão. A senhora Temer pertence a uma linhagem, a das primeiras-damas decorativas, afeitas ao serviço social –a caridade, a filantropia e outras formas de generosidade talhadas para camuflar a desigualdade.

O que surpreende nela não é tanto a dedicação ao frívolo conjugada à inocência sobre o país –nisso, sua versão municipal, dona Bia Doria, já ocupa incontestemente o pódio. O que espanta é que, sendo tão jovem, seja tão tradicional. E que tome para si, no perfeito equilíbrio de orgulho e timidez esperado das recatadas, o papel de submissa, de secundária. Espanta que mulher de sua geração jogue o jogo de gênero de modo tão apaziguado.

Excluído o zumbido dos que protestam à sua porta contra o marido, nada parece perturbar seu prazer contido em habitar uma gaiola dourada. Obviamente não espanta a todos. Um bom naco do país festeja o retorno das coisas aos lugares de costume: os senhores no comando, as senhoras em casa –ou no shopping.

Termos tido uma presidente inflou fantasia maior que a dos contos de fada, a da igualdade de gênero, que se desmancha nos resultados eleitorais. Em São Paulo, onde reinará dona Bia, elegeram-se 11 candidatas, 20% da vereança, embora as mulheres sejam 52% da população municipal. Dados que decerto pouco afligem a nova primeira-dama paulistana. Dela pouco sobrou a dizer. Ela disse tudo em entrevista à Folha. Da cidade nada sabe. Sua geografia ajunta o Minhocão à Etiópia e não separa a Vila Nova Conceição da Park Avenue. Mas, afinal, quem vai gerir é o senhor seu marido.

A questão ultrapassa pessoas. O estilo das duas primeiras-damas exemplifica um modelo de comportamento feminino esperado. Recomendam às meninas se distanciarem dos assuntos públicos em troca de um reinado doméstico. Mais perigosa que sua xará ficcional, a Marcela de verdade encarna um ideal: o da princesa. É também o que orienta uma herdeira do reino Abravanel. Como não falta à moça capital para pôr devaneio em prática, tornou-se feliz proprietária de uma franquia da Escola de Princesas.

Segundo seu site, a escola visa meninas de 4 a 15 anos e promete "resgatar a essência feminina que existe em seus corações". As páginas são cor-de-rosa, com uma coroa em destaque. Na primeira, mini-Marcelas loirinhas e sorridentes propagandeiam o que aprendem: etiqueta e moda, casa e família, e todos os maneirismos das antigas sociedades aristocráticas. Saberão entreter, decorar, vestir, andar, receber e pensar como princesas.

E o que pensa uma princesa? O site: "O passo mais importante na vida de uma mulher é sem dúvida nenhuma o matrimônio. Nem mesmo a realização profissional supera as expectativas do sonho de um bom casamento. Enfim, a ideia do 'felizes para sempre' é o sonho de toda princesa".

A educação para o casamento avança com candura, como avançam pelo país os profetas do reino de Deus e os arautos do Estado liberal. Aí se abre amplo mercado para a herdeira de Silvio Santos. Se seguir a trilha dos negócios paternos, sua franquia logo abastecerá o país com profusão de princesinhas, prontas a seguirem em júbilo os passos de Marcela.

Neste universo, de circunferência cada vez mais dilatada, a primeira-dama não destoa, reina. O lema da escola é o seu: "Todo sonho de menina é tornar-se uma princesa". O sonho de toda menina devia ser se tornar o que quiser. A próxima presidente, se a tivermos, prestará grande serviço se extinguir o cargo das senhoras Temer e Doria. O país não precisa de primeiras-damas nem de princesinhas. Precisa de mulheres de nervo e cérebro. As princesas podem ir morar lá no reino ao qual pertencem, o do passado.

(Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/angela-alonso/2016/10/1825018-a-republica-das-marcelas-o-reino-das-princesas-e-o-sonho-das-meninas.shtml>>. Acesso em: 01 mai. 16)

(38) Bolsominions: quem são e do que se alimentam

As violentas reações dos seguidores de Bolsonaro ao meu artigo neste jornal, onde denunciei seu crime de apologia à tortura, não são um fato isolado. Devem ser estudadas como um fenômeno complexo, de expressão contemporânea, mas com raízes muito mais antigas.

Talvez possamos recorrer ao conceito de "narcisismo das pequenas diferenças", explorado por Sigmund Freud nos textos *Psicologia de grupo* (1921) e *Mal-estar na Civilização* (1930). Para Freud, a civilização, sob o império da lei, é a responsável pela inibição da agressividade humana, que é uma expressão narcísica do ego. No entanto, tal narcisismo agressivo rompe a barreira do recalque e se manifesta publicamente quando incentivado por líderes que se supõem acima da lei (e, portanto, da civilização) ou quando avalizados por um grupo que recorre a pequenas diferenças em relação ao outro para justificar a barbárie.

Os bolsominions se encaixam em ambos os casos. Seguem o líder, a quem chamam de mito, e dão vazão aos recalques narcísicos atacando as diferenças de grupos que elegem como rivais. Daí a constante referência agressiva a homossexuais, negros e feministas. Em muitos casos, tal referência esconde algo ainda mais profundo: um desejo reprimido de ser o outro.

Por isso, considero muito provável a hipótese de o deputado Bolsonaro usar a violência contra grupos LGBT como forma de reprimir seu próprio desejo homossexual.

Quando alguns críticos consideram a palavra nazista exagerada para definir um bolsominion, sempre pergunto se as características citadas por Freud nos parágrafos acima não estavam presentes também na Alemanha da década de 1930. Da mesma forma, recorro a algumas condições históricas, como crise econômica, desgaste da esquerda, falta de representatividade política e a busca por um salvador da pátria. Não estaria sendo pavimentado o caminho para um totalitarismo nazifascista no país? Ou vocês ainda acham que é exagero?

Além de Bolsonaro ter 8% de intenções de voto na última pesquisa do IBOPE (o que significa o apoio de mais de 10 milhões de pessoas), sua página no facebook tem quase 3 milhões de seguidores. É lá que os bolsominions combinam de hostilizar os grupos e pessoas com quem têm as diferenças narcísicas.

Eles usam a expressão "vamos lá oprimir". E, juntos, reverenciam o líder, atacam o "inimigo" e se masturbam mutuamente através dos xingamentos que utilizam. Já vimos esses acontecimentos na história recente. A praça virtual pode se transformar na praça do seu bairro rapidamente.

Tirem as próprias conclusões a partir de alguns dos comentários dos bolsominions em minha página no facebook:

"Felipe, seu lixão."

"Vagabundo. Tu é gay?"

"Não entendi as críticas ao coronel Ustra. Sim, ele torturou e matou. Mas eram comunistas."

"Comunista de merda."

"Coronel Ustra, herói nacional."

"Felipe Pena, você é um escroto humano."

"Vai pro diabo que te carregue."

Este último comentário é assinado por Geová Vieira.

Geová é um nome bíblico.

Mas isso é assunto para uma outra coluna.

(Disponível:< <https://extra.globo.com/noticias/brasil/contra-a-corrente/bolsominions-quem-sao-do-que-se-alimentam-19177930.html>>. Acesso em: 01 mai. 2017.

(39) Ueba! Dilma viaja de vaquinha!

Buamba! Buamba! Macaco Simão Urgente! O esculhambador-geral da República!

Piada Pronta: "Hélio Gaiarria pede o comando de Itaipu". Vai dar apagão!

O senador Gaiarria quer o comando de Itaipu para votar a favor do impeachment.

Chegou a conta do impeachment. Ou você acha que o impeachment foi de graça?

Rarará!

Outra piada pronta: "Juiz solta ladrão e é assaltado por ele na saída do fórum".

O juiz soltou o ladrão porque achava que ele não apresentava periculosidade.

Aí o ladrão saiu, arrumou uma AK-47 ali na esquina mesmo e assaltou o juiz. Só pra provar que o juiz tava errado!

Rarará!

E adorei a charge do Pelicano com o Cunha: "Não renunciei e não vou delatar". E o

Congresso: "UFA! UFA! UFA!". Rarará!

E atenção! "Dilma vai viajar de vaquinha." Não, ela não vai viajar no lombo da vaquinha. Ela vai fazer uma vaquinha pra viajar, financiamento coletivo! Crowdfunding!

O Frankstemer não libera o avião, O PT não quer pagar mais. Ela viaja com uma galera! Sabe aquela que é convidada pra uma festa e chega com mais dez?

Moral da vaquinha da Dilma: em tempo de vacas magras, viaja-se de vaquinha!

Rarará!

E vou colaborar com a própria vaquinha: a Mimosa. Que tá lá no sítio com aftosa e babando óleo!

E um amigo vai colaborar abastecendo a vaquinha, vai mandar capim! Rarará!

E a Dilma assegura que a vaquinha não é Friboi! Rarará!

E mais um réu na República! Bolsonaro virou réu. Virou Bolsoréu!

O Bolsonaro é o Trump tupiniquim. O Boçalnaro é contra os gays, mas adora uma ditadura!

Rarará!

#NãoSomosTodosBOÇALNARO!

Rarará!

É mole? É mole, mas sobe!

Os Predestinados! Ops, a predestinada!

Coordenadora do Atendimento do Procon RJ: Soraia PANELLA!

Rarará!

Sabe aquela panela que você bateu, bateu, bateu, bateu até que furou? Vai reclamar com a Soraia!

Rarará!

Nóis sofre, mas nóis goza!

Hoje só amanhã

Que eu vou pingar o meu colírio alucinógeno!

(Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1784392-ueba-dilma-via-ja-de-vaquinha.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2017)